

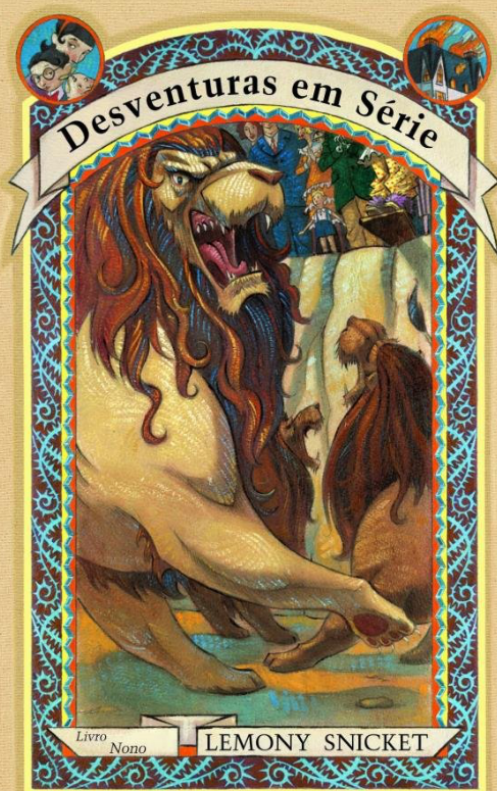


* O ESPETÁCULO CARNÍVORO *


CIA. DAS LETRAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



* O ESPETÁCULO CARNÍVORO *


CIA. DAS LETRAS

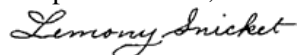
Caro Leitor,

Se você esperava encontrar uma história tranquila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês tem uma leve noção da incrível má sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.

Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, veem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver.

Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.

Respeitosamente,

A handwritten signature in cursive script that reads "Lemony Snicket".

Lemony Snicket

Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?



VIOLET BAUDELAIRE tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.



KLAUS BAUDELAIRE, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.



SUNNY BAUDELAIRE, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.



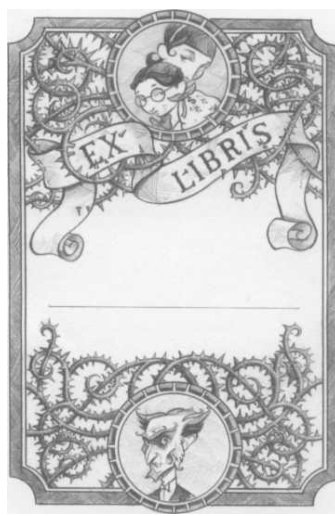
E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado

aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: www.lemonysnicket.com (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist**, nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times*.



✱ Desventuras em Série ✱

Livro primeiro *Mau começo*

Livro segundo *A Sala dos Répteis*

Livro terceiro *O lago das sanguessugas*

Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*

Livro quinto *Inferno no colégio interno*

Livro sexto *O elevador ersatz*

Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*

Livro oitavo *O hospital hostil*

Livro nono *O espetáculo carnívoro*

Livro décimo *O escorregador de gelo*

Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*

Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*

Livro tredécimo *O Fim*

✧ Desventuras em Série ✧

LIVRO Nono



O ESPETÁCULO CARNÍVORO

de LEMONY SNICKET

Ilustrações de Brett Helquist

Tradução de Ricardo Gouveia

2002 Texto by Lemony Snicket

2002 Ilustrações by Brett Helquist

Título original:

The Carnivorous Carnival

Preparação:

Beatriz Antunes

Revisão:

Maysa Monção

Carmen S. da Costa

Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Para Beatrice —
Nosso amor partiu meu coração,
e parou o seu.



CAPÍTULO UM

Sempre que termina mais um dia de trabalho, e já fechei o caderno, escondi a caneta e providenciei buracos na minha canoa alugada para que ninguém possa encontrá-la, gosto de passar a noite conversando com alguns poucos amigos que sobreviveram. Às vezes falamos de literatura. Às vezes falamos das pessoas que tentam nos destruir e das chances que temos de escapar. E às vezes falamos das feras assustadoras e inconvenientes que podem estar por perto, e esse assunto leva sempre a desacordos sobre qual parte de uma fera assustadora e inconveniente é a mais assustadora e inconveniente. Alguns dizem que são os dentes, porque são usados para comer crianças, algumas vezes os pais delas também, e roer seus ossos. Alguns dizem que são as garras, porque é com elas que a fera rasga as coisas em pedacinhos. E alguns dizem que são os pêlos, pois os pêlos fazem as pessoas alérgicas espirrarem.

Mas eu sempre insisto que a parte mais assustadora de qualquer fera é a barriga, pela simples razão de que, se você está vendo a barriga da fera, isso quer dizer que antes viu seus dentes, e suas garras, e até os pêlos da fera, e agora está encurralado; para você, não há mais esperanças. Por essa razão, “na barriga da fera” tornou-se uma expressão muito usada quando se está “dentro de um lugar terrível e com poucas esperanças de escapar com vida”, e não é uma expressão que alguém vá querer usar.

Lamento dizer que este livro usará a expressão “na barriga da fera”

três vezes, sem contar todas as vezes que já usei “na barriga da fera” a fim de avisar quantas vezes “na barriga da fera” vai aparecer. Por três vezes no decurso da história as personagens estarão em algum lugar terrível com poucas esperanças de escapar com vida, e por essa razão, se eu fosse você, poria o livro de lado e escaparia com vida, pois essa deplorável história é tão profundamente sombria, e desgraçada, e deprimente que você poderá sentir-se na barriga da fera e chegar à conclusão de que o tempo pouco importa.

Os órfãos Baudelaire estavam na barriga da fera — isso é, no escuro e apertado porta-malas de um automóvel preto e comprido. A não ser que você seja um objeto portátil, provavelmente prefere viajar recostado no encosto estofado, olhando a paisagem pela janela e sentindo-se protegido, seguro, com um cinto de segurança atravessado no peito. Mas os Baudelaire não podiam se reclinar e seus corpos doíam de ficar espremidos durante tantas horas. Não tinham janela pela qual olhar, apenas alguns buracos de bala no porta-malas, abertos em alguma ocasião violenta que não teve coragem de pesquisar. E sentiam-se tudo, menos protegidos e seguros, enquanto pensavam nos outros passageiros e tentavam imaginar aonde chegariam.

O motorista do automóvel era um homem chamado conde Olaf, uma pessoa perversa, com uma única sobrelanceira em vez de duas e um desejo ganancioso por dinheiro em vez de respeito pelas pessoas. A primeira vez que os Baudelaire o viram foi logo depois que receberam a notícia da morte de seus pais num terrível incêndio na casa onde moravam, e logo descobriram que ele só estava interessado na fortuna que eles receberiam de herança. O conde Olaf os perseguiu com determinação inabalável — uma frase que aqui significa “aonde quer que fossem os Baudelaire” — usando uma técnica covarde após a outra para pôr as mãos na fortuna deles. Até agora não tivera sucesso, muito embora tenha sido ajudado por sua namorada, Esmé Squalor — uma pessoa igualmente perversa, se bem que mais elegante, que estava agora sentada ao lado dele no banco dianteiro do automóvel —, e por uma série de assistentes, inclusive um careca narigudo, duas mulheres que usavam pó branco na cara inteira e um homem repulsivo que tinha ganchos em vez de mãos. Todas essas pessoas estavam no banco traseiro do automóvel, e vez ou outra as crianças podiam ouvi-las falar por cima do ronco do motor e dos sons da estrada.

Você pode pensar que os irmãos Baudelaire deviam ter encontrado algum outro modo de viajar que não entrando sorrateiramente no porta-malas de gente tão perigosa, mas acontece que eles estavam fugindo de circunstâncias ainda mais assustadoras e perigosas do que Olaf e sua quadrilha, e não tiveram tempo de selecionar melhor suas companhias. No entanto, à medida que a jornada progredia, Violet, Klaus e Sunny ficavam cada vez mais preocupados. A luz do sol começou a dissolver-se na noite; a estrada ficou mais esburacada e irregular; e os órfãos Baudelaire tentaram imaginar para onde estavam indo e o que aconteceria quando chegassem lá.

“Já chegamos?”, a voz do homem com mãos de gancho quebrou um

longo silêncio.

“Já disse para não perguntar mais isso”, retrucou Olaf com um grunhido. “Chegaremos lá quando chegarmos lá, e é isso aí.”

“Seria possível dar uma paradinha rápida?”, perguntou uma das mulheres de cara branca. “Reparei numa placa indicando um posto de serviços a alguns quilômetros.”

“Não temos tempo para parar em lugar nenhum”, disse Olaf em tom brusco. “Se você precisava usar o banheiro, devia ter ido antes de sairmos. “

“Mas o hospital estava em chamas”, disse a mulher, queixosa.

“É, vamos parar”, disse o careca, “não comemos nada desde o almoço, meu estômago está vazio.”

“Não podemos parar”, disse Esmé. “No sertão não há um só restaurante in”.

Violet, a mais velha dos Baudelaire, esticou-se para apoiar a mão no ombro enrijecido de Klaus e apertou a pequena Sunny contra o corpo, como se tentasse dizer algo para os irmãos sem precisar falar. Esmé Squalor vivia preocupada com as coisas que eram ou não in — uma palavra que ela usava para dizer “na última moda” —, mas as crianças estavam mais interessadas em ouvir alguém mencionar para onde o carro ia. Estavam numa vastidão deserta, num lugar muito distante dos limites da cidade, sem nenhuma aldeia num raio de centenas de quilômetros. Muito tempo atrás, os pais dos Baudelaire prometeram levá-los até lá para ver os famosos crepúsculos do sertão. Klaus, que era um leitor voraz, tinha lido descrições desses crepúsculos e deixou toda a família com vontade de ir; Violet, que tinha um talento genuíno para inventar coisas, até começara a construir um forno solar para que a família saboreasse sanduíches de queijo quente enquanto assistisse ao espetáculo da luz azul se espalhando fantasmagórica por sobre os cactos do agreste, quando o sol fosse pouco a pouco mergulhando atrás das distantes e gélidas Montanhas de Mão-Morta. Os três irmãos nunca imaginaram que visitariam o sertão sozinhos, enfiados no porta-malas do carro de um vilão.

“Chefe, tem certeza de que é seguro ficar aqui?”, perguntou o homem de mãos de gancho. “Se a polícia aparecer, não haverá um só lugar para a gente se esconder.”

“É para isso que existem disfarces”, disse o careca. “Tudo de que precisamos está no porta-malas.”

“Não precisamos nos esconder”, retrucou Olaf, “nem nos disfarçar. Graças àquela repórter tonta de O Pundonor Diário, o mundo inteiro pensa que estou morto, lembra?”

“Você está morto”, disse Esmé com uma risadinha perversa, “e os três fedelhos Baudelaire são os assassinos. Não precisamos nos esconder, precisamos comemorar!”

“Ainda não”, disse Olaf. “Há duas últimas coisas que precisamos fazer. Primeiro, destruir a única prova que poderia nos mandar para a cadeia. “

“O dossiê Snicket”, disse Esmé, e os Baudelaire estremeceram no

porta-malas. As três crianças tinham encontrado e guardado no bolso de Klaus uma página daquele dossiê. Era difícil julgar por aquela única página, mas os Baudelaire achavam que o dossiê Snicket continha informações sobre um suposto sobrevivente do incêndio em sua casa, por isso precisavam encontrar as outras páginas antes de Olaf.

“Sim, é claro”, disse o homem de mãos de gancho. “Temos de encontrar o dossiê Snicket. Mas qual é a segunda coisa?”

“Encontrar os Baudelaire, seu idiota”, grunhiu Olaf. “Se não os encontrarmos, não poderemos roubar a fortuna, e todos os meus planos irão para o lixo.”

“Eu nunca achei que os seus planos fossem lixo”, disse uma das mulheres de cara branca. “Me diverti muito com eles, mesmo que não tenhamos a fortuna.”

“Acha que os três fedelhos escaparam vivos do hospital?”, perguntou o careca.

“Aquelas crianças sempre tiveram muita sorte”, disse o conde Olaf, “é provável que estejam vivas e com saúde. Mas com certeza as coisas seriam mais fáceis se um ou dois tivesse virado torresmo naquele hospital, afinal só precisamos de um para conseguir a fortuna.”

“Espero que seja Sunny”, disse o homem de mãos de gancho. “Foi divertido enfiá-la numa gaiola, e estou louco para fazer isso de novo.”

“Eu espero que seja Violet”, disse Olaf. “É a mais bonitinha.”

“Tanto faz quem tenha sobrado”, Esmé falou. “Só quero saber onde eles estão.”

“Madame Lulu vai saber”, disse Olaf. “Com sua bola de cristal, ela nos contará onde estão os órfãos e o dossiê, e o que mais quisermos saber.”

“Nunca acreditei em bola de cristal”, observou uma mulher de cara branca, “mas aprendi que a vidência funciona mesmo quando vi essa madame Lulu revelar com exatidão onde os Baudelaire estavam todas as vezes que escaparam.”

“Continue comigo”, disse Olaf, “e vai aprender milhões de coisas novas. Ah, ali está o desvio para a Estrada das Raras Viagens. Estamos quase lá.”

O carro virou à esquerda, e os Baudelaire rolaram pelo porta-malas junto com os diversos objetos que permitiam a Olaf executar seus pérfidos planos. Violet tentou não tossir quando uma das barbas postiças fez cócegas no seu pescoço. Klaus protegeu o rosto com as mãos para evitar que uma caixa de ferramentas que vinha deslizando quebrasse seus óculos. E Sunny fechou a boca com força para impedir que uma das camisetas sujas de Olaf se enganchasse nos seus dentes afiados. A Estrada das Raras Viagens era ainda mais esburacada que a rodovia principal, e o carro fazia tanto barulho que as crianças não puderam ouvir mais nada da conversa, pelo menos até Olaf breocar o carro com estrondo.

“Já estamos lá?”, perguntou o homem de mãos de gancho.

“Estamos aqui, seu bobalhão”, desdenhou Olaf. “Olhem a placa: Parque Caligari.”

“É onde fica madame Lulu?”, perguntou o careca.

“O que você acha?”, perguntou Esmé, e todos riram. As portas do automóvel rangeram ao se abrir, e conforme todos iam saltando para fora, o carro dava novos solavancos.

“Pego o vinho no porta-malas, chefe?”, perguntou o careca.

Os Baudelaire gelaram.

“Não”, respondeu o conde Olaf. “Madame Lulu deve ter bastante bebida para nós.”

As três crianças continuaram bem quietas enquanto Olaf e sua trupe se afastavam do carro. Os passos foram soando cada vez mais distantes, até que sumiram, e apenas quando restou só o assobio da brisa noturna passando pelos buracos de bala é que os Baudelaire puderam falar.

“O que vamos fazer?”, sussurrou Violet, afastando a barba que a incomodava.

“Merrill”, disse Sunny. Como acontece com muita gente da idade dela, a mais jovem dos Baudelaire às vezes falava coisas que certas pessoas não entendiam muito bem, mas seus irmãos entenderam de imediato que ela queria dizer alguma coisa como: “É melhor a gente sair deste porta-malas”.

“Assim que possível”, concordou Klaus. “Não sabemos quando Olaf e sua trupe voltam. Você poderia inventar alguma coisa para nos tirar daqui, Violet?”

“Não deve ser muito difícil”, ela respondeu, “ainda mais com todas essas coisas aqui dentro.” Violet apalpou em volta até encontrar a tranca do porta-malas. “Já estudei esse tipo de fechadura antes”, disse ela. “Tudo de que preciso é um pedaço de barbante forte. Procurem ao redor de vocês, vamos ver se achamos alguma coisa.”

“Há uma coisa enrolada no meu braço esquerdo”, disse Klaus, torcendo o corpo. “Pela textura, pode ser parte do turbante que Olaf usou para se disfarçar de treinador Genghis.”

“É grosso demais”, disse Violet. “Precisa passar entre as duas pecinhas da fechadura.”

“Semja!”, disse Sunny.

“Isso é o cordão do meu sapato, Sunny”, disse Klaus.

“Só vamos usar isso como último recurso”, determinou Violet. “Se pretendemos escapar, não podemos deixar que você saia tropeçando por aí. Espere um pouco, acho que encontrei uma coisa debaixo do pneu sobressalentes”. “O que?”

“Não sei”, disse Violet. “Parece um cordão bem fininho com uma coisa redonda e chata na ponta.”

“Aposto que é um monóculo”, disse Klaus. “Você sabe, aquela coisa esquisita que Olaf usava num dos olhos quando fingia ser o leiloeiro Gunther.”

“Acho que é isso mesmo”, disse Violet. “Bem, esse monóculo ajudou Olaf com o plano dele, e agora vai nos ajudar com o nosso. Sunny, afaste-se um pouquinho, para eu poder testar isso aqui. “

Sunny se espremeu o mais que pôde, e Violet, passando o braço por cima dos irmãos, enrolou a haste do monóculo na fechadura. As três crianças ficaram bem atentas enquanto Violet sacudia sua invenção em volta da lingüeta — e alguns segundos depois ouviram um *dic!* abafado, e a tampa do porta-malas se abriu num lento *créeééé!* Os Baudelaire sentiram a brisa fresca entrar no porta-malas, mas ficaram absolutamente imóveis por alguns instantes, pois tinham que se certificar de que o barulho não tinha chamado a atenção de Olaf. Aparentemente, ele e seus assistentes estavam bem longe dali, pois algum tempo já se passara sem que as crianças tivessem ouvido nada, a não ser o cricrilar dos grilos e o latido distante de um cachorro.

Os Baudelaire se entreolharam, apertando os olhos contra a luz pálida e, sem dizer palavra, Violet e Klaus saltaram do carro e depois tiraram a irmãzinha de lá. O famoso crepúsculo do sertão estava acabando, e tudo o que as crianças podiam ver fora encoberto por um tom azulado, como se Olaf as tivesse arrastado para as profundezas do oceano. Numa grande placa de madeira, a pintura desbotada de um leão perseguindo um menino assustado ilustrava as palavras **PARQUE CALIGARI** escritas em letras malfeitas. Atrás da placa havia uma pequena cabine onde se vendiam ingressos e uma cabine telefônica que refletia a luz azul. Atrás das duas cabines havia uma enorme montanha-russa, uma palavra que aqui significa “uma série de carrinhos onde, sem nenhuma razão, as pessoas se acomodam para deslizar por íngremes e assustadoras ladeiras de trilhos”. Mas aquela montanha-russa não devia ser usada havia um bom tempo, pois os trilhos e os carrinhos estavam tomados por ramos de hera e outras trepadeiras, o que dava a impressão de que estava prestes a ser engolida pela terra. Mas além da montanha-russa, havia também uma fileira de barracas tremulando à brisa da noite como águas-vivas no mar, e ao lado de cada barraca havia um trailer, um veículo sobre rodas usado como habitação por pessoas que viajam com frequência. Todos os trailers e barracas tinham diferentes símbolos pintados nas laterais, mas os Baudelaire logo perceberam qual era o trailer de madame Lulu, pois era o único decorado com um enorme olho. Os Baudelaire já tinham visto aquele olho várias vezes, pois era o mesmo desenho que o conde Olaf tinha tatuado no tornozelo esquerdo, e pensar nisso os fez estremecer perante a idéia de que até mesmo no meio do sertão o conde Olaf estava presente.

“Agora que já saímos do porta-malas”, disse Klaus, “vamos tratar de dar o fora daqui. Olaf e sua trupe podem voltar a qualquer minuto.”

“Mas para onde vamos?”, perguntou Violet. “Estamos no meio do sertão. O comparsa de Olaf disse que não havia nenhum lugar para se esconder.”

“Bem, teremos de encontrar algum”, disse Klaus. “Ficar perto de onde o conde Olaf é bem-vindo não pode ser seguro.”

“Olho!”, concordou Sunny, apontando para o trailer de madame Lulu.

“Mas não podemos perambular pelos campos”, disse Violet. “Da última vez que fizemos isso, acabamos nos metendo em problemas ainda maiores.”

“Talvez possamos chamar a polícia daquela cabine telefônica”, sugeriu Klaus.

“Blitz!”, disse Sunny, o que queria dizer: “Mas a polícia pensa que somos assassinos!”.

“Talvez possamos tentar falar com o sr. Poe”, disse Violet. “Não tivemos sucesso com o telegrama que mandamos pedindo ajuda, talvez tenhamos mais sorte pelo telefone.”

Os três irmãos trocaram olhares de desesperança. O sr. Poe era o Vice-Presidente Encarregado dos Assuntos de Órfãos da Administração Financeira de Multas, um grande banco, e parte do seu trabalho era supervisionar os assuntos dos Baudelaire depois do incêndio. Ele não era mau, mas sem querer colocara as crianças na companhia de tantas pessoas más que ficara sendo uma pessoa quase tão má quanto uma pessoa má de verdade, e os Baudelaire não estavam exatamente ansiosos para entrar em contato com ele, mesmo sendo a única coisa que podiam fazer.

“Talvez ele não seja de nenhuma ajuda”, admitiu Violet, “mas o que temos a perder?”

“Não vamos pensar nisso”, retrucou Klaus, e foi até a cabine telefônica. “Talvez o sr. Poe nos deixe explicar o que aconteceu.”

“Dindim”, disse Sunny, o que queria dizer algo como: “Vamos precisar de dinheiro para fazer uma chamada telefônica”.

“Eu não tenho nada”, disse Klaus, procurando nos bolsos. “Você tem algum dinheiro, Violet?”

Violet sacudiu a cabeça. “Vamos ligar para a operadora e ver se existe algum jeito de fazer uma chamada sem pagar.”

Klaus concordou e abriu a porta da cabine para que ele e as irmãs se espremessem lá dentro. Violet discou para a operadora e Klaus ergueu Sunny para que ela também ouvisse a conversa.

“Telefonista”, disse a telefonista.

“Boa noite”, disse Violet. “Meus irmãos e eu gostaríamos de fazer uma chamada.”

“Por favor deposite a importância exata em dinheiro”, disse a atendente.

“Nós não temos a importância exata em dinheiro”, respondeu Violet. “Aliás, nós não temos dinheiro nenhum. Mas trata-se de uma emergência.”

Os Baudelaire perceberam que a telefonista estava suspirando do outro lado da linha. “Qual é a natureza exata da sua emergência?”

Violet baixou os olhos e viu os últimos raios da luz azul do crepúsculo refletidas nos óculos de Klaus e nos dentes de Sunny. Com a escuridão se formando em torno deles, a natureza da emergência parecia tão vasta que

levaria o resto da noite para ser explicada, mas Violet imaginou um modo de otimizá-la, uma expressão que aqui significa “contar a história de um jeito que convencesse a operadora a deixá-los falar com o sr. Poe sem ter que pagar”.

“Bem”, começou, “meu nome é Violet Baudelaire, e estou aqui com o meu irmão, Klaus, e a minha irmã, Sunny. Nossos nomes podem soar familiares para a senhora, porque O Pundonor Diário publicou recentemente um artigo dizendo que somos Verônica, Klyde e Susie Baudelaire, os assassinos do conde Omar. Acontece que o conde Omar é o conde Olaf, e ele não está morto. Ele forjou a própria morte matando outra pessoa que tinha a mesma tatuagem que ele e jogou a culpa em nós. Há alguns dias ele incendiou um hospital inteiro tentando nos capturar, mas nos escondemos no portamalas do seu carro. Acabamos de sair de lá e estamos tentando falar com o sr. Poe para que ele nos ajude a encontrar o dossiê Snicket, que, até onde sabemos, é a única pista que poderia explicar o que significam as iniciais C. S. C. e se de fato um de nossos pais sobreviveu ao incêndio. Sei que a história é muito complicada, e pode parecer inacreditável, mas estamos totalmente sozinhos no meio do sertão e não sabemos mais o que fazer.”

A história era tão terrível que Violet enxugou uma lágrima enquanto aguardava a resposta da telefonista. Mas nenhuma resposta veio do telefone. Os três Baudelaire prestaram bastante atenção, mas tudo o que puderam ouvir foi o som vazio e distante de uma linha telefônica.

“Alô?”, disse Violet por fim.

O telefone não disse nada.

“Alô?”, disse Violet de novo. “Alô? Alô?”

O telefone não respondeu.

“Alô?”, disse Violet, o mais alto que pôde.

“Acho melhor desligar”, disse Klaus, gentilmente.

“Mas por que ninguém responde?”, gritou Violet.

“Não sei”, disse Klaus, “mas não creio que a telefonista vá nos ajudar.”

Violet devolveu o fone no gancho e abriu a porta da cabine. Agora que o sol descera no horizonte, o ar estava mais frio, e ela estremeceu com a chegada da noite. “Quem vai nos ajudar?”, perguntou. “Quem vai tomar conta de nós?”

“Vamos ter de tomar conta de nós mesmos”, disse Klaus.

“Ephrai”, disse Sunny, o que queria dizer: “Agora é que estamos numa encrenca de verdade”.

“Com certeza”, concordou Violet. “Estamos no meio do nada, sem um lugar onde nos esconder, e ainda por cima o mundo inteiro pensa que somos criminosos. Como criminosos tomam conta de si mesmos no meio do sertão?”

Como que em resposta, os Baudelaire ouviram uma gargalhada. O riso era bem distante, porém no silêncio da noite ele sobressaltou as crianças. Sunny apontou com o dedo e eles viram uma luz no trailer de madame Lulu. Várias sombras se moviam por trás da janela, e as crianças perceberam que o

conde Olaf e sua trupe estavam lá dentro, batendo papo e dando risada enquanto os órfãos Baudelaire tremiam nas sombras do lado de fora.

“Vamos lá”, disse Klaus. “Vamos descobrir como criminosos tomam conta de si mesmos.”



CAPÍTULO DOIS

Bisbilhotar — uma palavra que aqui significa “ouvir conversas interessantes sem ter sido convidado” — é um procedimento muito proveitoso e divertido, mas não é educado. Os órfãos Baudelaire tinham vasta experiência em não ser pegos bisbilhotando: as três crianças sabiam como caminhar do modo mais silencioso possível pela área do Parque Caligari, e como se agachar do modo mais invisível possível do lado de fora do trailer de madame Lulu. Se você estivesse naquela fantasmagórica noite azul — e nada nas minhas pesquisas indica que estivesse —, não teria ouvido sequer um ligeiro sussurro dos Baudelaire enquanto bisbilhotavam a conversa de seus inimigos.

O conde Olaf e a sua trupe, ao contrário, faziam bastante barulho. “Madame Lulu!”, bradava o conde Olaf, enquanto as crianças se ocultavam nas sombras. “Madame Lulu, sirva um pouco de vinho para nós! Provocar incêndios e fugir das autoridades sempre me deixa com muita sede!”

“Eu prefiro leite desnatado em caixinha”, disse Esmé. “É o que há de mais moderno com relação a bebidas.”

“Salta cinco copas de vinho e um caixinha de leite, faz favor”, respondeu uma voz de mulher com um sotaque conhecido. Não faz muito tempo, quando Esmé Squalor era a tutora dos Baudelaire, Olaf se disfarçara de uma pessoa que não falava a língua muito bem e, como parte do disfarce, usava um sotaque muito parecido com aquele que ouviam agora. Os Baudelaire tentaram espiar pela janela, mas madame Lulu fechara muito bem as cortinas. “Eu está emocionada, faz favor, de ver você, meu Olaf.

Bem-vinda na minha trailer. Como está vida para você?”

“Estivemos muito atarefados”, disse o homem de mãos de gancho, usando uma expressão que aqui significa “perseguindo crianças inocentes durante muito tempo”. “É muito difícil capturar aqueles órfãos.”

“Nón se preocupar de crianças, faz favor”, retrucou madame Lulu. “Meu bola de cristal conta pra eu que meu Olaf vai prevalecer.”

“Se isso significa ‘vai assassinar crianças inocentes’”, disse uma das

mulheres de cara branca, “então essa é a melhor notícia do dia.”

“‘Prevalecer’ significa ‘vencer’”, disse Olaf, “mas no meu caso é a mesma coisa que matar aqueles Baudelaire. Mas quando, exatamente, a bola de cristal diz que eu vou prevalecer, Lulu?”

“Muito breve, faz favor”, respondeu madame Lulu. “Que presentes você traz para eu do seu viagem, meu Olaf?”

“Bem, vejamos”, ele respondeu. “Tenho aqui um encantador colar de pérolas que furtei de uma enfermeira do Hospital Heimlich.”

“Você prometeu que eu ficaria com ele”, disse Esmé. “Dê a ela um daqueles chapéus de corvo que você surrupiou da cidade de Cultores Solidários de Corvídeos.”

“Vou lhe dizer uma coisa, Lulu”, disse Olaf, “suas habilidades de vidente são surpreendentes. Eu nunca teria adivinhado que os Baudelaire estavam escondidos naquela cidadezinha idiota, mas a sua bola de cristal soube logo de cara.”

“Mágica ser mágica, faz favor”, respondeu Lulu. “Mais vinho, meu Olaf?”

“Obrigado”, disse o conde. “E agora, Lulu, precisamos de suas habilidades de vidente mais uma vez.”

“Os fedelhos Baudelaire escapuliram de novo”, disse o careca, “e o chefe tinha esperanças de que você nos contasse para onde eles foram.”

“Além disso”, disse o homem de mãos de gancho, “precisamos saber onde está o dossiê Snicket.”

“E também se um dos pais dos Baudelaire sobreviveu ao incêndio”, completou Esmé. “Os órfãos acham que sim, mas a sua bola de cristal poderia nos dizer com certeza.”

“E eu quero mais um pouco de vinho”, disse uma das mulheres de cara branca.

“Tantos egzigências que vocês faz”, disse madame Lulu com o seu estranho sotaque. “Madame Lulu lembra quando vocês vinha fazer visita só pela prazer de meu companhia, meu Olaf, faz favor.”

“Não temos tempo para isso”, cortou Olaf. “Dá para consultar a bola de cristal agora mesmo?”

“Você conhece regras, meu Olaf”, retrucou Lulu. “De noite, bola de cristal precisa dormir no Barraca do Destino, e quando sol nasce você pode fazer um pergunta.”

“Então vou fazer minha primeira pergunta amanhã de manhã”, disse Olaf, “e vamos ficar aqui até que todas as minhas perguntas sejam respondidas.”

“Oh, meu Olaf”, disse Lulu. “Faz favor, agora tempos muito difíceis para Parque Caligari. Trazer parque para meio de sertón nón foi bom idéia comercial, nón tem muito gente para ver madame Lulu ou bola de cristal. Trailer de presentes de Parque Caligari tem só porcaria. E Casa dos Monstros de madame Lulu, faz favor, nón tem aberraçóns bastante. Você, meu Olaf, faz

visita com todo o seu trupe, e fica muitas dias, e bebe a meu vinho, e come a meu comida, tudo, tudo. “

“Esse frango assado está mesmo delicioso”, disse o homem de mãos de gancho.

“Madame Lulu não tem dinheiro, faz favor”, continuou a vidente. “Está difícil, meu Olaf, ler futuro para você quando madame Lulu é tão pobre. Trailer minha tem goteira na teto, e madame Lulu precisa dinheiro, faz favor, para poder fazer conserto. “

“Eu já falei uma vez”, disse Olaf, “que quando pusermos as mãos na fortuna dos Baudelaire, o parque terá dinheiro à vontade.”

“Você fala esta mesma coisa de fortuna Quagmire, meu Olaf”, disse madame Lulu, “e de fortuna Snicket. Mas nunca uma centavo madame Lulu viu. Nós precisa pensar, faz favor, em uma coisa para fazer Parque Caligari mais popular. Madame Lulu esperava que trupe de meu Olaf podia apresentar uma grande espetáculo, como O casamento maravilhoso. Um porção de gente ia vim assistir. “

“O patrão não pode ficar subindo no palco”, disse o careca. “Maquinar esquemas é ocupação em tempo integral.”

“Além disso”, disse Esmé, “eu já me aposentei da vida artística. Tudo o que quero agora é ser a namorada do conde Olaf.”

Houve um silêncio dentro do trailer, e a única coisa que os Baudelaire ouviam era a mastigação ruidosa de alguém triturando ossos de frango. Depois ouviram um suspiro prolongado, então Lulu falou mansamente:

“Você nunca tinha me contado, meu Olaf, que Esmé era namorada seu. Pode ser que madame Lulu não vai deixar você e seu trupe ficar na meu parque. “

“Ora, vamos, Lulu”, disse ele, e as crianças estremeceram. Olaf estava falando naquele tom de voz bem conhecido dos Baudelaire, o que ele usava quando queria se passar por uma pessoa gentil e decente. Mesmo com as cortinas fechadas, os Baudelaire adivinharam que ele abria um sorriso cheio de dentes para Lulu e que seus olhos brilhavam sob a sobancelha única, como se ele estivesse prestes a contar uma piada. “Eu já contei como comecei a minha carreira de ator?”

“É uma história fascinante”, disse o homem de mãos de gancho.

“Certamente”, concordou Olaf. “Me sirva um pouco mais de vinho, e lhe contarei. Pois bem: sempre fui o sujeito mais lindo da escola, desde que era criança, e um dia um jovem diretor... “

Para os Baudelaire era o bastante. Tinham passado tempo suficiente com o vilão para saber que, quando ele começava a falar de si mesmo, podia continuar até as galinhas criarem dentes, uma expressão que aqui significa “até acabar o vinho”, por isso se afastaram cuidadosamente do trailer e voltaram para o carro, onde podiam conversar sem que ninguém os ouvisse. Na escuridão da noite, o automóvel comprido e preto mais parecia um enorme buraco, e enquanto os Baudelaire tentavam decidir o que fazer, parecia que

estavam prestes a cair lá dentro.

“Acho que devemos ir embora”, disse Klaus, hesitante. “Este não é um lugar seguro, mas não sei para onde ir. Por quilômetros e quilômetros só há deserto neste sertão. Se sairmos por aí, podemos morrer de sede ou ser atacados por animais selvagens.”

Violet se virou de repente, como se alguma coisa fosse atacá-los naquele exato momento, mas o único animal selvagem à vista era o leão pintado na placa.

“Mesmo que encontrássemos alguém por aqui”, disse ela, “achariam que somos assassinos e chamariam a polícia. Além disso, madame Lulu responderá a todas as perguntas de Olaf amanhã de manhã.”

“Você não acha que a bola de cristal funciona mesmo, acha?”, perguntou Klaus. “Nunca foi provado que a vidência seja um fato real.”

“É, mas madame Lulu está sempre contando ao conde Olaf onde estamos”, lembrou Violet. “Em algum lugar ela consegue a informação. Se ela puder descobrir onde está o dossiê Snicket ou confirmar se um de nossos pais está vivo...”

Sua voz falhou, mas nem era preciso terminar a sentença. Os três Baudelaire sabiam que valia a pena ficar ali se fosse para descobrir alguma coisa sobre um provável sobrevivente do incêndio.

“Sandover”, disse Sunny, o que queria dizer: “Então vamos ficar”.

“Pelo menos por esta noite”, concordou Klaus. “Mas onde vamos ficar? Se não nos escondermos, é provável que nos reconheçam. “

“Trólias?”, perguntou Sunny.

“As pessoas que moram naqueles trailers trabalham para madame Lulu”, disse Klaus. “Como podemos confiar neles?”

“Eu tenho uma idéia”, disse Violet, e foi até a traseira do carro. Com um créééc! ela abriu novamente o porta-malas e se debruçou para dentro.

“Biruts!”, disse Sunny, o que queria dizer: “Não creio que seja uma boa idéia, Violet”.

“Sunny tem razão”, disse Klaus. “Olaf e seus comparsas podem voltar a qualquer minuto para tirar as coisas do porta-malas. Não podemos nos esconder aí.”

“Mas não vamos nos esconder”, disse Violet, “não como vocês estão pensando. Afinal, Olaf e sua trupe nunca se escondem, e no entanto conseguem não ser reconhecidos. Nós vamos nos disfarçar. “

“Gabrowha?”, perguntou Sunny.

“Por que não funcionaria?”, respondeu Violet.

“Olaf usa disfarces e consegue enganar todo mundo. Se conseguirmos fazer a madame Lulu pensar que somos outras pessoas, poderemos ficar aqui até encontrar as respostas para as nossas perguntas.”

“Parece arriscado”, disse Klaus, “mas não é mais arriscado que nos esconder. Do que vamos nos disfarçar?”

“Vamos dar uma olhada nessas coisas”, disse Violet, “e ver se temos

alguma idéia.”

“Mas teremos de apalpar”, disse Klaus. “Está escuro demais para enxergar os disfarces.”

Os Baudelaire enfiaram as mãos no porta-malas e começaram a procurar. Como você já deve saber, toda vez que examinamos os pertences de outra pessoa acabamos descobrindo muitas coisas interessantes sobre ela. Você pode fuçar as cartas da sua irmã, por exemplo, e descobrir que ela planejava fugir com um arquiduque. Ou pode mexer nas malas de um passageiro no trem e descobrir que durante os últimos seis meses ele tirou fotografias suas em segredo. Outro dia abri a geladeira de uma inimiga e descobri que ela era vegetariana, ou pelo menos fingia ser, ou recebeu a visita de um vegetariano por alguns dias. E enquanto os órfãos Baudelaire examinavam os objetos no porta-malas de Olaf, descobriram muitas coisas desagradáveis. Violet encontrou parte de uma lamparina de latão da qual se lembrava da época em que vivera com o tio Monty, e descobriu que Olaf tinha roubado o seu pobre tutor, além de tê-lo assassinado. Klaus encontrou uma sacola de compras da loja In, e ficou sabendo que Esmé Squalor continuava obcecada por roupas na última moda. Sunny encontrou um par de meias-calças coberto de serragem, e logo percebeu que Olaf ainda não mandara o seu disfarce de recepcionista para a lavanderia. Mas a coisa mais desalentadora que as crianças descobriram ao revistar o porta-malas do carro de Olaf foi que ele tinha uma enorme quantidade de disfarces à sua disposição. Ali estavam o chapéu que Olaf usara para se disfarçar de capitão de navio, e até a navalha com a qual ele deve ter raspado a cabeça para ficar parecido com um assistente de laboratório. Os tênis que ele calçara para se disfarçar de treinador e os calçados de plástico usados no disfarce de detetive também estavam lá. Mas havia disfarces naquele porta-malas que os Baudelaire nunca tinham visto, e em quantidade suficiente para Olaf se disfarçar pelo resto da vida e continuar na captura dos órfãos sem jamais ser identificado.

“Podemos nos fazer passar por quase qualquer pessoa”, disse Violet. “Vejam, esta peruca me deixa parecida com um palhaço, e esta outra me faz parecer um juiz.”

“Você tem razão”, disse Klaus, erguendo uma caixa cheia de gavetas. “Isso parece um estojo de maquiagem, com bigodes postiços, sobrancelhas postiças, e até olhos de vidro.”

“Twicho!”, disse Sunny, erguendo um véu branco.

“Não, obrigada”, disse Violet. “Já usei esse véu quando Olaf tentou se casar comigo. Além do mais, por que uma noiva estaria perambulando pelo sertão?”

“Vejam esse manto”, disse Klaus. “É o tipo de coisa que um rabino usaria, mas não sei se madame Lulu acreditaria num rabino que viesse visitá-la no meio da noite.”

“Toldo!”, disse Sunny, se enrolando numas calças de malha. A mais

jovem dos Baudelaire queria dizer alguma coisa do tipo: “Todas essas roupas são grandes demais para mim”, e tinha razão.

“Isso é ainda maior que o terno risca de giz que Esmé comprou para você”, disse Klaus, ajudando a irmã a se desenrolar. “Ninguém acreditaria em calças de malha que passeiam sozinhas pelo parque.”

“Todas as roupas são grandes demais”, disse Violet. “Vejam só esse casaco bege. Se eu tentasse usá-lo, acabaria parecendo uma aberração.”

“Aberração!”, disse Klaus. “É isso!”

“Issoquê?”, perguntou Sunny.

“Madame Lulu disse que não tinha aberrações o suficiente na Casa dos Monstros. Se ficarmos parecidos com aberrações e dissermos a Lulu que procuramos trabalho, talvez ela nos contrate.”

“Mas o que fazem aberrações?”, perguntou Violet.

“Uma vez, li um livro sobre um tal John Merrick”, disse Klaus. “Ele tinha defeitos de nascença que o deformaram de uma maneira terrível. Um parque de diversões o expôs na Casa dos Monstros, e as pessoas pagavam para olhar para ele.”

“Por que as pessoas iriam querer olhar para alguém com defeitos de nascença?”, perguntou Violet. “Parece cruel.”

“E é”, disse Klaus. “Muitas vezes atiravam coisas no sr. Merrick, e o xingavam. Receio que a Casa dos Monstros não seja uma forma agradável de entretenimento.”

“Alguém devia ter dado um basta nisso”, disse Violet, “mas também deviam ter dado um basta no conde Olaf, e até hoje ninguém fez isso.”

“Radev”, disse Sunny, olhando nervosa ao redor deles. Com “Radev” ela queria dizer: “Nós é que vamos ter um basta, se não nos disfarçarmos de uma vez”, e seus irmãos concordaram.

“Achei uma camisa extravagante”, disse Klaus.

“É cheia de babados e laçarotes. E aqui está uma calça enorme com a barra de pele.”

“Será que cabemos nela?”, perguntou Violet.

“Nós dois?”, disse Klaus. “Se ficarmos com as nossas roupas por baixo, imagino que sim. Cada um de nós fica numa perna só e dobra a outra perna dentro da calça. Para andar, vamos ter de nos apoiar um no outro, mas pode funcionar.”

“E podemos fazer a mesma coisa com a camisa”, disse Violet. “Vestimos apenas um braço cada um e dobramos o outro para dentro.”

“Mas não podemos esconder uma de nossas cabeças”, observou Klaus, “e com duas cabeças vamos parecer uma...”

“... pessoa de duas cabeças”, completou Violet, “e uma pessoa de duas cabeças é o tipo de coisa que a Casa dos Monstros se orgulharia em exibir.”

“Bem pensado”, disse Klaus. “Além do mais, Olaf não está perseguindo uma pessoa de duas cabeças. Mas precisamos disfarçar nossos rostos também.”

“Uma maquiagem resolve isso”, disse Violet. “Mamãe me ensinou a desenhar cicatrizes falsas na pele quando fez aquela peça sobre o assassino.”

“E aqui está uma lata de talco”, disse Klaus. “Com isso podemos deixar nosso cabelo grisalho.”

“Você acha que o conde Olaf vai notar a falta dessas coisas?”, perguntou Violet.

“Duvido”, respondeu Klaus. “O porta-malas não está organizado, e vários desses disfarces não são usados há muito tempo. Acho que podemos pegar o necessário para nossa transformação sem que Olaf sinta falta de nada.”

“Beriu?”, disse Sunny, o que queria dizer: “E eu?”.

“Esses disfarces foram feitos para adultos”, disse Violet, “mas tenho certeza de que vamos encontrar alguma coisa para você. Talvez você pudesse se enfiar dentro de um sapato e se transformar numa pessoa que só tem a cabeça e um pé. Seria uma aberração e tanto.”

“Chelish”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “Sou grande demais para caber dentro de um sapato”.

“É verdade”, disse Klaus. “Já faz tempo que você deixou de ser desse tamanho. “ Então ele enfiou a mão no porta-malas e tirou de lá uma coisa pequena e peluda, parecida com um guaxinim. “Isso pode funcionar”, disse. “Acho que essa é a barba postiça que Olaf usou quando se passou por Stephano. É uma barba comprida, portanto deve funcionar como um disfarce curto.”

“Vamos ver”, disse Violet. “E já.”

Em poucos minutos as crianças descobriram como era fácil se transformar em outras pessoas. Violet, Klaus e Sunny já tinham alguma experiência em disfarces, é claro — Klaus e Sunny tinham se passado por médicos no Hospital Heimlich, e até Sunny podia se lembrar das vezes em que os irmãos se fantasiaram por pura diversão, na época em que moravam na mansão Baudelaire. Mas agora eles se sentiam mais como o conde Olaf e sua trupe, trabalhando silenciosamente no meio da noite para apagar todos os sinais das suas verdadeiras identidades. Violet encontrou no estojo de maquiagem vários daqueles lápis que se usa para tornar as sobrancelhas mais dramáticas, e muito embora fosse indolor desenhar cicatrizes no rosto de Klaus, ela tinha a sensação de estar quebrando a antiga promessa que fizera aos pais de sempre cuidar dos irmãos e mantê-los afastados do perigo. Klaus, por sua vez, ajudou Sunny a se enrolar na barba postiça, mas quando viu seus olhos e as pontas de seus dentes emergirem do meio daquela massa de pêlos, teve a sensação de ter dado a irmãzinha como alimento a algum pequeno animal faminto. E quando Sunny foi ajudar os irmãos a abotoar a camisa e salpicar talco nos cabelos, teve a sensação de que eles estavam se fundindo por baixo das roupas de Olaf. Os três Baudelaire se examinaram atentamente, mas era como se não houvesse mais Baudelaire nenhum, apenas dois estranhos, um com duas cabeças e o outro com uma cabeça cheia de pêlos,

ambos totalmente sozinhos no sertão.

“Acho que estamos irreconhecíveis”, disse Klaus, tentando virar o rosto para a irmã mais velha. “Talvez seja porque eu tirei os óculos, mas não estou nos reconhecendo”.

“Você vai ficar sem os óculos?”, perguntou Violet.

“Sim, acho que consigo enxergar se apertar os olhos”, disse Klaus, apertando os olhos. “Desse jeito não consigo ler, mas pelo menos não tropeço nas coisas. Se eu usar os óculos, o conde Olaf pode me reconhecer.”

“Então não use”, disse Violet, “eu também vou parar de usar fita no cabelo.”

“É melhor disfarçarmos nossas vozes”, disse Klaus. “Vou falar mais agudo. Que tal você falar com voz grave?”

“Boa idéia”, disse Violet, já com a voz mais grave que podia fazer. “E você, Sunny, deve apenas rosnar.”

“Grr”, tentou Sunny.

“Parece um lobo”, disse Violet, já disfarçando a voz. “Vamos contar à madame Lulu que você é meio lobo meio gente.”

“Se fosse verdade, seria terrível”, disse Klaus, com uma voz bem aguda. “Mas nascer com duas cabeças não seria mais fácil.”

“Vamos dizer à Lulu que passamos por experiências horrendas, mas que trabalhar no parque nos traz esperanças de dias melhores”, disse Violet com um suspiro. “E nem precisamos fingir. Nós realmente passamos por experiências horrendas, e de fato esperamos que as coisas melhorem. Somos aberrações, quase tanto quanto fingimos ser.”

“Não diga isso”, disse Klaus, e então lembrou-se da nova voz. “Não diga isso”, repetiu, agora num tom bem mais agudo. “Não somos aberrações. Ainda somos os Baudelaire, mesmo usando os disfarces de Olaf.”

“Eu sei”, disse Violet com a nova voz, “mas é um pouco confuso fingir ser outra pessoa.”

“Grr”, rosnou Sunny, concordando.

As três crianças devolveram ao porta-malas o resto das coisas de Olaf e caminharam em silêncio até o trailer de madame Lulu. Andar dentro das mesmas calças foi desconfortável para Violet e Klaus, e Sunny teve de parar a cada passo para afastar a barba dos olhos. Era bastante confuso se passar por pessoas completamente diferentes, ainda mais porque fazia muito tempo que os Baudelaire não conseguiam ser quem eles realmente eram. Violet, Klaus e Sunny não se viam como crianças que se escondem em porta-malas, ou que se disfarçam, ou que tentam arranjar emprego numa Casa dos Monstros. Mesmo assim, eles mal se lembravam da última vez em que relaxaram e fizeram as coisas de que gostavam. Parecia que séculos haviam se passado desde que Violet pudera pensar em invenções sem que fosse para livrá-los de dificuldades. Klaus não se lembrava do último livro que lera por simples prazer, e não para tentar frustrar os planos de Olaf. E Sunny tinha usado seus dentes muitas e muitas vezes para escapar de situações difíceis, mas fazia um

bom tempo que não mordida alguma coisa por pura recreação. Cada passo desengonçado rumo ao trailer de madame Lulu parecia levá-los cada vez para mais longe de suas vidas reais de órfãos Baudelaire, e cada vez mais perto de suas vidas disfarçadas de aberrações do Parque Caligari, e isso era realmente muito confuso. Quando Sunny bateu à porta, madame Lulu gritou: “Quem está aí?”, e aquela foi a primeira vez em suas vidas que essa simples pergunta os deixou confusos.

“Somos aberrações”, respondeu Violet, com a voz disfarçada. “Somos trê... Quero dizer, duas aberrações à procura de trabalho.”

A porta se abriu com um rangido, e as crianças viram madame Lulu pela primeira vez. Vestia uma túnica comprida e brilhante que parecia mudar de cor conforme ela se mexia e um turbante parecido com o que o conde Olaf usara na Escola Preparatória Prufrock. Tinha olhos escuros e penetrantes, e sobre eles duas dramáticas sobancelhas desconfiadas, que examinavam as crianças de alto a baixo. Atrás dela, sentados a uma pequena mesa redonda, estavam o conde Olaf, Esmé Squalor e os capangas de Olaf, todos olhando para os jovens com curiosidade. E como se todos aqueles olhos não fossem suficientes, havia mais um olho mirando os Baudelaire — um olho de vidro, preso a um cordão no pescoço de madame Lulu. O olho era igual ao que estava pintado no trailer e tatuado no tornozelo de Olaf. Era um olho que parecia acompanhar os Baudelaire aonde quer que fossem, puxando-os cada vez mais fundo para o perturbador mistério de suas vidas.

“Entra, faz favor”, disse madame Lulu, com seu sotaque esquisito, e as crianças obedeceram. Caminhando do modo mais bizarro que podiam, os órfãos Baudelaire foram se aproximando daqueles olhos, e se afastando cada vez mais de suas vidas.



CAPÍTULO TRÊS

Tão desagradável quanto cortar-se com papel várias vezes no mesmo dia, ou descobrir que alguém da família o denunciou aos seus inimigos, é ser entrevistado para um emprego. É aflitivo explicar a alguém todas as coisas que você sabe fazer na esperança de que lhe paguem para fazê-las. Uma vez, numa dessas entrevistas, tive de explicar e demonstrar como era capaz de acertar uma azeitona com arco-e-flecha, memorizar três páginas de poesia e dizer se havia ou não veneno misturado no fondue de queijo, mesmo sem experimentar. Na maior parte dos casos, a melhor estratégia para uma entrevista de emprego é ser honesto, pois o pior que pode acontecer é você não conseguir o emprego e passar o resto da vida atrás de comida no deserto, abrigado debaixo de uma árvore ou de uma ponte. Mas, no caso dos Baudelaire, a situação era ainda mais desesperadora. Eles não podiam ser honestos com madame Lulu, pois estavam disfarçados, e o pior que podia acontecer era serem descobertos pelo conde Olaf e sua trupe e passarem o resto de suas vidas em circunstâncias impensáveis de tão ruins.

“Senta, faz favor, que Lulu vai entrevistar vocês para emprego na parque”, disse madame Lulu, apontando para a mesa de Olaf e sua trupe. Sob o olhar de todos, Violet e Klaus sentaram-se na mesma cadeira e Sunny arrastou-se para cima de outra. A trupe, com os cotovelos sobre a mesa, comia lanches fornecidos por Lulu, enquanto Esmé Squalor bebericava o seu leite desnatado e o conde Olaf prestava muita, muita atenção nos Baudelaire.

“Vocês me parecem muito familiares”, disse ele.

“Talvez você já viu aberraçóns antes, meu Olaf”, disse Lulu. “Como é nome de aberraçóns?”

“Meu nome é Beverly”, disse Violet, inventando um nome tão depressa quanto poderia inventar uma tábua de passar roupa. “E essa é a minha outra cabeça, Elliot.”

Olaf esticou o braço para um aperto de mãos, e Violet e Klaus tiveram de refletir por um momento antes de saber de quem era o braço que saía pela manga direita para cumprimentar o vilão. “É um prazer conhecê-los”, disse ele. “Deve ser muito difícil ter duas cabeças.”

“Oh, sim”, disse Klaus, com a voz mais aguda que sabia fazer. “Você nem imagina o trabalho que dá comprar roupas.”

“A sua camisa”, disse Esmé, “é muito in”.

“Não é porque somos aberrações”, disse Violet, “que não nos importamos com a moda.”

“E como vocês fazem para comer?”, perguntou Olaf, com um brilho cínico nos olhos. “Vocês têm dificuldade para comer?”

“Bem, eu..., quero dizer, nós...”, e antes que Klaus terminasse a fala, Olaf pegou uma espiga de milho que estava num dos pratos e a estendeu para as duas crianças.

“Vamos ver que grau de dificuldade você tem”, rosnou ele, e os seus capangas deram risadinhas. “Coma essa espiga de milho, aberração de duas cabeças.”

“Sim”, concordou madame Lulu. “Esta é melhor jeito de ver se você pode trabalhar na parque. Come milho! Come milho!”

Violet e Klaus se entreolharam, e então cada um estendeu uma mão para pegar a espiga de milho e, desajeitados, levaram-na à frente de suas bocas. Violet se inclinou para dar a primeira mordida, mas o movimento fez a espiga escorregar da mão de Klaus e cair na mesa, fazendo todos soltarem gargalhadas cruéis.

“Olhem só para ele!”, riu uma das mulheres de cara branca. “Não consegue nem comer uma espiga de milho! Como é esquisito!”

“Tente outra vez”, disse Olaf, com um sorriso perverso. “Pegue a espiga da mesa, aberração.”

As crianças obedeceram, e de novo levaram a espiga às suas bocas. Klaus apertou os olhos e tentou dar uma mordida, mas quando Violet mudou a posição da espiga para ajudá-lo, acabou acertando-lhe o rosto, e todo mundo — com exceção de Sunny, é claro — desatou a rir mais uma vez.

“Vocês aberrações é engraçadas”, disse madame Lulu. De tanto rir ela precisou enxugar os olhos, e quando fez isso, borrou ligeiramente uma de suas dramáticas sobrancelhas, como se tivesse um pequeno machucado em cima do olho. “Tenta de novo, aberración Beverly-Elliot!”

“Essa é a coisa mais engraçada que eu já vi”, disse o homem de mãos de gancho. “Sempre tive pena das pessoas defeituosas, mas agora acho que elas são hilárias.”

Violet e Klaus ficaram com vontade de dizer que um homem com ganchos no lugar das mãos também devia penar para comer uma espiga de milho. Depois de algumas mordidas, as crianças começaram a encontrar o caminho das pedras, uma expressão que aqui significa “descobrir como duas pessoas, com somente duas mãos, podem comer uma única espiga de milho ao mesmo tempo”, mas ainda assim era uma tarefa bastante difícil. A manteiga que lambuzava a espiga deixava suas bocas engorduradas, quando não escorria por seus queixos. Às vezes, a posição da espiga era perfeita para um deles morder, mas cutucava a outra cabeça. E muitas vezes a espiga de milho simplesmente escapava de suas mãos, e todo mundo soltava aquela gargalhada.

“Isso é mais divertido que fazer seqüestros!”, disse o capanga careca

de Olaf, que não parava de rir. “Lulu, essa aberração vai atrair pessoas de muito longe, e tudo o que você vai ter de comprar é uma espiga de milho!”

“Este é verdade, faz favor”, concordou madame Lulu, baixando os olhos para Violet e Klaus. “O multidón adora comilança porca. Vocês está contratado para atraçón de Casa dos Monstros. “

“E aquele outro?”, perguntou Esmé, às risadinhas, limpando o lábio superior sujo de leite. “O que é aquela aberração, algum tipo de cachecol vivo?”

“Chabo!”, disse Sunny para os irmãos. Ela queria dizer alguma coisa do tipo: “Sei que é humilhante, mas pelo menos os nossos disfarces funcionam!”, e Violet se apressou em disfarçar a tradução.

“Esta é Chabo, a Bebê-Lobo”, disse ela, com sua voz grave. “Sua mãe era uma caçadora que se apaixonou por um belo lobo e teve com ele essa pobre filha.”

“Eu nem sabia que isso era possível”, disse o homem de mãos de gancho.

“Grr”, rosou Sunny.

“Pode ser engraçado vê-la comendo milho também”, sugeriu o careca e, com outra espiga de milho na mão, acenou para a mais jovem dos Baudelaire. “Aqui, Chabo! Coma uma espiga de milho!”

Sunny escancarou a boca, mas quando o careca viu as pontas dos seus dentes aparecendo por detrás da barba, puxou a mão de volta, assustado.

“Opa!”, disse ele. “Aquela aberração é feroz!”

“Ela ainda é um pouco selvagem”, disse Klaus, com a voz aguda. “Ficamos com todas estas cicatrizes só por provocá-la.”

“Grr”, rosou Sunny, e mordeu um talher de prata para demonstrar como era selvagem.

“Chabo vai ficar ecselente atraçón na parque”, pronunciou madame Lulu. “Pessoas sempre gosta de violência, faz favor. Você também está contractada, Chabo. “

“Apenas a mantenha longe de mim”, disse Esmé. “Um bebê-monstro como esse é bem capaz de estragar a minha roupa.”

“Grr!”, rosou Sunny.

“Vem com madame Lulu, aberraçóns”, disse Lulu. “Eu vai mostrar trailer, faz favor, onde vocês vai fazer naninha.”

“Vamos ficar aqui e tomar mais vinho”, disse o conde Olaf. “Congratulações pelas novas aberrações, Lulu. Eu sabia que você teria sorte se eu estivesse por perto.”

“Todo mundo tem”, disse Esmé, e beijou Olaf na bochecha. Madame Lulu fez uma careta e levou as crianças para fora do trailer.

“Vem comigo, aberraçóns, faz favor”, disse ela. “Vocês vai morar na trailer dos aberraçóns. Vocês vai dividir com outros aberraçóns. Tem Hugo, Colette e Kevin, todos aberraçóns. Todo dia vai ser dia de atraçón de Casa dos Monstros. Beverly-Elliot, você vai comer milho, faz favor. Chabo, você vai

ficar atacando público, faz favor. Algum pergunta?”

“Nós seremos pagos?”, perguntou Klaus. Ele pensou que um pouco de dinheiro podia ajudá-los quando já tivessem conseguido as respostas que queriam e pudessem escapar dali.

“Na-na-na”, disse madame Lulu. “Madame Lulu nón vai dá dinheiro para aberracións, faz favor. Quando você é aberración, tem que agradecer se alguém dá trabalho para você. Olha homem com gancho nos mons: ele agradecido porque trabalha para conde Olaf, apesar que conde Olaf nón dá para ele nada de fortuna Baudelaire.”

“Conde Olaf?”, perguntou Violet, fingindo não conhecer seu pior inimigo. “É aquele moço com uma sobancelha só?”

“Aquela é Olaf”, disse Lulu. “Homem brilhanta, mas melhor nón falar coisas errados pra ele, faz favor. Madame Lulu sempre diz, você precisa sempre dar para pessoas o que pessoas quer, portanto vocês precisa falar sempre para Olaf que ele homem brilhanta.”

“Vamos nos lembrar disso”, disse Klaus.

“Bom, faz favor”, disse Lulu. “Esta é trailer dos aberracións. Bem-vindos na sua nova lar.”

Ela parara diante de um trailer onde a palavra ABERRAÇÕES aparecia pintada em grandes letras. A tinta parecia escorrer, como se a pintura fosse fresca, mas a palavra estava tão desbotada que os Baudelaire perceberam que o trailer tinha sido pintado havia muitos anos. Junto a ele havia uma barraca esburacada onde estava afixada uma placa com o desenho de uma menina de três olhos dizendo BEM-VINDO À CASA DOS MONSTROS. Madame Lulu passou pela placa e bateu à porta do trailer.

“Aberracións!”, gritou ela. “Faz favor acorda, faz favor! Nós tem novos aberracións aqui, vocês diz olá!”

“Só um minuto, madame Lulu”, gritou uma voz detrás da porta.

“Nada de minuto, faz favor”, disse madame Lulu. “Agora! Eu é dono da parque!”

Quando a porta se abriu, apareceu um homem sonolento e giboso, uma palavra que aqui significa “que possui uma protuberância nas costas perto do ombro, dando à pessoa uma aparência irregular”. Usava um pijama rasgado nos ombros por causa da corcunda e segurava uma pequena vela.

“Sei que a senhora é a dona, madame Lulu”, disse o homem, “mas estamos no meio da noite. A senhora não quer que as suas aberrações fiquem descansadas?”

“Madame Lulu nón está muito preocupado com sono de aberracións”, disse Lulu, desdenhosa. “Faz favor, conta pra novas aberracións como deve fazer para atração de amanhã. O aberración de dois cabeças vai comer milho, faz favor, e o pequena aberración lobo vai atacar público.”

“Violência e comilança porca”, disse o homem com um suspiro. “Acho que a multidão vai gostar.”

“Claro que multidón vai gostar”, disse Lulu, “e entón Parque Caligari

vai ganhar muita dinheiro.”

“E, quem sabe, a senhora vai poder nos pagar”, disse o homem.

“Nem pensar, faz favor”, respondeu Lulu. “Bom noite, aberraçõs.”

“Boa noite, madame Lulu”, retrucou Violet, que preferiria ter sido chamada por um nome decente, mesmo que inventado, a ser chamada de “aberraçõn”, mas a vidente foi embora sem nem olhar para trás. Os Baudelaire ainda ficaram no vão da porta do trailer por um momento, vendo Lulu desaparecer na noite, e só então olharam para o homem e se apresentaram de modo mais apropriado.

“Meu nome é Beverly”, disse Violet. “Minha segunda cabeça se chama Elliot, e esta é Chabo, a Bebê-Lobo.”

“Grr!”, rosnou Sunny.

“Eu sou Hugo”, respondeu o homem. “É bom ter novos colegas de trabalho. Entrem no trailer, vou apresentá-los aos outros.”

Mesmo com dificuldade para caminhar, Violet e Klaus seguiram Hugo, e Sunny seguiu seus irmãos, engatinhando para ficar mais parecida com um bebê-lobo. O trailer era pequeno, mas à luz da vela de Hugo era possível perceber que estava arrumado e limpo. Havia uma pequena mesa de madeira no centro e várias cadeiras em volta. Num canto havia várias roupas penduradas, inclusive uma longa fileira de casacos idênticos, e um grande espelho para alguém se pentear e se certificar de que está apresentável. Havia um pequeno fogão com algumas panelas e frigideiras empilhadas e alguns vasos de plantas enfileirados para receber a luz que vinha da janela. O trailer parecia ser um lugar confortável, mesmo que não tivesse uma pequena bancada de trabalho onde Violet pudesse inventar coisas, nem estantes de livros para Klaus fazer pesquisas, nem tampouco uma pilha de cenouras ou de qualquer outro alimento crocante em que Sunny pudesse cravar os dentes. Mas do que os Baudelaire realmente sentiram falta quando entraram no trailer foi de um lugar para dormir, pelo menos até que Hugo avançasse um pouco mais com a vela e iluminasse três redes penduradas em ganchos nas paredes. Uma delas estava vazia — e os Baudelaire presumiram que Hugo dormia lá —, em outra havia uma mulher alta e magra de cabelos encaracolados, que olhava para eles com os olhos apertados, e, na terceira, um homem com o rosto muito enrugado ainda dormia.

“Kevin!”, gritou Hugo para o homem adormecido. “Kevin, acorde! Temos novos colegas de trabalho. Vou precisar de ajuda para pendurar mais redes.”

O homem franziu o cenho e lançou um olhar furibundo para Hugo. “Você não devia ter me acordado”, disse. “Estava sonhando que não era uma aberração e não havia nada de errado comigo. Era maravilhoso.”

Os Baudelaire deram uma boa conferida em Kevin quando ele desceu da rede, e não encontraram nada que fosse aberrante; em compensação, quando ele olhou para os Baudelaire, arregalou os olhos como se tivesse visto um fantasma.

“Palavra de honra”, disse. “Vocês dois são bem defeituosos.”

“Tente ser gentil, Kevin”, disse Hugo. “Esta é Be-verly-Elliot, e lá no chão está Chabo, a Bebê-Lobo.”

“Bebê-Lobo?”, repetiu Kevin, sacudindo a mão direita de Violet-Klaus. “Ela morde?”

“Ela não gosta de provocações”, disse Violet.

“Eu também não”, disse Kevin, e baixou a cabeça.

“Mas onde quer que eu esteja ouço as pessoas cochichando: ‘Lá vai Kevin, o monstro ambidestra’.”

“Ambidestra?”, disse Klaus. “Isso não quer dizer que você é destro e canhoto ao mesmo tempo?”

“Então já ouviu falar de mim”, disse Kevin. “E foi por isso que viajou até aqui, para o meio do sertão, só para ver alguém capaz de escrever o próprio nome tanto com a mão esquerda como com a direita?”

“Não”, disse Klaus. “Apenas conheço a palavra ‘ambidestra’.”

“Bem que eu notei que você era sabido”, disse Hugo. “Afinal, tem duas vezes mais cérebro que todo mundo.”

“Eu só tenho um cérebro”, disse Kevin, tristemente. “Um cérebro, dois braços ambidestros e duas pernas ambidestras. Que aberração!”

“É melhor do que ser corcunda”, disse Hugo. “As suas mãos podem ser uma aberração, mas você tem os ombros absolutamente normais.”

“De que me valem ombros normais”, disse Kevin, “se eles estão ligados a mãos que usam garfo e faca com a mesma facilidade?”

“Oh, Kevin”, disse a mulher, e desceu da rede para fazer-lhe um carinho na cabeça. “Eu sei que é deprimente ser tão bizarro, mas tente ver o lado bom das coisas. Pelo menos, você está melhor do que eu.” Ela se voltou para as crianças com um sorriso tímido. “Meu nome é Colette”, disse, “e se é para vocês rirem de mim, prefiro que riam agora e acabem com isso de uma vez.”

Os Baudelaire olharam para Colette e depois se entreolharam. “Renufl”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “Eu não vejo nada de aberrante em você, mas mesmo que visse não daria risada, porque não seria gentil”.

“Aposto que isso é algum tipo de risada de lobo”, disse Colette, “mas não culpo Chabo por rir de uma contorcionista.”

“Contorcionista?”, perguntou Violet.

“Sim”, suspirou Colette. “Posso dobrar o meu corpo em diversas posições inusitadas. Vejam.”

Colette suspirou novamente e iniciou uma seqüência de contorções. Primeiro ela se curvou para baixo, pôs a cabeça entre as pernas e se enroscou até virar uma bola no chão. Depois suspendeu o corpo inteiro com apenas alguns dedos e trançou as pernas em espiral. Por fim, deu uma cambalhota no ar, ficou um momento se equilibrando na cabeça e entrelaçando braços e pernas como se fosse um novelo de barbante, e depois mirou os Baudelaire

com uma expressão triste.

“Viram?”, disse ela. “Sou uma completa aberração.”

“Uau!”, guinchou Sunny.

“Achei incrível”, disse Violet, “e Chabo também.”

“É muito gentil da sua parte”, disse Colette, “mas eu tenho vergonha de ser assim.”

“Mas se você tem vergonha”, disse Klaus, “por que não movimentar o seu corpo normalmente, em vez de fazer contorções?”

“Porque estou na Casa dos Monstros, Elliot”, respondeu Colette. “Ninguém pagaria para me ver movimentando o corpo normalmente.”

“É um dilema interessante”, disse Hugo, usando uma palavra difícil para “problema”, a qual os Baudelaire aprenderam num livro jurídico na biblioteca da juíza Strauss. “Nós três gostaríamos de ser normais, e não aberrações, mas pela manhã as pessoas estarão na barraca esperando que Colette se contorça em estranhas posições, que Beverly-Elliot coma milho, que Chabo rosne e ataque a multidão, que Kevin escreva seu nome com as duas mãos e que eu experimente um daqueles casacos. Madame Lulu diz que devemos dar às pessoas o que elas querem, e elas querem aberrações fazendo seus números num palco. Agora, vamos dormir, já é tarde. Kevin, me dê uma mão aqui para pendurar essas redes, e depois vamos todos descansar um pouco.”

“Eu daria até as duas mãos”, disse Kevin, taciturno. “Ambas são ágeis. Oh, como eu queria ser ou destro ou canhoto!”

“Tente se alegrar”, disse Colette, gentilmente. “Talvez amanhã aconteça um milagre e conseguiremos todas as coisas que desejamos.”

Ninguém no trailer disse mais nada, mas enquanto Hugo e Kevin preparavam duas redes para os três Baudelaire, as crianças ficaram pensando sobre o que Colette havia dito. Milagres são como almôndegas, porque ninguém está exatamente de acordo sobre do que são feitos, de onde vêm ou com que frequência devem aparecer. Algumas pessoas dizem que o nascer do sol é um milagre porque é algo misterioso e muito bonito, mas há quem diga que é apenas um fato da vida, porque acontece todos os dias e exageradamente cedo pela manhã. Algumas pessoas dizem que o telefone é um milagre, porque o fato de você poder falar com alguém que está a milhares de quilômetros de distância é algo prodigioso, mas há quem diga que não passa de um dispositivo manufaturado, feito com peças metálicas, circuitos eletrônicos e fios fáceis de cortar. E algumas pessoas dizem que sair sorrateiramente de um hotel é um milagre, especialmente se o saguão estiver cheio de policiais, mas há quem considere isso apenas um fato da vida, porque acontece todos os dias e exageradamente cedo pela manhã. Portanto você pode pensar que existem tantos milagres no mundo que mal dá para contar, ou que existem tão poucos que mal vale a pena mencionar, depende de como você passa as suas manhãs, se admirando um belo crepúsculo ou descendo para um beco sem saída por uma corda feita de toalhas.

Mas os Baudelaire pensavam num milagre enquanto tentavam dormir em suas redes, e era um milagre que parecia ser maior do que qualquer almôndega que o mundo já tenha visto. Enquanto Violet e Klaus buscavam a melhor posição dentro da roupa comum e Sunny tentava ajeitar a barba de Olaf para não pinicar tanto, o ranger de suas redes ressoava no trailer, e os três jovens pensavam num milagre tão prodigioso e lindo que só de pensar dava uma dorzinha no coração. O milagre, é claro, era que um de seus pais estivesse vivo, que ou seu pai ou sua mãe tivessem sobrevivido ao incêndio que destruíra sua casa e dera início à sua jornada de desventuras. A existência de mais um Baudelaire vivo seria um milagre tão enorme e improvável que as crianças quase sentiam medo de desejá-lo, mas desejavam assim mesmo. Eles pensaram no que Colette havia dito — que talvez acontecesse um milagre e todos conseguissem o que mais desejavam — e aguardaram o amanhecer, quando então a bola de cristal de madame Lulu poderia anunciar o milagre que os Baudelaire desejavam.

Por fim o sol nasceu, como faz todos os dias, exageradamente cedo pela manhã. As três crianças tinham dormido pouco e desejado muito, e agora observavam o trailer pouco a pouco se encher de luz, ouviam Hugo, Colette e Kevin se mexer em suas redes, e se perguntavam se o conde Olaf já teria entrado na Barraca do Destino e descoberto alguma coisa por lá. E já não agüentavam mais esperar, quando ouviram o som de passos apressados e uma batida forte na porta.

“Acordem! Acordem!”, gritou o homem de mãos de gancho, mas antes de continuar a escrever o que ele disse, preciso contar a você que existe mais uma similaridade entre um milagre e uma almôndega, que é o fato de ambos parecerem ser uma coisa e acabarem revelando-se outra. Isso aconteceu comigo num restaurante por quilo, quando se revelou que havia uma pequena câmera escondida na almôndega que eu peguei. E desta vez aconteceu com Violet, Klaus e Sunny, muito embora só bastante tempo depois eles tenham descoberto que aquilo que o homem de mãos de gancho disse era um pouco diferente do que eles entenderam quando o ouviram gritar do outro lado da porta do trailer.

“Acordem!”, disse ele novamente, e bateu na porta. “Acordem e andem depressa! Estou de mau humor e não tenho tempo para besteiras. O dia está agitado no parque. A madame Lulu e o conde Olaf saíram em missão, estou encarregado da Casa dos Monstros, a bola de cristal revelou que um dos pais daqueles malditos Baudelaire ainda está vivo e o trailer dos presentes está desfalcado de estatuetas.”



CAPÍTULO QUATRO

“O quê?”, perguntou Hugo, esfregando os olhos. “O que foi que você disse?”

“Eu disse que o trailer dos presentes está quase sem estatuetas”, repetiu o homem de mãos de gancho detrás da porta. “Mas isso não é da sua conta. Já tem gente no parque, portanto vocês, aberrações, precisam se aprontar em quinze minutos.”

“Um momento, senhor!”, disse Violet, se lembrando a tempo de dizer com voz grave, enquanto ela e o irmão desciam da rede, ainda dentro da mesma calça. Sunny já estava no chão, excitada demais para se lembrar de que rosnava. “O senhor disse que um dos pais dos Baudelaire está vivo?”

A porta do trailer se abriu levemente, e as crianças viram a cara do homem de mãos de gancho, que as fitava desconfiado.

“Que diferença faz para vocês?”, perguntou ele.

“Bem”, concertou Klaus, “lemos sobre os Baudelaire em O Pundonor Diário e estamos muito interessados no caso daquelas crianças homicidas.”

“Bem”, disse o homem, “os pais dos pirralhos deveriam estar mortos, mas a madame Lulu viu na bola de cristal que um deles está vivo. É uma longa história, mas significa que estaremos todos muito ocupados hoje. O conde Olaf e a madame Lulu precisaram sair cedo numa missão importante, portanto eu estou encarregado da Casa dos Monstros, o que significa que mando em vocês. Andem logo e se aprontem para o espetáculo!”

“Grr!”, rosnou Sunny.

“Chabo já está pronta”, disse Violet, “e nós nos aprontamos num instante.”

“É bom mesmo”, disse o homem de mãos de gancho, e começou a fechar a porta, mas parou por um momento. “Engraçado”, disse ele. “Parece que uma de suas cicatrizes está borrada.”

“Elas costumam borrar à medida que vão sarando”, disse Klaus.

“Que pena”, respondeu o homem de mãos de gancho. “Isso deixa você com uma aparência menos bizarra.” Ele bateu a porta e se afastou do trailer.

“Tenho dó daquele homem”, comentou Colette, enquanto torcia o corpo para descer da rede e se contorcia no chão. “Toda vez que ele e o tal conde vêm fazer uma visita eu me sinto mal só de olhar para aqueles ganchos.”

“Ele está melhor do que eu”, disse Kevin, espreguiçando os braços ambidestros. “Pelo menos um dos ganchos é mais forte que o outro. Meus braços e pernas são exatamente iguais.”

“E as minhas são muito flexíveis”, disse Colette. “Bem, melhor fazer o que aquele sujeito disse, e se preparar para o espetáculo.”

“Vamos lá”, disse Hugo, procurando uma escova de dente numa gaveta de seu armário. “Madame Lulu sempre diz que precisamos dar às pessoas aquilo que elas querem, e aquele homem quer que nos aprontemos.”

“Aqui, Chabo”, disse Violet. “Vou ajudá-la a afiar os dentes.”

“Grr!”, concordou Sunny, e os Baudelaire mais velhos se inclinaram para baixo, ergueram Sunny e a levaram para um canto onde os três pudessem cochichar. Enquanto isso, Hugo, Colette e Kevin arrematavam seu vestuário, uma expressão que aqui significa “faziam as coisas necessárias para começar o dia como aberrações de parque de diversões”.

“O que você acha?”, perguntou Klaus. “Será realmente possível que um de nossos pais esteja vivo?”

“Não sei”, disse Violet. “É difícil acreditar que a bola de cristal tenha de fato alguma magia. Mas, por outro lado, ela sempre apontou ao conde Olaf onde nós estávamos. Não sei no que acreditar.”

“Barraca”, sussurrou Sunny.

“Acho que você tem razão, Sunny”, disse Klaus. “Se entrarmos sem que ninguém nos note na Barraca do Destino, talvez possamos descobrir alguma coisa sobre nós.”

“Vocês estão cochichando sobre mim, não é?”, gritou Kevin do outro lado do trailer. “Aposto que estão dizendo: ‘Que aberração é esse Kevin. Às vezes ele faz a barba com a mão esquerda, às vezes com a mão direita, mas não faz diferença, porque as mãos são exatamente iguais!’”.

“Não estávamos falando de você, Kevin”, disse Violet. “Falávamos do caso Baudelaire.”

“Nunca ouvi falar nesses Baudelaire”, disse Hugo, enquanto penteava o cabelo. “Será que ouvi você mencionar que eles são assassinos?”

“É o que diz O Pundonor Diário”, disse Klaus.

“Eu nunca leio o jornal”, disse Kevin. “Segurá-lo da mesma forma com as duas mãos me faz sentir uma aberração.”

“Você está melhor do que eu”, disse Colette. “Se me contorcer, posso até pegar um jornal com a língua. E você ainda vem dizer que é uma aberração...”

“É um dilema interessante”, disse Hugo ao escolher um dos casacos da arara, “mas somos todos aberrações do mesmo jeito. Agora vamos sair e apresentar um bom espetáculo!”

Os Baudelaire seguiram os colegas até a Casa dos Monstros, onde o homem de mãos de gancho aguardava impaciente, segurando uma coisa comprida e molhada num dos ganchos.

“Entrem e façam um bom espetáculo”, ordenou ele, indicando a entrada da barraca. “Madame Lulu disse que estou autorizado a usar este tagliatelle grande se vocês não derem ao público o que ele quer.”

“O que é um tagliatelle grande”, perguntou Colette.

“É uma espécie de macarrão italiano”, explicou o homem de mãos de gancho, desenrolando o objeto comprido e molhado. “É um macarrãozão que um empregado do Parque Caligari cozinhou para mim esta manhã.” O capanga de Olaf chacoalhou o maço de macarrão acima da cabeça, produzindo um som flácido que lembrava uma enorme minhoca se arrastando. “Se vocês não fizerem o que eu digo”, continuou ele, “bato em vocês com o tagliatelle grande, e ouvi dizer que é uma experiência pegajosa.”

“Não se preocupe”, disse Hugo. “Nós somos profissionais.”

“Fico feliz em ouvir isso”, debochou o homem de mãos de gancho, e os acompanhou até a Casa dos Monstros. A barraca parecia ainda maior por dentro, especialmente porque não havia muita coisa naquele espaço tão grande. Por cima do palco havia algumas cadeiras de dobrar e um estandarte pendurado, onde se lia CASA DOS MONSTROS em letras desleixadas. Havia também um pequeno quiosque onde uma das mulheres de cara branca vendia re-frescos. E havia sete ou oito pessoas que já aguardavam impacientes pelo início do espetáculo. Madame Lulu mencionara que os negócios iam mal no Parque Caligari, mas ainda assim os irmãos esperavam que um pouco mais de gente fosse ver as aberrações do parque. Quando as crianças e os seus colegas se aproximaram do palco, o homem de mãos de gancho começou a falar como se estivesse diante de uma vasta multidão.

“Senhoras e senhores, meninos e meninas, adolescentes de ambos os sexos”, anunciou. “Corram para comprar os seus deliciosos refrescos, pois o espetáculo de aberrações da Casa dos Monstros já vai começar!”

“Olhem para aqueles monstros!”, disse alguém do público com uma risadinha. Era um homem de meia-idade, com várias espinhas no queixo. “Tem um com ganchos no lugar das mãos!”

“Eu não sou parte do espetáculo”, rosnou o capanga de Olaf. “Trabalho no parque!”

“Oh, desculpe”, disse o homem. “Mas, se me permite a sinceridade, ninguém o confundiria se você comprasse um belo par de mãos.”

“Comentar a aparência dos outros é falta de educação”, disse severamente o homem de mãos de gancho. “E agora, senhoras e senhores, contemplem horrorizados Hugo, o corcunda! No lugar das costas ele tem uma grande e monstruosa giba!”

“É verdade”, disse o homem das espinhas, que estava com vontade de rir. “Que monstro!”

O homem de mãos de gancho agitou o grande macarrão no ar como

um lembrete flácido aos Baudelaire e seus colegas. “Hugo!”, latiu. “Vista o seu casaco!”

Enquanto o público abafava o riso, Hugo foi até a frente do palco e tentou vestir o casaco. Normalmente, quando alguém possui um corpo pouco usual, contrata um alfaiate para adaptar as roupas a seu corpo, mas quando Hugo começou a lutar com o casaco, ficou claro que nenhum alfaiate tinha sido contratado. À medida que ele fechava os botões de baixo para cima, a corcunda de Hugo enrugou, depois esticou, e por fim acabou rasgando a parte de trás do casaco. Poucos momentos depois, tudo o que restava do casaco eram pedaços de pano esfarrapado. Envergonhado, Hugo retirou-se para o fundo do palco e sentou-se numa cadeira de dobrar, enquanto as pessoas do minúsculo público uivavam de tanto rir.

“Não é hilário?”, disse o homem de mãos de gancho. “Ele não consegue nem vestir um casaco! Que pessoa monstruosa! Mas aguardem, senhoras e senhores, porque aí vem mais!” O comparsa de Olaf agitou mais uma vez o tagliatelle grande, enquanto, com o outro gancho, tirou do bolso uma espiga de milho que mostrou para a platéia. “Essa é uma simples espiga de milho”, anunciou. “É uma coisa que qualquer pessoa normal pode comer. Mas aqui no Parque Caligari nós não temos uma Casa das Pessoas Normais. Nós temos uma Casa dos Monstros, e é de lá que vem uma novíssima aberração que vai transformar essa espiga numa hilariante porcaria!”

Violet e Klaus suspiraram e foram até o centro do palco, e eu acho que não preciso me demorar muito na descrição daquele espetáculo deprimente. Sem dúvida você é capaz de adivinhar que os dois Baudelaire mais velhos foram forçados a comer aquela espiga de milho na frente de um pequeno grupo de pessoas que ria deles, e que Colette foi forçada a torcer o corpo em formas e posições inusitadas, e que Kevin teve de escrever seu nome com ambas as mãos, a esquerda e a direita, e que por fim a pobre Sunny foi forçada a rosnar para o público, muito embora não fosse uma pessoa feroz e preferisse dizer “oi” educadamente. E você pode imaginar como as pessoas reagiam quando o homem de mãos de gancho anunciava cada um deles e os forçava a fazer essas coisas. Os sete ou oito gatos-pingados do público riam, gritavam impropérios e faziam piadas de mau gosto, e uma mulher chegou a atirar o seu refresco em Kevin, com copo de papel e tudo, como se alguém que é destro e canhoto ao mesmo tempo merecesse ganhar manchas pegajosas na camisa. Mas o que talvez você não possa imaginar, a não ser que já tenha passado por isso, é o quanto foi humilhante participar de um espetáculo desses. Você pode achar que ser humilhado é como andar de bicicleta ou decifrar mensagens em código, coisas que ficam mais fáceis depois que você já passou por isso algumas vezes, mas aquela não era a primeira vez que insultavam os Baudelaire, e isso não tornou a experiência na Casa dos Monstros nem um pouco mais fácil. Violet lembrou-se de quando uma menina chamada Carmelita Spats rira dela e a xingara na época da Escola Preparatória Prufrock, mas mesmo assim ficou magoada quando o homem de mãos de

gancho a anunciou como uma aberração hilariante. Klaus lembrou-se de quando Esmé Squalor o insultara na avenida Sombria, 667, mas mesmo assim ficou envergonhado quando o público começou a apontar com o dedo e rir a cada vez que a espiga de milho escorregava de suas mãos. E Sunny lembrou-se de todas as vezes em que o conde Olaf rira dos três Baudelaire e de suas desventuras, mas mesmo assim ficou magoada e um pouco enjoada quando a chamaram de “aberração lobal”. Os Baudelaire sabiam que não eram uma pessoa de duas cabeças e um bebê-lobo, mas mesmo assim, sentados com os colegas no trailer das aberrações, depois que o espetáculo terminara, sentiram-se humilhados como se de fato fossem tão monstruosos como todos pensavam.

“Não gosto deste lugar”, disse Violet a Kevin e Colette, enquanto Hugo preparava chocolate quente no fogão. Ela estava tão perturbada que quase se esqueceu de falar com a voz grave. “Não gosto que olhem para mim, não gosto que dêem risada de mim. Se as pessoas acham engraçado alguém deixar uma espiga de milho cair no chão, que fiquem em casa e deixem elas mesmas a espiga cair.”

“Kiwoon!”, concordou Sunny, sem se lembrar de rosnar. Ela queria dizer alguma coisa como: “Pensei que ia chorar quando me chamaram de ‘monstro’”, mas por sorte só seus irmãos entenderam, portanto ela não revelou seu disfarce.

“Não se preocupem”, disse Klaus às irmãs. “Acho que não vamos continuar aqui por muito tempo. A Barraca do Destino está fechada porque hoje cedo o conde Olaf e a madame Lulu saíram numa missão importante.” O Baudelaire do meio não precisou acrescentar que era uma boa ocasião para entrar na barraca de Lulu e descobrir se a bola de cristal realmente tinha as respostas que eles procuravam.

“Que importa para você se a Barraca do Destino está fechada?”, perguntou Colette. “Você é uma aberração, e não um vidente.”

“E por que você não quer ficar aqui?”, perguntou Kevin. “O Parque Caligari não está no auge de sua popularidade, mas não existe nenhum outro lugar para onde uma aberração possa ir.”

“É claro que existe”, disse Violet. “Muitas pessoas são ambidestras, Kevin. Existem floristas, controladores de tráfego aéreo, e mais um monte de profissionais ambidestros.”

“Você acha?”, perguntou Kevin.

“É claro que acho”, disse Violet. “E a mesma coisa acontece com contorcionistas e corcundas. Todos poderíamos encontrar outro tipo de trabalho num lugar onde as pessoas não nos achassem monstruosos.”

“Não tenho muita certeza disso”, gritou Hugo lá do fogão. “Acho que uma pessoa de duas cabeças vai ser considerada um tanto monstruosa onde quer que seja.”

“E o mesmo deve acontecer com uma pessoa ambidestra”, disse Kevin com um suspiro.

“Vamos tentar esquecer nossos problemas e jogar dominó”, propôs Hugo, trazendo uma bandeja com seis canecas de chocolate quente. “Achei que as duas cabeças iriam preferir canecas separadas”, explicou com um sorriso, “especialmente porque esse chocolate quente está especial. Chabo acrescentou uma pitada de canela.”

“Chabo?”, perguntou Klaus surpreso, e Sunny rosou modestamente.

“Sim”, disse Hugo. “No começo achei que era alguma receita aberrante de lobo, mas na verdade é bem gostoso.”

“Foi uma idéia inteligente, Chabo”, disse Klaus, e sorriu para a irmã, que até outro dia não sabia andar e de tão pequena cabia numa gaiola de passarinho. Agora Sunny já tinha seus próprios interesses e era grande o suficiente para se fazer de bebê-lobo.

“Você deve se orgulhar muito de si mesma, Chabo”, concordou Hugo. “Se você não fosse uma aberração, poderia ser uma excelente chefe de cozinha quando crescesse.”

“Mas ela pode ser chefe de cozinha”, disse Violet. “Elliot, você se importaria se tomássemos o nosso chocolate lá fora?”

“É uma boa idéia”, respondeu Klaus depressa. “Sempre achei que chocolate quente era uma bebida para se tomar ao ar livre, e eu gostaria de dar uma olhada no trailer dos presentes.”

“Grr”, rosou Sunny, mas seus irmãos sabiam que ela queria dizer: “Vou com vocês”, e engatinhou até onde Violet e Klaus estavam tentando se levantar da cadeira juntos.

“Não demorem muito”, disse Colette. “Não temos permissão para passear no parque.”

“Vamos só tomar o chocolate quente e já voltamos”, prometeu Klaus.

“Espero que não se metam em encrenca”, disse Kevin. “Detesto pensar no tagliatelle grande atingindo suas duas cabeças.”

Os Baudelaire iam comentar que uma lambada do tagliatelle grande não devia doer nem um pouco, quando ouviram um ruído muito mais assustador que o de um macarrão girando no ar. Ainda dentro do trailer, as crianças ouviram o ruído alto e rangente que reconheciam da longa viagem pelo sertão.

“Deve ser aquele cavalheiro amigo da madame Lulu”, disse Hugo. “É o som do carro dele.”

“Também há um outro som”, disse Colette. “Escutem.”

As crianças prestaram atenção e puderam constatar que a contorcionista dissera a verdade. Acompanhando o barulho do motor, havia um outro rugido, que soava mais profundo e mais irado que o de qualquer automóvel. Os Baudelaire sabiam que não se pode julgar uma coisa pelo som, assim como não se pode julgar uma pessoa pela aparência, mas aquele rugido era tão alto e feroz que não podia ser um bom sinal.

Aqui devo interromper a história e contar uma outra, a fim de provar um ponto importante. Esta segunda história é fictícia, uma palavra que aqui

significa “que alguém a inventou um dia”, contrapondo-se à história dos órfãos Baudelaire, que alguém meramente anotou, geralmente à noite. É chamada “A história da Rainha Debbie e seu namorado Tony”, e é mais ou menos assim:

A história da Rainha Debbie e seu namorado Tony

Era uma vez uma rainha fictícia chamada Rainha Debbie. Ela reinava sobre a terra onde se passa esta história, que também é fictícia. Nessa terra havia árvores de pirulitos por toda parte e camundongos cantores que faziam as tarefas domésticas. Havia também leões ferozes e fictícios que guardavam o palácio contra inimigos fictícios. A Rainha Debbie tinha um namorado chamado Tony, que vivia no fictício reino vizinho. Como suas casas eram distantes, Debbie e Tony não podiam se encontrar com muita frequência, mas de vez em quando saíam para jantar e ir ao cinema, ou fazer outras coisas fictícias juntos.

Quando chegou o dia do aniversário de Tony, a Rainha Debbie não pôde viajar para vê-lo, pois não podia faltar a seus régios compromissos, e enviou um bonito cartão e um pássaro mainá de presente para ele. Quando você ganha um presente, a coisa mais apropriada a fazer é escrever um bilhete de agradecimento, mas Tony não era exatamente uma pessoa apropriada, e telefonou para Debbie para reclamar.

“Debbie, aqui é o Tony”, disse. “Recebi o presente de aniversário que você mandou e não gostei nem um pouco.”

“Lamento, Tony”, disse a Rainha Debbie, colhendo um pirulito de uma árvore próxima. “Escolhi o pássaro mainá especialmente para você. Que espécie de presente prefere?”

“Um punhado de diamantes valiosos”, disse Tony, que era tão ganancioso quanto fictício.

“Diamantes?”, disse Debbie. “Mas o pássaro mainá pode alegrá-lo quando você estiver triste e, se ensiná-lo, pode pousar na sua mão, e até falar.”

“Eu quero diamantes”, disse Tony.

“Mas os diamantes são muito valiosos”, disse ela. “Se eu mandá-los pelo correio, é provável que sejam roubados pelo caminho, e aí é que você não terá nenhum presente de aniversário.”

“Eu quero diamantes”, insistiu Tony, que já estava começando a ficar chato.

“Já sei o que fazer”, disse a Rainha Debbie com um leve sorriso. “Farei os meus régios leões comerem os diamantes, e depois os mandarei para o seu reino. Ninguém ousaria atacar um bando de leões ferozes, portanto é certeza que os diamantes chegarão em segurança”.

“Ande logo”, disse Tony. “hoje deveria ser o meu dia especial”.

Foi fácil para a Rainha Debbie andar logo, pois os camundongos cantores do palácio ajeitaram tudo o que foi necessário. Ela só precisou de

alguns minutos para dar de comer aos seus leões um atum recheado de diamantes, uma manobra para que os leões concordassem em comer pedras preciosas. Então ela instruiu os animais a viajar até o reino vizinho e entregar o presente a Tony.

Impaciente, Tony passou o resto do dia do lado de fora de casa, chateando o pássaro mainá e comendo todo o sorvete e o bolo de aniversário, até que na hora do pôr-do-sol ele viu os leões se aproximarem no horizonte e saiu correndo para pegar o presente.

“Me entreguem os diamantes, leões idiotas!”, gritou Tony, e nem é preciso contar o resto da história, que tem uma moral um tanto óbvia: “A leão dado não se olha a boca”. O ponto é que há momentos em que a chegada de um bando de leões é uma boa-nova, especialmente numa história fictícia, onde os leões são régios mas não são reais, e por isso é provável que não te façam mal. No caso da Rainha Debbie e seu namorado, Tony, a chegada dos leões significa apenas que a história está prestes a ficar muito melhor.

Mas lamento dizer que o caso dos órfãos Baudelaire não é um desses casos. Sua história não se passa numa terra fictícia onde pirulito dá em árvore e camundongos cantores fazem tarefas domésticas. A história dos Baudelaire se passa num mundo muito real, onde se costuma rir de pessoas incomuns e onde crianças podem acabar totalmente sozinhas, lutando para entender o mistério sinistro que as rodeia, e nesse mundo a chegada dos leões significa que a história está prestes a ficar muito pior, por isso, se você não tem estômago para uma história dessas — assim como os leões não têm estômago para diamantes que não sejam o recheio de um atum —, é melhor você dar meia-volta agora mesmo e sair correndo, como os Baudelaire gostariam de poder fazer quando saíram do trailer e viram o que o conde Olaf trouxera de sua missão.

Olaf passou com o seu automóvel preto por entre os trailers, quase atropelando os visitantes do parque, e parou bem na frente da Casa dos Monstros, onde finalmente desligou o motor cujo barulho as crianças tinham reconhecido. Mas o outro rugido, ainda mais nervoso que o do motor, continuou depois que o conde Olaf desceu do carro, seguido de madame Lulu, e apontou com um floreio para o reboque atrelado ao automóvel. O reboque mais se parecia com uma jaula sobre rodas, e através das barras dessa jaula os Baudelaire entreviram o que o vilão apontava.

A jaula estava cheia de leões, tão lotada que não era possível dizer exatamente quantos havia lá. Os leões estavam irritados por viajar em acomodações tão exíguas, e demonstravam sua irritação arranhando a jaula e ameaçando uns aos outros com seus longos dentes e rugidos. Alguns dos capangas do conde Olaf e diversos visitantes do parque se reuniram em volta da jaula para ver o que se passava, e Olaf bem que tentou dizer alguma coisa, mas ninguém pôde ouvi-lo em meio aos rugidos. Contrariado, o vilão tirou um chicote do bolso e fustigou os leões através da jaula. Assim como as pessoas, os leões também sentem medo, e provavelmente farão tudo o que você

mandar se os chicotear o suficiente para isso, e assim os leões se aquietaram e Olaf pôde finalmente fazer o seu comunicado.

“Senhoras e senhores”, disse, “meninos e meninas, aberrações e pessoas normais, o Parque Caligari se orgulha de anunciar a chegada de leões ferozes, os quais participarão de um novo espetáculo.”

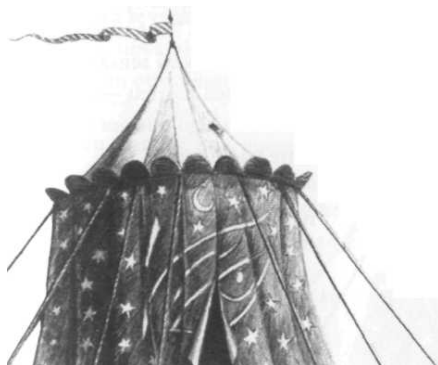
“Que boa notícia”, disse alguém na multidão, “porque os сувениres do trailer de presentes são realmente desprezíveis.”

“Muito boas notícias”, concordou rispidamente o conde Olaf, e virou-se de frente para os Baudelaire. Seus olhos brilhavam muito quando ele olhou para as crianças, e depois para a multidão que se juntava, e disse: “As coisas estão prestes a ficar muito melhores por aqui”. Os órfãos Baudelaire perceberam que aquilo era algo tão fictício quanto qualquer coisa que eles fossem capazes de imaginar.



CAPÍTULO CINCO

Se você já vivenciou alguma experiência que parecesse estranhamente familiar, como se aquela mesma coisa já tivesse acontecido antes, então você teve aquilo que os franceses chamam de “*déjà-vu*”. Como a maioria das expressões francesas — “*ennui*”, por exemplo, que é um termo elegante para designar tédio profundo, ou “*la petite mort*”, expressão que descreve a sensação de que uma parte sua morreu —, “*déjà-vu*” se refere a algo que normalmente não é muito agradável, porque é estranho ver ou ouvir alguma coisa com a sensação de já ter visto ou ouvido aquilo antes.



CAPÍTULO CINCO

Se você já vivenciou alguma experiência que parecesse estranhamente familiar, como se aquela mesma coisa já tivesse acontecido antes, então você teve aquilo que os franceses chamam de “*déjà-vu*”. Como a maioria das expressões francesas — “*ennui*”, por exemplo, que é um termo elegante para

designar tédio profundo, ou “la petite mort”, expressão que descreve a sensação de uma parte sua morreu —, u” se refere a algo que normalmente não é muito agradável, e para os Baudelaire não foi nada agradável vivenciar a sensação de déjà-vu do lado de fora do trailer das aberrações enquanto ouviam o que o conde Olaf estava dizendo.

“Estes leões serão a coisa mais emocionante do Parque Caligari!”, anunciou Olaf, em meio às pessoas que se aproximavam para entender a razão de tanto alarde. “Como todos sabem, a não ser que sejam estúpidos, uma mula teimosa caminha na direção desejada quando se coloca uma cenoura diante dela e uma vara atrás. Ela anda porque quer a recompensa da comida e distância da vara. É precisamente isso o que estes leões vão fazer.”

“O que está acontecendo?”, perguntou Hugo às crianças, acompanhado de Colette e Kevin.

“Déjà-vu”, disse Sunny, amarga. Até a mais jovem dos Baudelaire reconheceu o discurso do conde Olaf sobre a mula teimosa. Na época em que Sunny e seus irmãos moraram na casa do conde Olaf, ele usara essa história para tentar forçar Violet a se casar com ele, o que nunca se realizou; e agora, novamente usava a história para arquitetar algum outro esquema.

“Estes leões”, disse Olaf, “farão exatamente o que eu mandar, pois querem evitar o chicote!” Com um floreio, ele estalou novamente o chicote para assustar os leões, que se encolheram atrás das grades sob o aplauso de alguns visitantes.

“Mas se o chicote representa a vara”, perguntou o careca, “onde está a cenoura?”

“A cenoura?”, repetiu Olaf, com um riso asqueroso. “A recompensa para os leões que me obedecerem será uma deliciosa refeição. Eles são carnívoros, o que quer dizer que comem carne, e aqui no Parque Caligari eles terão a melhor carne que podemos oferecer.” Então Olaf apontou com o chicote a entrada do trailer das aberrações, onde os Baudelaire e seus colegas de trabalho aguardavam de pé. “As aberrações que vocês vêem não são pessoas normais, e por isso levam vidas deprimentes”, anunciou ele. “Ficarão felizes em se apresentar em nome do entretenimento.”

“É claro”, disse Colette. “Fazemos isso todos os dias.”

“Então vocês não vão se importar em ser a parte mais importante da nova atração”, retrucou Olaf. “Nós não vamos servir refeições regulares aos leões, portanto vão estar muito, muito famintos quando chegar a hora do espetáculo. A cada dia, em vez da atração da Casa dos Monstros, vamos escolher aleatoriamente uma aberração e assistir ao espetáculo de os leões a devorarem.”

Todos aplaudiram, exceto Hugo, Colette, Kevin e os três irmãos, que permaneceram horrorizados e em silêncio.

“Vai ser muito emocionante!”, disse o homem das espinhas. “Imaginem só, violência e comilança porca num único espetáculo!”

“Eu não poderia estar mais de acordo!”, disse uma mulher que estava

por perto. “Foi hilário ver aquela aberração de duas cabeças comer, mas vai ser ainda mais hilário ver a aberração de duas cabeças ser comida!”

“Eu prefiro que seja o corcunda”, disse outra pessoa. “Ele é tão engraçado! Nem costas normais ele tem!”

“O espetáculo começa amanhã à tarde!”, gritou o conde Olaf. “Até lá!”

“Mal posso esperar. Vou avisar para todos os meus amigos”, disse uma mulher, enquanto a multidão se dispersava, uma palavra que aqui significa “ia andando para comprar presentes ou sair do parque”.

“Vou ligar para a repórter de O Pundonor Diário”, disse o homem das espinhas a caminho da cabine telefônica. “Esse parque está prestes a ficar muito popular, e talvez eles escrevam uma matéria a respeito.”

“Você estava certo, chefe”, disse o homem de mãos de gancho. “As coisas estão prestes a melhorar por aqui.”

“Claro que ele tem razón, faz favor”, disse madame Lulu. “Ele é homem brilhante, e homem corajosa, e homem generosa. Ele é homem brilhante porque teve idéia de atração de leões, faz favor. É homem corajosa porque bate nas leões com chicota, faz favor. E homem generosa porque dá leões para Lulu.”

“Ele deu os leões para você?”, perguntou uma voz sinistra. “De presente?”

Agora que a maior parte dos visitantes tinha ido embora, os Baudelaire puderam ver Esmé Squalor saindo pela porta de um trailer e caminhando na direção de Olaf e madame Lulu. Ao passar pela jaula dos leões, Esmé correu suas unhas enormes pelas barras de ferro e os animais choramingaram de medo. “Então você deu leões para madame Lulu”, disse. “E para mim, o que você deu?”

O conde Olaf coçou a cabeça e pareceu ligeiramente embaraçado. “Nada”, admitiu. “Mas você pode usar o meu chicote, se quiser.”

Madame Lulu se inclinou e beijou a bochecha de Olaf. “Olaf deu para Lulu leões, porque eu fiz tón maravilhoso leitura de sorte, faz favor.”

“Você devia ter visto, Esmé”, disse ele. “Lulu e eu entramos na Barraca do Destino e apagamos todas as luzes, então a bola de cristal começou a fazer um zumbido mágico e relâmpagos trovejaram logo acima de nossas cabeças. Então madame Lulu pediu que eu fechasse os olhos e me concentrasse ao máximo; nesse instante ela consultou a bola de cristal e revelou que um dos pais dos Baudelaire está vivo e se esconde nas Montanhas de Mão-Morta. Como recompensa pelas informações, dei a ela esses leões.”

“Então madame Lulu também precisa de uma cenoura?”, disse o homem de mãos de gancho com uma risada.

“Amanhã de manhã”, continuou Olaf, “madame Lulu vai consultar de novo a bola de cristal e me contar onde estão os Baudelaire.”

Esmé lançou um olhar feroz para Lulu. “E que presente você vai dar a ela por essa outra informação?”

“Seja razoável, querida”, disse o conde Olaf. “Os leões tornarão o Parque Caligari muito popular, e madame Lulu poderá dedicar mais tempo a nos fornecer todas as informações que precisamos para roubar a fortuna Baudelaire.”

“Detesto me meter”, disse Hugo, titubeante. “Mas será que existe algum meio de tornar o parque mais popular sem nos oferecer como comida aos leões? Devo confessar que fico um pouco apreensivo com a idéia.”

“Você ouviu a multidão quando contei sobre o novo espetáculo”, disse Olaf. “Ficaram ansiosos para ver os leões devorarem vocês. E agora chega de conversa, nós temos que começar a cavar o fosso.”

“Fosso?”, perguntou uma das mulheres de cara branca. “Para quê?”

“Para pôr os leões”, respondeu Olaf, “assim eles só comem quem cair lá dentro. Vamos cavar perto da montanha-russa.”

“Boa idéia, chefe”, disse o careca.

“Tem pás na trailer de ferramentas”, disse Lulu. “Eu vai mostrar, faz favor.”

“Eu não vou cavar”, anunciou Esmé, enquanto os outros se afastavam. “Posso quebrar uma unha. Além do mais, preciso conversar com Olaf, a sós.”

“Ora, está bem”, disse ele. “Vamos para o trailer de hóspedes, onde não seremos perturbados.”

Olaf e Esmé foram numa direção, e madame Lulu e os capangas foram em outra, deixando as três crianças sozinhas com seus colegas de trabalho.

“Bem, é melhor entrarmos”, disse Colette. “Talvez possamos pensar num jeito de não ser comidos.”

“Não vamos pensar naquelas criaturas famintas”, disse Hugo com um pouco de medo. “Vamos jogar mais uma partida de dominó.”

“Nós e Chabo vamos num instante”, disse Violet. “Queremos terminar o nosso chocolate quente.”

“Aproveitem para saboreá-lo”, disse Kevin, taciturno, voltando com Hugo e Colette para o trailer. “Talvez seja o último chocolate quente de suas vidas.”

Kevin fechou a porta com as duas mãos e os Baudelaire se afastaram um pouco mais para conversar em segurança.

“Acrescentar canela ao chocolate quente foi uma idéia sensacional, Sunny”, disse Violet, “mas não consigo saboreá-lo.”

“Ificat”, disse Sunny, o que queria dizer: “Nem eu”.

“Esse último plano do conde Olaf me deixou com um gosto ruim na boca”, disse Klaus, “e não creio que a canela possa ajudar.”

“Temos de entrar na Barraca do Destino”, disse Violet, “essa pode ser a nossa única oportunidade.”

“Você acha mesmo que é verdade?”, perguntou Klaus. “Você acha que madame Lulu viu mesmo alguma coisa na bola de cristal?”

“Não sei”, disse Violet, “mas graças aos meus conhecimentos de eletricidade, sei que relâmpagos não aparecem dentro de uma barraca. Algo

misterioso está acontecendo e precisamos descobrir o que é.”

“Rango!”, disse Sunny, o que queria dizer: “Antes que nos atirem aos leões!”.

“Mas você acha que ela está certa?”, perguntou Klaus.

“Não sei”, disse Violet, exasperada, uma palavra que aqui significa “com sua voz normal, esquecendo de disfarçá-la porque estava muito frustrada e irritada”. “Não sei se madame Lulu é mesmo capaz de ler a sorte. Não sei como o conde Olaf sempre descobre onde estamos. Não sei onde está o dossiê Snicket, nem por que mais alguém tem a tatuagem de Olaf, nem o que quer dizer C.S.C., nem por que existe uma passagem secreta para a nossa casa, nem...”

“Se os nossos pais estão vivos?”, interrompeu Klaus. “Você sabe se um dos nossos pais está vivo?”

A voz de Klaus tremeu, e quando suas irmãs se voltaram para ele — o que foi difícil para Violet, pois ainda compartilhava a camisa com o irmão — notaram que ele estava chorando. Violet encostou sua cabeça na de Klaus e Sunny largou sua caneca no chão para engatinhar mais para perto e abraçar os joelhos dele, e os três Baudelaire ficaram em silêncio por alguns momentos.

O pesar, um tipo de tristeza que ocorre com maior frequência quando você perde alguém que ama, é uma coisa traiçoeira, porque pode desaparecer por um longo tempo e depois ressurgir quando você menos espera. Sempre que posso, saio para caminhar na Praia Salgada bem cedo, que é a melhor hora para conseguir algum material importante para o caso Baudelaire. E o oceano é tão tranquilo que eu também me sinto tranquilo, como se tivesse me libertado do pesar que sentia pela mulher que amo e nunca mais verei. Mas então, quando sinto frio e me refugio numa casa de chá onde o proprietário já aguarda por mim, basta eu estender a mão para alcançar o açucareiro que o pesar retorna, e me ponho a chorar tão alto que os outros fregueses me pedem para abaixar um pouco o volume. Para os Baudelaire, o pesar era como um objeto pesado que eles se revezavam em carregar, para que não chorassem ao mesmo tempo; mas às vezes o objeto ficava pesado demais para um só, e assim Violet e Sunny se encostaram em Klaus para lembrar ao irmão que aquele objeto seria carregado por todos até que encontrassem um lugar seguro onde deixá-lo.

“Desculpe eu ter me exaltado, Klaus”, disse Violet. “São tantas as coisas que não sei, é difícil pensar em todas elas.”

“Chithvee”, disse Sunny, o que queria dizer: “Mas eu não consigo deixar de pensar nos nossos pais”.

“Nem eu”, admitiu Violet. “Fico me perguntando se um deles sobreviveu ao incêndio.”

“Mas se sobreviveu”, disse Klaus, “por que estaria escondido num lugar distante? Por que não tenta nos encontrar?”

“Talvez esteja procurando por todos os lugares imagináveis”, disse Violet baixinho. “Mas nós estamos escondidos e disfarçados há tanto tempo

que talvez ele não tenha conseguido nos encontrar.”

“Mas por que a nossa mãe ou o nosso pai não contata o sr. Poe?”, disse Klaus.

“Nós tentamos contatá-lo”, lembrou Violet, “mas ele não responde aos telegramas, nem conseguimos falar com ele por telefone. Se um de nossos pais sobreviveu ao incêndio, talvez esteja com a mesma falta de sorte.”

“Galfuskin”, enfatizou Sunny. Com “Galfuskin” ela queria dizer algo como: “Isso é pura especulação. Vamos até a Barraca do Destino tentar descobrir alguma coisa com certeza antes que nossos colegas voltem”.

“Você tem razão”, disse Violet, e deixou a sua caneca ao lado da de Sunny. Klaus também pôs a dele no chão, e os três Baudelaire se afastaram do chocolate quente a passos disfarçados. Violet e Klaus andavam cambaleantes na calça compartilhada e Sunny engatinhava como um bebê-lobo ao lado deles, pois não podiam correr o risco de alguém flagrá-los sem disfarce a caminho da Barraca do Destino. Mas ninguém os flagrou. Os visitantes do parque tinham ido contar aos amigos sobre o espetáculo dos leões que aconteceria no dia seguinte; seus colegas de trabalho estavam no trailer lamentando o destino, uma expressão que aqui significa “jogando dominó em vez de pensar numa saída para a situação”; madame Lulu e os assistentes de Olaf cavavam o fosso perto da montanha-russa coberta de hera; o conde Olaf e Esmé Squalor discutiam a relação no trailer de hóspedes, que ficava numa extremidade do parque onde há muitos anos eu passei um tempo com meu irmão; e os demais empregados da madame Lulu travavam o parque com a esperança de um dia trabalhar num lugar menos miserável. Portanto, ninguém viu quando as crianças se aproximaram da barraca vizinha ao trailer de Lulu e pararam por um minuto diante da cortina que levava ao interior.

A Barraca do Destino não existe mais no Parque Caligari, e aliás, em lugar nenhum. Alguém que por acaso passe pelo sertão desolado, mal conseguirá notar que ali já houve uma barraca. Porém, mesmo que tudo se parecesse exatamente com o que era na época em que os órfãos Baudelaire estiveram lá, é improvável que um viajante possa entender o que significava a decoração da barraca, pois são muito poucos os especialistas no assunto ainda vivos, e os poucos que ainda vivem estão em circunstâncias péssimas ou, como é o meu caso, quase em circunstâncias péssimas, com alguma esperança de torná-las menos péssimas. Mas os órfãos Baudelaire — que, como você há de lembrar, tinham chegado ao parque na noite anterior, e portanto nunca tinham visto a Barraca do Destino à luz do dia — tiveram a oportunidade de examinar a pintura da barraca, e até pararam um instante para observá-la melhor.

À primeira vista, a pintura da Barraca do Destino parecia representar um olho, como a pintura do trailer de madame Lulu e a tatuagem no tornozelo do conde Olaf. As três crianças tinham encontrado olhos como aqueles em todos os lugares onde estiveram. Já tinham visto um edifício em forma de olho, na época em que trabalharam numa serraria; uma bolsa em forma de

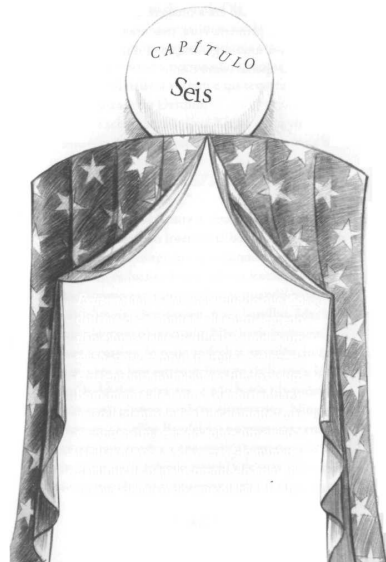
olho que Esmé Squalor usara quando tentaram se esconder num hospital; e até um imenso enxame de olhos, que aparecia de vez em quando nos seus piores pesadelos. E apesar de nunca terem entendido exatamente o que significavam, os Baudelaire já estavam cansados de ver esses olhos por aí, por isso já não prestavam muita atenção neles. Mas muitas coisas na vida ficam diferentes se você olhar com atenção, e quando as crianças pararam na frente da Barraca do Destino, a pintura pareceu se transformar numa insígnia.

Insígnia é uma espécie de marca que geralmente representa uma organização ou um negócio, e pode ter diversas formas. Às vezes pode ser simples, tal como uma linha ondulada para identificar uma organização relacionada a rios ou oceanos, ou um quadrado, para indicar uma organização envolvida com geometria ou açúcar em cubinhos. Às vezes a insígnia pode ser um pequeno desenho, como uma tocha, e indicar que determinada organização é inflamável, ou pode ser o desenho de uma menina de três olhos, e indicar que pessoas incomuns estão expostas na Casa dos Monstros. E às vezes uma insígnia pode ser o nome da organização, representado apenas com as primeiras letras, ou como se diz, as iniciais. Os Baudelaire, é claro, não estavam envolvidos em nenhum tipo de negócio, a não ser por trabalharem como aberrações num parque de diversões, e até onde sabiam, não faziam parte de nenhuma organização, e nunca tinham estado no sertão antes de o carro do conde Olaf os levar pela Estrada das Raras Viagens, mas ainda assim as três crianças sabiam que aquela insígnia era importante para eles, como se a pessoa que a pintara soubesse que os Baudelaire a veriam e quisesse fazê-los entrar na Barraca do Destino.

“Você acha que...”, disse Klaus, e sua voz quase sumiu enquanto ele apertava os olhos para ver a barraca.

“Eu não tinha reparado”, disse Violet, “mas depois que olhei melhor...”

“Volu...”, disse Sunny, e sem mais palavra as três crianças espiaram o interior da barraca, e como não viram sinal de ninguém, avançaram alguns passos. Se alguém estivesse observando os jovens, teria percebido como estavam vacilantes quando entraram na Barraca do Destino sem fazer barulho. Mas não havia ninguém observando. Não havia ninguém para ver a cortina de pano se fechar em silêncio atrás deles, nem o leve estremecimento da barraca inteira quando eles entraram, e não havia ninguém para ver que a pintura também estremecera. Ninguém observava os órfãos Baudelaire no momento em que eles estavam prestes a conseguir as respostas às suas perguntas, ou resolver o mistério de suas vidas. Não havia ninguém para observar a pintura na barraca e perceber que não era a imagem de um olho, como parecia à primeira vista, mas uma insígnia que representava uma organização, a qual as crianças conheciam apenas como C.S.C.



CAPÍTULO SEIS

Existem muitas coisas no mundo que são difíceis de esconder, mas um segredo não é uma delas. É difícil esconder um avião, por exemplo, porque você precisaria encontrar um buraco fundo ou um bom monte de feno, e depois enfiar o avião lá dentro na calada da noite, mas esconder um segredo sobre um avião é fácil, pois você pode escrevê-lo num pedacinho de papel e prendê-lo com fita adesiva debaixo do seu colchão. É difícil esconder uma orquestra sinfônica, porque você precisaria alugar uma sala com isolamento acústico e pedir emprestado o maior número de sacos de dormir que pudesse, mas esconder um segredo sobre uma orquestra sinfônica é fácil, pois você pode cochichá-lo para um amigo ou um crítico de arte confiável. E é difícil esconder a si mesmo, porque você às vezes precisa se enfiar no porta-malas de um carro ou usar um disfarce, mas esconder um segredo sobre si mesmo é fácil, pois você pode datilográ-lo no meio de um livro que esteja escrevendo e esperar que caia nas mãos certas. Minha querida irmã, se você estiver lendo isso, eu ainda estou vivo e rumando para o norte para tentar encontrá-la.

Caso os órfãos Baudelaire procurassem por um avião na Barraca do Destino e encontrassem a ponta de uma das asas debaixo da enorme toalha preta estampada com estrelas prateadas, estendida na mesa no centro da barraca, teriam entendido que se tratava de uma pista. Caso procurassem por uma orquestra sinfônica e tivessem escutado o som de pessoas tossindo ou colidindo com um oboé enquanto se escondiam nos cantos da barraca, atrás das pesadas cortinas, também teriam compreendido que se tratava de uma boa pista. Mas as crianças não estavam à procura de aeronaves ou músicos profissionais. Estavam à procura de segredos, e a barraca era tão grande que

não sabiam por onde começar. Estariam as informações sobre os pais dos Baudelaire escondidas no armário? Haveria pistas sobre o paradeiro do dossiê Snicket no grande baú encostado num dos cantos? E seria possível desvendar o significado de C.S.C, com a ajuda daquela bola de cristal no centro da barraca? Violet, Klaus e Sunny olharam em volta, depois se entreolharam, e parecia que os segredos a respeito deles estavam escondidos em praticamente todos os cantos.

“Onde devemos procurar?”, perguntou Violet.

“Não sei”, respondeu Klaus, apertando os olhos. “Não sei nem o que procurar.”

“Bem, talvez nós devêssemos procurar respostas do mesmo modo que o conde Olaf faz”, disse Violet. “Ele contou direitinho como foi sua sessão de leitura da sorte.”

“Eu me lembro”, disse Klaus. “Primeiro ele entrou na Barraca do Destino. Isso nós já fizemos. Depois ele disse que as luzes foram apagadas.”

Os Baudelaire olharam para cima e notaram que o teto da barraca era cheio de luzinhas em forma de estrelas, como as da toalha da mesa.

“Liga!”, disse Sunny, e apontou para os interruptores afixados num dos mastros da barraca.

“Bom trabalho, Sunny”, disse Violet. “Klaus, ande comigo para eu dar uma olhada nos interruptores.”

Os dois Baudelaire mais velhos foram a passos aberrantes até o mastro da barraca, mas, quando viu de perto os interruptores, Violet sacudiu a cabeça.

“O que foi?”, perguntou Klaus.

“Eu queria ter uma fita para prender o cabelo”, disse Violet. “É difícil pensar com o cabelo caindo nos olhos. Mas a minha fita está em algum lugar do Hospital Heimlich...”

Sua voz foi sumindo, mas Klaus entendeu o motivo. Ela tinha enfiado a mão no bolso das calças de Olaf e agora tirava de lá uma fita exatamente igual à que ela perdera.

“Tua”, disse Sunny.

“Sim, é mesmo a minha”, disse Violet, examinando a fita. “O conde Olaf deve ter ficado com ela enquanto eu era preparada para a cirurgia.”

“Estou contente por você tê-la de volta”, disse Klaus, com a voz um pouco estremecida. “Não gosto de imaginar o conde Olaf com as mãos imundas nas nossas coisas. Você precisa de ajuda para prender o cabelo? Pode ser difícil só com uma das mãos, e não acho que seja seguro pôr a outra para fora da camisa. Não devemos estragar nosso disfarce.”

“Posso me virar com uma só”, disse Violet. “Ah, agora sim. Com o cabelo amarrado, já me sinto menos como uma aberração e mais como Violet Baudelaire. Agora, vejamos. Esses dois interruptores estão conectados a fios que sobem até o alto da barraca. Um deles obviamente controla as luzes, mas para que serve o outro?”

Os Baudelaire olharam outra vez para cima e viram que algo mais

estava preso ao teto da barraca. No meio das luzes em forma de estrelas, havia um pedaço de metal que mantinha um pequeno espelho pendurado em um ângulo estranho. Presa ao metal, uma longa tira de borracha levava a um emaranhado de fios e engrenagens, o qual, por sua vez, estava ligado a outros espelhos dispostos em círculo.

“Quê?”, perguntou Sunny.

“Não sei”, disse Klaus. “Não se parece com nada que eu já tenha lido.”

“É algum tipo de invenção”, disse Violet, estudando a engenhoca. Ela apontava para diferentes partes do dispositivo, mas era como se falasse sozinha. “A tira de borracha deve ser uma correia de ventilador que transmite o torque de um motor de carro para resfriar o radiador. Mas por quê... ah, já sei, ela movimenta os outros espelhos em círculos, e... mas como poderia..., espera aí. Klaus, está vendo aquele buraquinho no canto de cima da barraca?”

“Não sem meus óculos”, disse ele.

“Bem, existe um pequeno rasgo ali”, disse Violet. “Se ficarmos de frente para aquele buraquinho, para que direção estaremos virados?”

“Deixe-me pensar”, disse Klaus. “Na noite passada, o sol estava se pondo quando saímos do carro.”

“Yirat”, disse Sunny, o que queria dizer: “Eu me lembro, o famoso crepúsculo do sertão”.

“E o carro está logo ali”, disse Klaus, e virou o corpo, arrastando a irmã mais velha consigo. “O oeste fica daquele lado, portanto o rasgo na barraca indica o leste.”

“Leste”, disse Violet, com um sorriso, “o lado em que nasce o sol.”

“Correto”, disse Klaus, “mas o que isso tem a ver?”

Violet não respondeu, apenas sorriu para os irmãos, e Klaus e Sunny sorriram de volta. Mesmo com as falsas cicatrizes no rosto, Violet sorria de um jeito que os outros Baudelaire conheciam bem. Era o sorriso de quando Violet descobria a solução de um problema difícil, geralmente relacionado a alguma invenção. Tinha sorrido assim quando eles estiveram na cadeia e ela descobrira que um jarro d'água poderia ajudá-los a escapar; tinha sorrido assim quando encontrara numa mala as evidências que poderiam convencer o sr. Poe de que o tio Monty tinha sido assassinado; e estava sorrindo assim agora, ao olhar para o estranho dispositivo no teto e os dois interruptores.

“Vejam”, disse ela, e ligou o primeiro interruptor. As engrenagens começaram a girar, a tira de borracha se moveu, e a roda de espelhos começou o seu ronronante movimento circular.

“Mas para que serve isso?”, disse Klaus.

“Escute”, disse Violet, e as crianças ouviram o zumbido murmurante do dispositivo. “Esse é o barulho de que o conde Olaf falou. Ele achou que vinha da bola de cristal, mas na verdade vinha desta máquina.”

“Bem que eu achei esse ‘zumbido mágico’ meio suspeito”, disse Klaus.

“Legror?”, perguntou Sunny, o que queria dizer: “Mas e os relâmpagos?”.

“Você reparou em que ângulo está posicionado o espelho maior?”, disse Violet. “Nessa posição ele pode refletir qualquer raio de luz que entre pelo bu-raquinho da barraca.”

“Mas não entra luz por ali”, disse Klaus.

“Não agora”, disse Violet, “porque o buraco está virado para o leste, e estamos no final da tarde. Mas de manhã, quando madame Lulu lê a sorte, o sol está nascendo, e nesse horário a luz incide diretamente sobre aquele espelho, que reflete para os outros, que por sua vez foram postos em movimento pela correia transmissora...”

“Espere”, disse Klaus. “Não estou entendendo.”

“Tudo bem”, disse Violet. “O conde Olaf também não entende. Quando ele entra na barraca pela manha, madame Lulu aciona o mecanismo e faz tudo se encher de luzes cintilantes. Vocês se lembram de quando usei a refração da luz para fazer um dispositivo sinalizador no Lago Lacrimoso? É a mesma coisa, mas Lulu diz a ele que são relâmpagos mágicos.”

“Mas você não acha que Olaf teria percebido que os relâmpagos não são mágicos?”

“Não se as luzes estivessem apagadas”, disse Violet, acionando o interruptor das luzes, e as estrelas se apagaram. A lona da barraca era tão grossa que não penetrava luz nenhuma em seu interior, e os Baudelaire se viram às escuras. Aquilo fez as crianças se lembrarem de quando escalaram o poço do elevador da avenida Sombria, 667, com a diferença de que então havia silêncio, e agora o zumbido da máquina os envolvia completamente.

“Buuuu”, disse Sunny.

“É mesmo fantasmagórico”, concordou Klaus.

“Não admira Olaf ter acreditado que era um zumbido mágico.”

“Agora imaginem se houvesse relâmpagos”, disse Violet. “É esse tipo de truque que faz as pessoas acreditarem em vidência.”

“Portanto madame Lulu é uma fraude”, disse Klaus.

Violet acionou os dois interruptores e as luzes se acenderam ao mesmo tempo que a invenção parou de funcionar.

“Sem dúvida ela é uma fraude”, disse. “Aposto que a bola de cristal é de vidro comum. Ela fez o conde Olaf acreditar que ela é vidente para que ele comprasse leões e turbantes novos para ela.”

“Chesro?”, perguntou Sunny, e ergueu os olhos para os irmãos. Com “Chesro?” Sunny queria dizer alguma coisa na linha de: “Mas se ela é uma fraude, como sabia que um dos nossos pais está vivo?”, e seus irmãos quase tiveram medo de responder.

“Ela não sabia, Sunny”, disse Violet com cuidado. “As informações da madame Lulu são tão falsas quanto os relâmpagos mágicos.”

Por trás da barba, Sunny deu um pequeno gemido que seus irmãos mal puderam ouvir, e ela abraçou as pernas de Violet e Klaus enquanto seu cor-

pinho tremia de tanta tristeza. E de repente, era a vez de Sunny carregar o pesar dos Baudelaire, mas ela não precisou suportá-lo por muito tempo, pois Klaus teve uma idéia que os reanimou.

“Esperem um pouco”, disse Klaus. “Madame Lulu pode ser uma fraude, mas as informações podem ser verdadeiras. Afinal, ela sempre contou ao conde Olaf onde estávamos, e sempre acertou na mosca.”

“É verdade”, disse Violet. “Tinha me esquecido.”

“Afinal”, disse Klaus, com dificuldade para enfiar a mão no bolso, “a primeira vez que pensamos na hipótese de um de nossos pais estar vivo foi quando lemos isto aqui.” Ele tirou do bolso um pedaço de papel que logo suas irmãs identificaram como a décima terceira página do dossiê Snicket. Uma fotografia estava grampeada na página, e mostrava os pais dos Baudelaire ao lado de um homem que as crianças conheceram superficialmente na cidade de Cultores Solidários de Corvídeos, e mais um homem que as crianças não reconheceram. No pé da fotografia estava escrita uma frase que Klaus já tinha lido tantas vezes que a sabia de cor: “Devido às evidências discutidas na página nove, os peritos agora suspeitam que possa haver de fato um sobrevivente do incêndio, mas seu paradeiro é desconhecido”, recitou. “Talvez madame Lulu saiba disso.”

“Mas como?”, perguntou Violet.

“Bem, vejamos”, disse Klaus. “O conde Olaf disse que, depois do aparecimento dos relâmpagos mágicos, Lulu pediu que ele fechasse os olhos para ela se concentrar.”

“Lál!”, disse Sunny, apontando para a mesa onde ficava a bola de cristal.

“Não, Sunny!”, disse Violet. “A bola de cristal não poderia ter revelado nada. Ela não é mágica, lembra?”

“Lál!”, insistiu Sunny, e foi andando até a mesa. Desajeitados, Violet e Klaus a seguiram e puderam ver o que ela tinha apontado realmente. Debaixo da toalha da mesa, projetada para fora, havia alguma coisa branca. Os Baudelaire mais velhos se ajoelharam dentro de suas calças compartilhadas e entreviram a pontinha de um pedaço de papel.

“Que bom que você fica mais próxima do chão do que nós, Sunny”, disse Klaus. “Nunca teríamos notado isso.”

“Mas o que é?”, perguntou Violet, puxando o papel para fora.

Klaus enfiou a mão no bolso e tirou os seus óculos de lá. “Agora estou me sentindo menos como uma aberração e mais como eu mesmo”, disse com um sorriso, e começou a ler em voz alta. “‘Minha cara duquesa, o seu baile de máscaras promete ser uma noite fantástica e mal posso aguardar pelo...’” Sua voz foi sumindo e ele correu os olhos pelo restante da página. “É só um bilhete sobre alguma festa”, disse ele.

“O que isso faz debaixo da toalha da mesa?”, perguntou Violet.

“Para mim não é importante”, considerou Klaus, “mas para madame Lulu era suficientemente importante para ser escondido.”

“Vamos ver o que mais ela esconde aqui”, disse Violet, e levantou a ponta da toalha. O que viram deixou os Baudelaire quase sem fôlego.

Pode parecer estranho saber que havia uma biblioteca debaixo da mesa de madame Lulu, mas como os órfãos Baudelaire sabiam, existem quase tantos tipos de biblioteca quanto de leitores. As crianças tinham encontrado uma biblioteca particular na casa da juíza Strauss, de quem sentiam muita falta, e uma biblioteca científica na casa do tio Monty, alguém que nunca mais veriam. Tinham visto uma biblioteca acadêmica na Escola Preparatória Prufrock, e uma biblioteca desfalcada na Serraria Alto-Astral, uma expressão que aqui significa “vazia, não fosse por três livros”. Existem bibliotecas públicas e bibliotecas médicas, bibliotecas secretas e bibliotecas proibidas, bibliotecas de registros e bibliotecas de catálogos de leilão, e existem bibliotecas de arquivos históricos, que é um termo sofisticado para se referir a uma coleção de pastas e documentos em vez de livros. As bibliotecas de arquivos históricos normalmente ficam em universidades, museus e outros lugares silenciosos — tais como embaixo de uma mesa — aonde as pessoas possam ir e examinar os papéis que desejarem para encontrar a informação de que precisam. Os Baudelaire examinaram demoradamente as enormes pilhas de papéis enfiados embaixo da mesa, e perceberam que madame Lulu tinha uma biblioteca de arquivos históricos que bem poderia conter as informações que eles procuravam.

“Olhem só para isso”, disse Violet. “Há artigos de jornal, revistas, cartas, pastas, fotografias, toda espécie de documentos. Acho que madame Lulu manda as pessoas fecharem os olhos e depois procura as informações nessa papelada.”

“E as pessoas não podem ouvi-la mexer nos papéis”, disse Klaus, “por causa do barulho dos relâmpagos.”

“É como fazer uma prova”, disse Violet, “tendo as respostas escondidas debaixo da carteira.”

“Trapaça!”, disse Sunny.

“Sim, é trapaça”, disse Klaus, “mas quem sabe a trapaça dela possa nos ajudar. Vejam, aqui está uma matéria de O Pundonor Diário.”

“A cidade de cultores solidários de corvídeos participa de novo programa de tutoria”, leu Violet, espiando a manchete por cima do ombro de Klaus.

““O Conselho dos Anciãos anunciou ontem que cuidará dos problemáticos órfãos Baudelaire””, leu Klaus, “como parte do novo programa da administração municipal, inspirado no aforismo É preciso uma cidade para educar uma criança.”“

“Foi assim que o conde Olaf nos encontrou!”, disse Violet. “Madame Lulu fingiu que a bola de cristal tinha revelado o nosso paradeiro, mas na verdade ela tinha lido no jornal!”

Klaus folheou uma outra pilha de papéis e encontrou o seu nome numa lista. “Vejam”, disse ele. “É uma lista com os nomes dos novos alunos da

Escola Preparatória Prufrock. De algum modo a madame Lulu conseguiu pôr as mãos nela e passou a informação para Olaf.”

“Nós!”, disse Sunny, com uma fotografia nas mãos. A mais jovem dos Baudelaire tinha encontrado uma fotografia pequena e pouco nítida dos três Baudelaire sentados à beira do Cais de Dâmocles, onde iam ficar com a tia Josephine. Ao fundo, dava para ver o sr. Poe com a mão esticada para chamar um táxi e Violet, olhando taciturna para dentro de um saco de papel.

“Aquilo são as balas de hortelã que o sr. Poe nos deu”, disse Violet, baixinho. “Eu quase tinha me esquecido.”

“Mas quem tirou a foto?”, perguntou Klaus. “Quem estava nos observando?”

“Atrás”, disse Sunny, e virou a fotografia. Alguém escrevera alguma coisa no verso, mas a caligrafia era tão desleixada que as crianças mal puderam ler.

“Acho que está escrito ‘Isto pode agradar’”, disse Klaus.

“Ou ‘ajudar’”, disse Violet. “‘Isto pode ajudar’. E está assinado com uma inicial, acho que é um R, ou talvez um K. Mas quem iria querer uma fotografia nossa?”

“Me dá calafrio pensar que alguém nos fotografou em segredo”, disse Klaus. “Isso significaria que alguém pode tirar fotografias nossas a qualquer momento.”

Os Baudelaire deram uma rápida olhada em volta, mas não viram nenhum fotógrafo à espreita. “Vamos com calma”, disse Violet. “Vocês lembram quando nossos pais saíram para jantar e assistimos a um filme de terror que nos deixou assustados o resto da noite? Cada barulho que ouvíamos, achávamos que eram vampiros invadindo a casa.”

“Mas talvez alguém estivesse mesmo invadindo a casa para nos levar”, disse Klaus, e apontou para a fotografia. “Às vezes as coisas acontecem bem diante do seu nariz e você não percebe.”

“Siricótico”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “Vamos dar o fora daqui. Já estou arrepiada”.

“Eu também”, disse Violet, “mas vamos levar esses documentos conosco. Talvez possamos encontrar as informações que queremos.”

“Não podemos tirar esses papéis daqui”, disse Klaus. “São pilhas e pilhas. Seria o mesmo que retirar todos os livros de uma biblioteca só para encontrar aquele que você quer.”

“Vamos encher nossos bolsos”, disse Violet.

“Meus bolsos já estão cheios”, disse Klaus. “Tenho a página treze do dossiê Snicket e mais todos aqueles fragmentos dos cadernos dos Quagmire. Não dá para jogar isso fora, não tenho espaço para mais nada. É como se todos os segredos do mundo estivessem anotados em papel. Que segredos levaremos conosco?”

“Talvez possamos dar uma olhada aqui mesmo”, disse Violet, “e separar tudo o que cita nossos nomes.”

“Esse não é o melhor método de pesquisa que existe”, disse Klaus, “mas vai ter de funcionar. Ajude-me a erguer a toalha para visualizar melhor os papéis.”

Violet e Klaus começaram a erguer juntos a toalha da mesa, mas era muito difícil fazer isso dentro daquele disfarce. Assim como comer uma espiga de milho, erguer uma toalha de mesa compartilhando a mesma camisa era bastante complicado, e por mais que os Baudelaire lutassem contra ela, a toalha escorregava de um lado para o outro. Como você deve saber, se fizer uma toalha de mesa escorregar de um lado para o outro, as coisas que estão sobre ela vão escorregar também, e com a bola de cristal de madame Lulu não foi diferente.

“Revés”, disse Sunny.

“Sunny tem razão”, disse Violet. “Vamos tomar mais cuidado.”

“Certo”, disse Klaus. “Não queremos...”

Klaus não chegou a terminar a frase sobre o que eles não queriam, porque um tum! seguido de um sonoro crác! terminaram a frase por ele. Uma das coisas mais perturbadoras da vida é que aquilo que você quer ou deixa de querer não tem muito a ver com o que acontece ou deixa de acontecer. Você pode querer ser um escritor do tipo que trabalha calmamente em casa, por exemplo, mas pode acontecer alguma coisa que o leve a ser um escritor do tipo que trabalha freneticamente na casa dos outros, muitas vezes sem que eles saibam disso. Você pode querer se casar com alguém que ama demais, mas pode acontecer alguma coisa que o impeça para sempre de ver essa pessoa novamente. Você pode querer descobrir algo de importante sobre seus pais, mas pode acontecer alguma coisa que determine que você não vai descobrir nada tão cedo. E você pode querer, em determinado momento, que uma bola de cristal não caia de uma mesa e se estilhaça em mil pedaços, e mesmo se a bola de cristal se estilhaçar, você pode querer que o barulho não atraia a atenção de ninguém. Mas a triste verdade é que a verdade é triste, e que aquilo que você quer não importa. Desventuras em série podem acontecer a qualquer um, pouco importa o que queira ou deixe de querer, e muito embora as três crianças não quisessem que a cortina da Barraca do Destino se abrisse, e não quisessem que madame Lulu entrasse bem naquela hora, quando a tarde se transformou em noite no Parque Caligari, aconteceu tudo o que os órfãos Baudelaire definitivamente não queriam que acontecesse.



CAPÍTULO SETE

“O que vocês faz aqui, faz favor?”, rosnou madame Lulu, e foi pisando firme na direção dos órfãos. Seus olhos brilhavam tão furiosos quanto o olho que levava no pescoço. “O que aberraçóns faz aqui no barraca, faz favor, e o que aberraçóns faz embaixo de mesa, faz favor, e faz favor responde agora mesma, faz favor, ou entón vocês vai ficar muito, muito re-pendida, faz favor, obrigada!”

Os órfãos Baudelaire ergueram os olhos para a falsa vidente, e uma coisa estranha aconteceu. Em vez de tremer de medo, ou chorar de pavor, ou se agarrar uns aos outros enquanto Lulu berrava, os órfãos peitaram a vidente, uma expressão que aqui significa “não ficaram nem um pouco amedrontados”. Agora que já sabiam que madame Lulu tinha uma máquina no teto e uma biblioteca debaixo da mesa, e que isso era parte de seu disfarce de pessoa mágica e misteriosa, era como se todo o medo que pudessem sentir dela tivesse derretido, e ela fosse apenas uma mulher mau-humorada e com um sotaque esquisito que possuía as informações de que os Baudelaire precisavam. Enquanto madame Lulu gritava, Violet, Klaus e Sunny a observavam sem temor, pois assim como ela, eles também tinham motivos para estar zangados.

“Como vocês se atreve, faz favor, de entrar no barraca sem permissón de madame Lulu!”, gritou a falsa vidente. “Eu é dona de Parque Caligari, e vocês precisa me obedecer cada minuto de seus vidas de aberraçón! Faz favor, eu nunca viu, faz favor, aberraçóns tón ingratos com madame Lulu! Vocês se meteu em grande, grande encrenca, faz favor!” A essa altura, Lulu já tinha visto os cacos de vidro espalhados pelo assoalho. “Vocês quebradores de bola de cristal!”, bramiu ela, apontando uma unha suja para os Baudelaire. “Vocês devia ter vergonha de seu existência de aberraçón! Bola de cristal é coisa de muito valor, faz favor, tem poderes mágicos!”

“Fraude!”, gritou Sunny.

“A bola de cristal não tem poderes mágicos coisa nenhuma!”, traduziu Violet, irada. “E nem era de cristal! Você também não é uma vidente de verdade! Nós sabemos do seu dispositivo de relâmpagos, e da biblioteca de arquivos históricos.”

“Isso tudo não passa de um grande disfarce”, disse Klaus, mostrando a barraca com um gesto. “Você é que devia ter vergonha da sua existência de

vidente.”

“Faz fa...”, ia dizer madame Lulu, mas fechou a boca antes de terminar. Ela olhou para os Baudelaire, e os seus olhos se arregalaram. Então sentou-se junto ao que restou da bola de cristal, baixou a cabeça e começou a chorar. “Estou envergonhada da minha existência de vidente”, disse ela, agora sem sotaque nenhum. Com um movimento rápido, ela desenrolou o turbante e seus longos cabelos loiros caíram ao redor do rosto borrado pelas lágrimas. “Estou totalmente envergonhada da minha existência”, disse ela entre lágrimas, e seus ombros sacudiam-se com os soluços.

Os Baudelaire se entreolharam, depois olharam para a tremelicante mulher sentada perto deles. Para uma pessoa decente, continuar com raiva de alguém que desabou em lágrimas é difícil, e é por isso que muitas vezes chorar é uma boa idéia quando uma pessoa decente está gritando com você. As três crianças ficaram um pouco tristes enquanto madame Lulu não parava de chorar, mas não podiam ajudá-la.

“Madame Lulu”, disse Violet com firmeza, mas não tanta firmeza quanto ela gostaria, “por que você...”

“Oh”, exclamou madame Lulu ao ouvir seu nome, “não me chame assim.” Ela ergueu a mão e puxou de uma vez o cordão que prendia o olho em volta do seu pescoço. Ele se arrebentou com um pléc!, e ela o jogou no meio dos cacos de vidro no chão e continuou soluçando. “Meu nome é Olívia”, disse, com um suspiro soluçante. “Não sou madame Lulu nem tampouco vidente.”

“Mas por que estava fingindo ser?”, perguntou Klaus. “Por que você se disfarça? Por que ajuda o conde Olaf?”

“Eu tento ajudar todo mundo”, disse Olívia, tristemente. “Meu lema é ‘dê às pessoas o que elas querem’. É por isso que estou neste parque. Finjo ser vidente e digo às pessoas o que elas querem ouvir. Se o conde Olaf ou um de seus comparsas me pergunta onde estão os Baudelaire, eu conto. Se Jacques Snicket ou outro voluntário entra aqui e me pergunta se seu irmão está vivo, eu conto.”

Os Baudelaire sentiram tantas perguntas pipocarem dentro deles que não conseguiam decidir qual delas fazer primeiro. “Mas onde você encontrava as respostas?”, perguntou Violet, apontando para as pilhas de papel embaixo da mesa. “De onde vêm todas essas informações?”

“A maior parte vem de bibliotecas”, disse Olívia, enxugando os olhos. “Se você quer se passar por vidente, precisa ser capaz de responder perguntas, e a resposta para quase todas as perguntas está escrita em algum lugar. O máximo que pode acontecer é levar algum tempo para achá-las. Precisei de bastante tempo para reunir a minha biblioteca de arquivos históricos, e ainda não tenho todas as respostas que andei procurando. Por isso, às vezes eu invento alguma coisa.”

“Quando você contou ao conde Olaf que um de nossos pais está vivo”, perguntou Klaus, “estava inventando ou sabia a resposta?”

Olívia fechou a cara. “O conde Olaf não perguntou nada sobre pais de aberração... Espere um minuto. Suas vozes estão diferentes. Beverly, você não tinha uma fita no cabelo, e sua outra cabeça não usava óculos. O que está acontecendo?”

As crianças se entreolharam, surpresas. O que Olívia estava dizendo era tão importante que se esqueceram dos disfarces, mas agora parecia que eles não eram mais necessários. Eles precisavam de respostas honestas, e era mais provável que Olívia lhes desse respostas desse tipo se eles também fossem honestos. Sem dizer nada, os Baudelaire se despiram dos disfarces. Enquanto Sunny se desvencilhava de sua barba, Violet e Klaus desabotoaram a camisa, esticaram os braços que vinham mantendo presos e saíram de dentro das calças com barra de pele. Num piscar de olhos, os Baudelaire estavam no meio da barraca trajando suas próprias roupas, com exceção de Violet, que ainda vestia o avental da Ala Cirúrgica do Hospital Heimlich. Os Baudelaire mais velhos sacudiram suas cabeças com vigor, uma expressão que aqui significa “até tirar todo o talco dos cabelos”, e esfregaram o rosto para apagar as cicatrizes.

“Eu não sou Beverly”, disse Violet, “e este aqui é o meu irmão, não minha outra cabeça. E aquela não é Chabo, o Bebê-Lobo. Ela é..”

“Eu sei quem ela é”, disse Olívia, olhando atônita para eles. “Eu sei quem são vocês. São os Baudelaire!”

“Sim”, disse Klaus, e os três sorriram. Parecia que cem anos haviam se passado desde que alguém os chamara por seus nomes verdadeiros, e quando Olívia os reconheceu foi como se finalmente pudessem ser eles mesmos, e não aberrações de parque de diversões ou qualquer outra falsa identidade. “Sim”, repetiu Klaus. “Somos os Baudelaire. Três deles, pelo menos. Não temos certeza, mas achamos que pode haver um quarto. Talvez um de nossos pais esteja vivo.”

“Talvez?”, perguntou Olívia. “A resposta não está no dossiê Snicket?”

“Só temos a última página dele”, explicou Klaus, e tirou novamente do bolso a página treze do dossiê. “Queremos encontrar o resto desse documento antes de Olaf. A última página diz que pode haver um sobrevivente do incêndio. Sabe se isso é verdade?”

“Não tenho idéia”, admitiu Olívia. “Eu também andei procurando esse documento. Toda vez que vejo um pedaço de papel ser levado pelo vento, corro atrás para checar se não é uma das páginas do dossiê Snicket.”

“Mas você disse ao conde Olaf que um de nossos pais está vivo”, disse Violet, “e que está escondido nas Montanhas de Mão-Morta.”

“Foi só uma conjectura”, disse Olívia. “Mas se um deles sobreviveu, é provável que esteja lá. Em algum lugar naquelas montanhas fica uma das últimas bases de operação de C.S.C. Mas isso vocês já sabiam, é claro.”

“Não”, disse Klaus. “Não sabemos sequer o que significa C.S.C.”

“Então como aprenderam a se disfarçar?”, perguntou Olívia, perplexa. “Vocês seguiram todos os passos do Treinamento C.S.C., para Disfarces —

disfarces faciais, como suas falsas cicatrizes, disfarces indumentários múltiplos, como suas roupas de aberrações, e disfarces de voz espúria, como as diferentes vozes que vocês usaram. E pensando bem, seus disfarces eram bem parecidos com as coisas do meu kit de disfarces.”

Olívia se levantou e foi até o canto da sala onde ficava um baú. Tirando uma chave do bolso, ela o destrancou e começou a revirar seu conteúdo. Os Baudelaire viram Olívia tirar uma variedade de coisas dali, e todas elas foram reconhecidas pelas crianças. Ela pegou uma peruca que se parecia com a que o conde Olaf tinha usado quando se passara por uma tal de Shirley; depois uma perna de pau que ele usara no seu disfarce de capitão de navio; um par de painéis que o comparsa careca de Olaf usara quando as crianças moravam em Paltryville; e um capacete de motociclista idêntico ao que Esmé Squalor usara para se fingir de policial. Por fim, Olívia ergueu uma camisa toda coberta de babados e laçarotes, exatamente como aquela que agora estava caída aos pés dos Baudelaire. “Como vêem”, disse ela, “é uma camisa igual à que vocês usaram.”

“Mas nós pegamos a nossa no porta-malas do conde Olaf”, disse Violet.

“Faz sentido”, retrucou Olívia. “Todos os voluntários têm o mesmo kit. Pelo mundo inteiro há gente com esses disfarces tentando levar Olaf a julgamento.”

“O quê?”, perguntou Sunny.

“Eu também estou confuso”, disse Klaus. “Estamos todos confusos, Olívia. O que é C.S.C., afinal? Às vezes penso que são pessoas boas, às vezes pessoas más.”

“Não é tão simples assim”, disse Olívia, tristemente, e tirou uma máscara cirúrgica de dentro do baú. “Os itens do kit de disfarces são apenas coisas, jovens Baudelaire. Você pode usar estas coisas para ajudar as pessoas ou para prejudicá-las, e muita gente as usa para ambas as coisas. Às vezes é difícil saber qual disfarce usar ou o que fazer depois que a gente se disfarçou.”

“Não entendo”, disse Violet.

“Algumas pessoas são como os leões que Olaf trouxe para cá”, disse Olívia. “A princípio são bons, mas antes que se dêem conta, já se transformaram em outra coisa. Aqueles leões já foram criaturas nobres. Foram treinados por um amigo meu para farejar fumaça, o que era muito útil no nosso trabalho. Mas agora, como o conde Olaf se nega a alimentá-los e os castiga com o chicote, estão a ponto de devorar alguém. Esse mundo é mesmo doido.”

“Varrido?”, perguntou Sunny.

“É complicado e confuso”, explicou Olívia. “Dizem que muito tempo atrás o mundo era simples e tranquilo, mas isso pode ser lenda. Houve uma cisão em C.S.C. — uma briga entre vários integrantes — e, desde então, tenho achado difícil saber o que fazer. Nunca imaginei que colaboraria com vilões, mas é o que faço agora. Vocês nunca fizeram algo que nunca imaginaram

fazer?”

“Acho que sim”, disse Klaus, e virou-se para as irmãs. “Vocês se lembram de quando roubamos aquelas chaves de Hal na Biblioteca de Registros? Eu nunca tinha imaginado que roubaria alguém.”

“Flynn”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “E eu nunca tinha imaginado que me tornaria uma pessoa violenta, mas travei um duelo de espadas com o dr. Orwell”.

“Todos nós já fizemos coisas que nunca tínhamos imaginado ser capazes de fazer”, disse Violet, “mas sempre tivemos uma boa razão para isso.”

“Todo mundo pensa ter uma boa razão”, disse Olívia. “O conde Olaf pensa que conquistar uma fortuna é uma boa razão para assassinar vocês. Esmé Squalor pensa que o fato de ser namorada de Olaf é uma boa razão para juntar-se à trupe. E quando disse a Olaf onde encontrar vocês, eu tinha uma boa razão — porque o meu lema é ‘dê às pessoas o que elas querem.’”

“Dúbio”, disse Sunny.

“Sunny não está certa de que essa seja uma razão muito boa”, traduziu Violet, “e eu tenho de concordar com ela. Você causou um bocado de sofrimento para um bocado de gente só para dar ao conde Olaf o que ele queria.”

Olívia concordou com a cabeça, e mais uma vez brotaram lágrimas de seus olhos. “Eu sei”, disse ela, arrasada. “Estou envergonhada da minha existência. Mas não sei o que poderia fazer para consertar o que fiz.”

“Parar de ajudar o Olaf”, disse Klaus, “e começar a nos ajudar. Poderia nos contar tudo o que sabe sobre C.S.C, e nos levar às Montanhas de Mão-Morta para confirmar se um de nossos pais está vivo.”

“Não sei”, disse Olívia. “Me comportei muito mal durante muito tempo, mas talvez eu possa mudar.” Ela se levantou e olhou tristemente em volta da barraca, que já começava a ficar escura. “Eu era uma pessoa nobre”, disse ela. “Vocês acham que eu poderia voltar a ser nobre?”

“Não sei”, disse Klaus, “mas vamos descobrir. Podemos partir juntos rumo ao norte.”

“Mas como?”, perguntou Olívia. “Não temos um carro, nem uma caminhonete, nem quatro cavalos, nem um estilingue gigante, nem qualquer outro meio de sair do sertão.”

Violet amarrou de novo a fita no cabelo e olhou para o teto, pensativa. “Olívia”, disse ela afinal, “os carrinhos daquela montanha-russa ainda funcionam?”

“Da montanha-russa?”, repetiu Olívia. “Mais ou menos. As rodas giram, mas acho que estão com os motores enferrujados.”

“Acho que com o seu dispositivo de relâmpagos posso reproduzir um motor”, disse Violet. “Afinal, aquela tira de borracha se parece um pouco com...”

“Uma correia de ventilador!”, completou Olívia. “Boa idéia, Violet.”

“Esta noite vou me esgueirar até a montanha-russa”, disse Violet, “e começar o trabalho. Partimos amanhã de manhã, antes que todos acordem.”

“Melhor não começar esta noite”, disse Olívia. “O conde Olaf e seus capangas estão sempre de tocaia depois que escurece. O melhor seria partir à tarde, quando todos estão na Casa dos Monstros. Vocês podem montar a invenção de manhã cedo, enquanto Olaf estiver aqui fazendo perguntas à bola de cristal.”

“O que você vai fazer então?”, perguntou Klaus.

“Tenho uma bola de cristal sobressalente”, respondeu Olívia. “Não é a primeira vez que uma se quebra.”

“Não foi isso o que eu quis dizer”, disse Klaus. “Você não vai contar ao conde Olaf que estamos aqui no parque, vai?”

Olívia parou um instante e sacudiu a cabeça. “Não”, disse ela, mas sua voz não soou muito convincente.

“Promete?”, perguntou Sunny.

Olívia baixou os olhos para a mais jovem dos Baudelaire e a fitou por um longo tempo antes de responder. “Sim”, disse muito baixo. “Eu prometo, se prometerem me levar com vocês para a base de C.S.C.”

“Prometido”, disse Violet, e seus irmãos concordaram. “Agora, vamos começar pelo começo. O que quer dizer C.S.C.?”

“Madame Lulu!”, chamou uma voz rascante do lado de fora da barraca. Os Baudelaire se entreolharam consternados quando o conde Olaf gritou o nome da falsa vidente. “Madame Lulu! Onde está você?”

“Eu está no meu Barraca de Destino, meu Olaf”, respondeu Olívia, voltando ao sotaque com a facilidade com que os Baudelaire poderiam voltar à camisa de babados. “Mas não entra, faz favor. Eu está fazendo ritual secreta com bola de cristal meu.”

“Bem, ande logo”, disse ele, mal-humorado. “O fosso está pronto, e estou com muita sede. Venha nos servir um pouco de vinho.”

“Só uma minutinho, meu Olaf”, disse Olívia, abaixando-se para pegar o turbante. “Por que você não vai toma ducha, faz favor? Você deve está suada de fossa cavar, e quando você acaba, nós todas vai tomar vinho juntas.”

“Não seja ridícula”, retrucou o conde Olaf. “Já tomei uma ducha há dez dias. Vou passar mais um pouco de água-de-colônia e encontro você no seu trailer.”

“Sim, meu Olaf”, gritou Olívia, e então voltou a cochichar com as crianças, enquanto enrolava o turbante no cabelo. “É melhor deixar essa conversa para depois”, disse ela. “Antes que seus colegas comecem a procurar por vocês. Amanhã, quando partirmos, conto tudo o que vocês quiserem saber.”

“Não dá para contar pelo menos algumas coisas agora?”, perguntou Klaus. Os Baudelaire nunca estiveram tão perto das respostas que procuravam, e adiar aquela conversa era quase insuportável.

“Não, não”, decidiu Olívia. “Vamos, é melhor vestirem seus disfarces,

senão seus colegas podem vir atrás de vocês.”

As três crianças se entreolharam. “Talvez você esteja certa”, disse Violet afinal. “Podem vir atrás de nós.”

“Proffco”, disse Sunny, o que queria dizer: “Também acho”, e começou a enrolar a barba em volta do corpo. Violet e Klaus entraram nas calças com barra de pele e abotoaram a camisa. E Olívia amarrou de volta o seu colar para virar madame Lulu outra vez.

“Nossas cicatrizes”, lembrou-se Klaus, olhando para o rosto da irmã. “Nós apagamos todas.”

“E nosso cabelo precisa de mais talco”, disse Violet.

“Eu tem lápis de maquiagem, faz favor”, disse Olívia, procurando no baú, “e também tem talco.”

“Você não precisa usar esse sotaque agora”, disse Violet, e desamarrou a fita do cabelo.

“É bom costume, faz favor”, retrucou Olívia. “Eu precisa pensar em eu mesma como madame Lulu, faz favor, senão eu vai esquecer a disfarce, faz favor.”

“Mas da promessa você vai se lembrar, não vai?”, perguntou Klaus.

“Promessa?”, perguntou madame Lulu.

“Você prometeu que não ia contar ao conde Olaf que estamos aqui”, disse Violet, “e em troca nós prometemos levá-la conosco para as Montanhas de Mão-Morta.”

“Claro, Beverly”, confirmou Lulu. “Eu vai cumprir meu promessa para aberraçóns.”

“Eu não sou Beverly”, disse Violet, “e não sou aberraçãõ.”

Madame Lulu sorriu e se inclinou para desenhar uma cicatriz no rosto de Violet. “Mas agora hora de disfarces, faz favor. Nón vai esquecer seus vozes disfarçados, para nón ser reconhecidas.”

“Não vamos nos esquecer”, disse Klaus, guardando os óculos de volta no bolso, “e você não vai esquecer a sua promessa, certo?”

“Claro, faz favor”, disse madame Lulu, levando as crianças para fora da barraca. “Nón precisa se preocupar, faz favor.”

Quando os Baudelaire saíram da barraca, foram banhados pela luz azul do famoso crepúsculo do sertão. A luz os deixava um pouco diferentes, como se estivessem usando um outro disfarce azul por cima dos disfarces de aberrações. O cabelo de Violet parecia mais pálido; as falsas cicatrizes de Klaus ficaram ainda mais sinistras; e Sunny parecia uma nuvenzinha azul, sobre a qual os últimos raios de sol incidiam como pequenos relâmpagos. Madame Lulu, que acompanhava os Baudelaire até a porta, ficou mais parecida com uma vidente quando a luz do poente incidiu sobre a pedra do turbante e cobriu sua longa túnica de uma luminosidade fantasmagórica.

“Boa noite, meus pequenas aberraçóns”, disse ela, e os Baudelaire se perguntaram se aquela mulher misteriosa teria realmente mudado seu lema e voltaria a ser uma pessoa nobre. “Eu vai cumprir meu promessa”, ele dissera,

mas os órfãos Baudelaire não sabiam se era verdade ou apenas aquilo que eles queriam ouvir.



CAPÍTULO OITO

Quando os Baudelaire voltaram para o trailer das aberrações, Hugo, Colette e Kevin terminavam uma partida de dominó e se preparavam para tomar uma sopa tailandesa chamada tom ka gai, que Hugo tinha acabado de preparar. Mas quando se sentaram à mesa, não tiveram disposição para digerir a mistura de frango, legumes, cogumelos, gengibre, leite de coco e castanhas-d'água que o corcunda preparara. Eles estavam mais preocupados em digerir informações, uma expressão que aqui significa “pensar em tudo o que madame Lulu lhes havia contado”. Violet tomou uma colherada do caldo quente, mas estava tão concentrada pensando na biblioteca de arquivos históricos que mal notou o sabor adocicado da sopa. Klaus mascou uma castanha-d'água, mas estava tão absorto em pensamentos sobre a base de operações nas Montanhas de Mão-Morta que nem saboreou sua textura sedutora e crocante. E Sunny inclinou a tigela para tomar um gole, mas estava tão curiosa a respeito do kit de disfarces que não percebeu que sua barba estava ficando empapada de sopa. Todos tomaram o caldo até o fim, mas estavam tão ansiosos para saber mais a respeito de C.S.C, que pareciam estar com mais fome do que antes.

“Todo mundo está tão calado”, disse Colette, passando a cabeça por baixo da axila para olhar em volta da mesa. “Hugo e Kevin, vocês não falaram muito, e me parece que Chabo não rosnou uma única vez, nem ouvi nenhuma das cabeças abrir a boca.”

“Não estamos com disposição para conversar”, disse Violet, lembrando-se de falar com a voz grave. “Temos muito em que pensar.”

“E como”, disse Hugo. “Não estou muito entusiasmado com a idéia de ser devorado por um leão.”

“Nem eu”, disse Colette. “Mas hoje os visitantes ficaram muito excitados com o anúncio do espetáculo. Parece que todo mundo adora violência.”

“E comilança porca”, disse Hugo, passando um guardanapo na boca. “É um dilema interessante.”

“Não acho que seja interessante”, disse Klaus, apertando os olhos para enxergar seus colegas de trabalho. “Acho que é um dilema horrível. Amanhã à tarde, alguém vai pular para a morte.” Mas ele não disse que, àquela altura, os Baudelaire já estariam muito longe do Parque Caligari, a caminho das Montanhas de Mão-Morta, no carrinho que Violet planejava construir pela manhã.

“Não sei o que podemos fazer”, disse Kevin. “Por um lado, eu prefiro continuar trabalhando na Casa dos Monstros a ser comido pelos leões. Mas por outro lado..., e no meu caso ambos são iguais, existe o lema da madame Lulu, ‘dê às pessoas o que elas querem’, e elas querem que este parque seja carnívoro.”

“Acho que é um péssimo lema”, disse Violet, e Sunny rosnou, concordando. “Existem coisas melhores do que fazer algo humilhante e perigoso só para dar às pessoas o que elas querem.”

“Como o quê?”, perguntou Colette.

Os Baudelaire se entreolharam. Estavam com medo de revelar seu plano de fuga aos colegas de trabalho e a notícia acabar nos ouvidos do conde Olaf. Mas também não podiam ficar de braços cruzados, sabendo que algo de terrível estava para acontecer só porque Hugo, Colette e Kevin se sentiam obrigados a ser aberrações e fazer jus ao lema de madame Lulu.

“Você nunca sabe quando vai surgir algo novo para fazer”, disse Violet. “Pode acontecer a qualquer momento.”

“Você acha mesmo?”, perguntou Hugo, esperançoso.

“Sim”, disse Klaus. “Você nunca sabe quando a oportunidade vai bater à sua porta.”

Kevin mirou os Baudelaire com um brilho nos olhos. “Com que mão você acha que ela vai bater?”

“A oportunidade pode bater com qualquer mão”, disse Klaus, e naquele momento bateram à porta.

“Abram, aberrações.” A voz impaciente fez as crianças pularem. Como você certamente já sabe, quando Klaus usou a expressão “a oportunidade vai bater à sua porta”, queria dizer que os seus colegas de trabalho poderiam encontrar algum destino melhor para suas vidas do que pular dentro de um fosso cheio de leões famintos só para dar a algumas pessoas o que elas queriam, e não que a namorada de um notório vilão iria realmente bater à porta e lhes dar uma idéia que era ainda pior. Mas lamento dizer que era Esmé Squalor quem estava batendo as unhas compridas contra a

porta. “Abram de uma vez. Quero falar com vocês.”

“Só um momento, sra. Squalor”, gritou Hugo, e foi até a porta. “Vamos nos comportar o melhor possível”, disse ele aos colegas de trabalho. “Não é sempre que uma pessoa normal vem falar conosco, e acho que devemos aproveitar ao máximo essa oportunidade.”

“Vou me comportar”, prometeu Colette. “Não vou me contorcer em nenhuma posição estranha.”

“E eu vou usar só a mão direita”, disse Kevin. “Ou só a esquerda.”

“Boa idéia”, disse Hugo, e abriu a porta. Esmé Squalor estava encostada no batente, com um sorriso maldoso nos lábios.

“Sou Esmé Gigi Geniveve Squalor”, disse ela, como freqüentemente se anunciava, mesmo que todos ao redor já soubessem seu nome. Ela deu um passo para dentro do trailer, e os Baudelaire viram que estava especialmente ataviada para a ocasião, uma frase que aqui significa “vestida com uma roupa escolhida para impressioná-los”. Era um vestido branco, longo, tão longo que ultrapassava seus pés e se espalhava pelo chão à sua volta, como se ela estivesse plantada no meio de uma grande poça de leite. Na parte da frente do vestido, as palavras EU AMO ABERRAÇÕES tinham sido bordadas com fios brilhantes, só que no lugar da palavra “amo” havia um enorme coração, um símbolo que às vezes é usado por quem tem dificuldade de distinguir palavras de formas. Esmé amarrara um saco marrom numa das alças do vestido e usava um estranho chapéu redondo, com tufos de linha preta saindo pelo topo e uma grande careta desenhada na frente. As crianças sabiam que aquele tipo de roupa devia ser muito in, caso contrário Esmé não usaria, mas não podiam imaginar quem no mundo admirava um traje tão estranho.

“Que lindo vestido!”, disse Hugo.

“Obrigada”, disse Esmé. Ela cutucou Colette com uma de suas unhas compridas, e a contorcionista se levantou da cadeira para que Esmé tomasse seu lugar. “Como vocês podem ler no meu vestido, eu amo aberrações.”

“É mesmo?”, disse Kevin. “Muito gentil da sua parte.”

“Sim, é verdade”, concordou Esmé. “Mande fazer este vestido especialmente para demonstrar o quanto amo as aberrações. Vejam, tem uma almofada no ombro para lembrar uma giba, e o meu chapéu faz com que eu pareça ter duas cabeças, como Beverly-Elliot.”

“Certamente a sua aparência é um tanto aberrante”, disse Colette.

Esmé fechou a cara; não era exatamente aquilo que pretendia ouvir. “Naturalmente, eu não sou uma aberração de verdade”, disse. “Sou uma pessoa normal, mas queria mostrar a vocês o quanto os admiro. Agora me tragam, por favor, um leite desnatado em caixinha. É muito in.”

“Infelizmente não temos”, disse Hugo, “mas acho que temos um pouco de suco de uva-do-monte ou, se preferir, posso preparar um chocolate quente delicioso.”

“Tom ka gai!”, disse Sunny.

“E também temos sopa”, disse Hugo.

Esmé olhou para Sunny e franziu o cenho. “Não, obrigada”, disse, “mas é muita gentileza. Vocês aberrações são tão gentis que já os considero mais do que meros empregados de um parque de diversões que por acaso esteja visitando. São como que amigos íntimos.”

As crianças sabiam, é claro, que aquela ridícula declaração era tão falsa quanto a segunda cabeça de Esmé, mas seus colegas vibraram. Hugo abriu um grande sorriso para Esmé e pôs-se em pé de um jeito que quase escondia a corcunda. Kevin corou e baixou os olhos para as mãos. E Colette ficou tão excitada que não pôde deixar de contorcer o corpo todo até ficar parecida com a letra K e com a letra S ao mesmo tempo.

“Oh, Esmé”, disse. “Você está falando sério?”

“É claro que sim”, disse Esmé, apontando para os dizeres do vestido. “Prefiro vocês às pessoas mais refinadas do mundo.”

“Puxa”, disse Kevin. “Nunca uma pessoa normal me chamou de amigo.”

“Mas é o que vocês são”, disse Esmé, e se inclinou para beijar Kevin no nariz. “Vocês são meus amigos aberrantes. E fico muito triste em pensar que um de vocês será comido pelos leões.” Os Baudelaire repararam quando ela tirou do bolso um lenço branco que trazia bordada a mesma frase do vestido e em seguida enxugou os olhos com a palavra “aberrações”. “Fiquei com lágrimas nos olhos”, explicou.

“Vamos, vamos, amigona”, disse Kevin, e acariciou a mão dela. “Não fique triste.”

“Não posso evitar”, disse Esmé, e puxou a mão depressa, como se a ambidestria fosse contagiosa. “Mas tenho uma oportunidade que nos tornará muito, muito felizes.”

“Oportunidade?”, perguntou Hugo. “Que coincidência, Beverly e Elliot estavam justamente nos dizendo que uma oportunidade poderia surgir a qualquer momento.”

“E eles estavam certos”, disse Esmé. “Esta noite ofereço a vocês a oportunidade de largar os seus empregos na Casa dos Monstros para se juntar à trupe do conde Olaf.”

“Qual seria o nosso trabalho?”, perguntou Hugo.

Esmé sorriu e começou a salientar os aspectos positivos de trabalhar para o conde Olaf, uma frase que aqui significa “fazer a oportunidade parecer melhor do que realmente era, dando destaque às partes boas e deixando de mencionar as ruins”. “É uma trupe teatral”, disse ela, “vocês vão usar fantasias, fazer exercícios dramáticos e, ocasionalmente, cometer crimes.”

“Exercícios dramáticos!”, exclamou Kevin, levando as duas mãos ao coração. “Atuar sempre foi meu maior desejo!”

“E eu sempre quis usar uma fantasia!”, disse Hugo.

“Na verdade, você já atua, Kevin”, disse Violet, “e você já usa uma fantasia mal ajustada todos os dias, Hugo.”

“Se vocês aceitarem, poderão viajar conosco para lugares excitantes”,

continuou Esmé, e lançou um olhar feroz para Violet. “Os empregados do conde Olaf já conheceram as árvores da Floresta Finita, as praias do Lago Lacrimoso e os corvos da Cidade de Cultores Solidários de Corvídeos, embora viajem sempre no banco de trás. Mas o melhor mesmo é trabalhar para o conde Olaf, um dos homens mais brilhantes e lindos que já caminharam sobre a face da Terra.”

“Você acha mesmo que um homem normal como ele trabalharia com aberrações como nós?”, perguntou Colette.

“É claro que sim”, disse Esmé. “Para o conde Olaf, pouco importa se você é ou não é normal, desde que esteja disposta a cumprir suas ordens. Se trabalharem na trupe de Olaf ninguém vai achá-los nem um pouco aberrantes. E vão ganhar uma fortuna, pelo menos o conde Olaf vai.”

“Uau!”, disse Hugo. “Que oportunidade!”

“Eu tinha um palpite de que vocês se entusiasmassem com a idéia”, disse Esmé. “Agora, se estão interessados, há só uma coisa que precisam fazer.”

“Uma entrevista de emprego?”, perguntou Colette, nervosa.

“Não há necessidade de amigos meus passarem por algo tão desagradável quanto uma entrevista de emprego”, disse Esmé. “Vocês só precisam cumprir uma tarefa simples. Amanhã à tarde, durante o número dos leões, o conde Olaf vai anunciar qual aberração deverá pular no fosso dos leões. Mas independentemente de quem seja o escolhido, quero que atirem madame Lulu.”

O trailer ficou em silêncio enquanto todos digeriam aquela informação. “Isso quer dizer”, disse Hugo afinal, “que devemos assassinar madame Lulu?”

“Não pense nisso como assassinato”, disse Esmé. “Pense que é um exercício dramático. É uma surpresa especial para o conde Olaf, vocês vão mostrar a ele que são corajosos o bastante para fazer parte de sua trupe.”

“Atirar Lulu no fosso não me parece um ato de grande bravura”, disse Colette. “Apenas cruel e perverso.”

“Como poderia ser cruel e perverso dar às pessoas o que elas querem?”, perguntou Esmé. “Vocês querem juntar-se à trupe do conde Olaf; a multidão quer ver alguém ser comido pelos leões; e eu quero que madame Lulu seja atirada no fosso. Amanhã, um de vocês terá a excitante oportunidade de dar a todos o que querem.”

“Grr”, rosnou Sunny, mas só os seus irmãos entenderam que ela quis dizer: “Todo mundo, menos a Lulu”.

“Quando você coloca as coisas desse modo”, disse Hugo, pensativo, “não soa tão perverso.”

“É claro que não”, disse Esmé, ajeitando sua cabeça postiça. “Além disso, madame Lulu queria vê-los sendo comidos por leões, portanto deviam ficar felizes por ter a oportunidade de atirá-la em seu lugar.”

“Mas por que você quer que madame Lulu seja atirada aos leões?”,

perguntou Colette.

Esmé fez uma careta. “O conde Olaf acha que se este parque tornar-se mais popular, madame Lulu poderá nos ajudar com sua bola de cristal”, disse ela, “mas eu não acho que precisamos da ajuda dela. Além disso, estou cansada de ver o meu namorado comprar presentes para ela.”

“Essa não me parece uma boa razão para alguém ser comido por leões”, disse Violet com sua voz disfarçada.

“Não me surpreende que uma pessoa de duas cabeças fique um pouco confusa”, disse Esmé, e esticou as mãos de unhas compridas para afagar simultaneamente os rostos de Violet e Klaus. “Depois que vocês entrarem para a trupe de Olaf, não terão mais esse tipo de pensamento aberrante.”

“Imaginem só”, disse Hugo, “amanhã passaremos de aberrações a homens de confiança do conde Olaf.”

“Eu prefiro o termo ‘pessoas de confiança’”, disse Colette.

Esmé abriu um grande sorriso para todos e então abriu o saco marrom. “Para celebrar seus novos empregos”, disse ela, “trouxe um presente para cada um.”

“Um presente!”, exclamou Kevin. “Madame Lulu nunca nos deu um presente.”

“Este é para você, Hugo”, disse Esmé, e lhe deu um casaco enorme que os Baudelaire reconheceram da época em que o homem de mãos de gancho se disfarçara de porteiro. O casaco era tão grande que encobria seus ganchos, e quando Hugo o experimentou, os Baudelaire viram que também era grande o suficiente para encobrir a corcova de Hugo, mesmo com sua forma irregular. Hugo olhou-se no espelho e depois se voltou para os colegas, exultante.

“Ele cobre a minha corcunda!”, disse. “Nem pareço uma aberração!”

“Viu?”, disse Esmé. “O conde Olaf já está tornando sua vida muito melhor. E olhe o que tenho para você, Colette.” A namorada de Olaf enfiou a mão no saco e puxou para fora o manto comprido e preto que os Baudelaire tinham visto no porta-malas do automóvel. “É tão folgado”, explicou, “que mesmo torcendo seu corpo do jeito que for ninguém vai notar que você é uma contorcionista.”

“É a realização de um sonho!”, disse Colette, arrancando-o das mãos de Esmé. “Eu jogaria cem pessoas no fosso dos leões para usar uma coisa assim!”

“E Kevin”, disse Esmé, “este pedaço de corda é para amarrar a sua mão direita atrás das costas, assim você não terá nenhuma possibilidade de usá-la.”

“Então vou ser canhoto, como as pessoas normais!”, disse Kevin, erguendo-se da cadeira sobre os seus dois pés igualmente fortes. “Viva!”

O ambidestro virou-se alegremente para que Esmé amarrasse sua mão direita, e num instante passou a ter apenas um braço operante.

“Não esqueci vocês dois”, continuou Esmé, sorrindo para as três

crianças. “Chabo, eis aqui uma grande navalha que o conde Olaf usa quando precisa aparar a barba. Achei que você gostaria de aparar um pouco esse pêlo feio de lobo. E para você, Beverly-Elliot, eu tenho isto.”

Esmé despregou o saco marrom do vestido e estendeu-o para os Baudelaire mais velhos, triunfante. Violet e Klaus deram uma espiada no saco e constataram que estava vazio. “Este saco é perfeito para cobrir uma de suas cabeças”, explicou. “Você vai parecer uma pessoa com uma cabeça só que, por acaso, está carregando um saco no ombro. Não é sensacional?”

“Acho que sim”, disse Klaus com sua falsa voz aguda.

“O que há com você?”, perguntou Hugo. “Oferecem a você um emprego instigante e um presente generoso, e nenhuma das cabeças se anima!”

“Você também, Chabo”, disse Colette, “não parece muito entusiasmada.”

“Acho que essa é uma oportunidade que devíamos recusar”, disse Violet, e seus irmãos concordaram com a cabeça.

“O quê?”, disse Esmé, bruscamente.

“Nada pessoal”, Klaus acrescentou depressa, muito embora o fato de não querer trabalhar para o conde Olaf fosse algo bastante pessoal. “Trabalhar numa trupe teatral deve ser emocionante, e o conde Olaf parece ser uma pessoa formidável.”

“Então qual é o problema?”, perguntou Kevin.

“Bem”, disse Violet, “não me sinto muito à vontade com essa história de jogar madame Lulu aos leões.”

“Como segunda cabeça que sou, concordo com ela”, disse Klaus, “e Chabo também.”

“Aposto que Chabo só concorda pela metade”, disse Hugo. “Aposto que sua metade lobo adoraria ver madame Lulu ser devorada.”

Sunny sacudiu a cabeça e rosnou, e Violet entendeu que devia colocá-la em cima da mesa. “Simplesmente não parece direito”, disse Violet. “Madame Lulu não é a pessoa mais simpática que conheço, mas não acho que ela mereça ser devorada.”

Esmé abriu um largo sorriso falso para os Baudelaire mais velhos e se inclinou para fazer-lhes outro afago. “Não deixe suas cabeças se preocuparem com a questão de ela merecer ou não ser devorada”, disse, e depois sorriu para Chabo. “Você não merece ser metade lobo, merece?”, perguntou Esmé. “Neste mundo, as pessoas nem sempre têm o que merecem.”

“Ainda assim me parece uma coisa perversa”, disse Klaus.

“Eu não acho”, disse Hugo. “Isso é dar às pessoas o que elas querem, como diz a própria Lulu.”

“Que tal vocês consultarem o travesseiro?”, sugeriu Esmé e levantou-se da mesa. “Assim que o espetáculo de amanhã terminar, Olaf rumará para o norte, para as Montanhas de Mão-Morta, e se até lá madame Lulu já tiver sido devorada, vocês poderão acompanhá-lo. Decidam pela manhã se querem ser

bravos integrantes de uma trupe teatral ou aberrações covardes de um parque decadente.”

“Eu não preciso consultar o travesseiro”, disse Kevin.

“Nem eu”, disse Colette. “Já me decidi.”

“Sim”, declarou Hugo. “Eu quero me juntar ao conde Olaf.”

“Fico feliz em ouvir isso”, disse Esmé. “Talvez vocês possam convencer seus colegas a se juntarem a vocês, juntando-se a mim para juntar-se a ele.” Ao abrir a porta do trailer, Esmé olhou desdenhosa para as três crianças. O pôr-do-sol terminara fazia algum tempo, e não havia mais sinal de luz azul sobre o Parque Caligari. “Pensem nisso, Beverly-Eliott e Chabo”, disse ela. “Pode ser mesmo uma coisa perversa jogar madame Lulu num fosso cheio de leões carnívoros.” Esmé deu um passo para fora, e estava tão escuro que a namorada de Olaf parecia um fantasma com aquele longo vestido branco e uma cabeça adicional. “Mas se vocês não se juntarem a nós, para onde mais podem ir?”, perguntou ela. Os órfãos Baudelaire não tinham resposta para a terrível pergunta de Esmé Squalor, mas ela mesma respondeu, com uma longa e perversa gargalhada. “Se vocês não optarem pela coisa perversa, que diabo vão fazer?”, perguntou, e desapareceu na noite.



CAPÍTULO NOVE

O curioso quando lhe dizem para consultar o travesseiro — uma expressão que, como você já sabe, significa “deitar-se pensando em algum problema e chegar a uma conclusão quando acordar” — é que em geral você não pode fazer isso. Se seu problema é um dilema, é provável que passe a noite inteira agitado, pensando nas coisas terríveis que podem acontecer e no que você poderia fazer a respeito, e é improvável que tais circunstâncias levem a qualquer tipo de sono. Na noite passada, eu estava com um problema envolvendo um conta-gotas, um vigia noturno ganancioso e uma bandeja de pudins, e agora estou tão cansado que mal consigo datilografar essas lapravas.

E foi assim com os órfãos Baudelaire na noite em que Esmé Squalor disse a eles que consultassem o travesseiro sobre se iriam ou não atirar madame Lulu aos leões e juntar-se à trupe do conde Olaf. As crianças, é claro, não queriam fazer parte de um bando de vilões nem atirar alguém dentro de um fosso letal. Mas Esmé também perguntara a eles que diabo iriam fazer se não se juntassem a Olaf, e essa questão os mantinha agitados em suas redes, que se tornam especialmente desconfortáveis quando uma pessoa está agitada. Os Baudelaire esperavam que no dia seguinte pudessem viajar pelo sertão num carrinho de montanha-russa, acompanhados pela madame Lulu com sua identidade verdadeira de Olívia, levando com eles a biblioteca de arquivos históricos, na esperança de encontrar um de seus pais ainda vivo e com saúde na base de operações de C. S. C. nas Montanhas de Mão-Morta; e não se juntar à trupe do conde Olaf, como Esmé sugerira. Mas o plano parecia ser tão complicado que as crianças não paravam de pensar em tudo o que poderia dar errado e estragar a viagem. Violet pensava sobre o dispositivo de relâmpagos que planejava transformar em correia de ventilador, e se preocupava com a possibilidade de que não houvesse torque suficiente para fazer os carrinhos se moverem na direção certa. Klaus se preocupava porque a biblioteca de arquivos históricos poderia não conter instruções precisas sobre como chegar à base de operações, e eles poderiam se perder nas montanhas que, pelo que se dizia, eram enormes, confusas e cheias de animais selvagens. Sunny se preocupava com a possibilidade de faltar comida durante a viagem pelo sertão. E todos os três Baudelaire se preocupavam com a possibilidade de madame Lulu não cumprir sua promessa e revelar seus disfarces quando o conde Olaf perguntasse a respeito do paradeiro deles na manhã seguinte. Eles

se preocuparam com essas coisas a noite inteira, e muito embora no meu caso o encarregado das sobremesas tenha conseguido encontrar o meu quarto no hotel e tenha batido à minha janela antes de raiar o dia, os órfãos Baudelaire descobriram que quando terminaram de consultar seus travesseiros não tinham chegado a nenhuma conclusão, a não ser a de que o plano era arriscado, mas o único em que conseguiam pensar. Quando os primeiros raios de sol entraram pela janela e incidiram sobre os vasos de plantas, os Baudelaire desceram em silêncio de suas redes. Hugo, Colette e Kevin já tinham decidido se juntar à trupe do conde Olaf, por isso não precisaram consultar o travesseiro e, como acontece com pessoas que não precisam consultar o travesseiro, eles dormiram profundamente, e assim permaneceram quando os Baudelaire saíram do trailer para botar seu plano em prática.

Olaf e sua trupe tinham cavado o fosso dos leões perto da montanha-russa, tão perto que as crianças precisaram passar bem rentes à beira do fosso para chegar aos carrinhos cobertos de hera. O fosso não era muito fundo, embora suas paredes fossem altas o bastante para que ninguém pudesse escalá-las, caso fosse jogado lá dentro, e também não era muito largo, de modo que os leões estavam tão amontoados quanto na jaula. Assim como os colegas de trabalho dos Baudelaire, os leões também não deviam ter consultado o travesseiro, e ainda dormiam profundamente. Adormecidos como estavam, eles não pareciam ferozes. Alguns tinham as juba emaranhadas, como se ninguém as escovasse há muito tempo, e outros davam pequenos solavancos com as pernas, como se sonhassem com dias melhores. Em suas costas e barrigas havia cicatrizes repulsivas das chicotadas desferidas pelo conde Olaf, e os Baudelaire se sentiram mal só de olhar para elas. Em sua maioria, os leões estavam magros, muito magros, e pareciam não comer uma boa refeição havia muito tempo.

“Sinto pena deles”, disse Violet, olhando para um leão tão magro que suas costelas ficavam aparentes. “Se madame Lulu estava certa, esses leões já foram criaturas nobres, mas agora estão nessa condição miserável por causa do modo como o conde Olaf os trata.”

“Parecem solitários”, disse Klaus com uma expressão triste. “Talvez eles também sejam órfãos.”

“Mas talvez tenham um pai ou mãe sobrevivente”, disse Violet, “em algum lugar nas Montanhas de Mão-Morta.”

“Edasurc”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “Talvez algum dia possamos resgatar esses leões”.

“Por enquanto, vamos resgatar a nós mesmos”, disse Violet com um suspiro. “Klaus, vamos tentar desembaraçar a hera deste carrinho aqui. Sunny, como provavelmente vamos precisar de dois, um para os passageiros e um para a biblioteca de arquivos históricos, veja se consegue tirar a hera daquele outro carrinho.”

“Fácil”, disse Sunny, apontando para seus dentes.

“Todos os trailers têm rodas”, disse Klaus. “Não seria mais fácil

atrelar um dos trailers ao dispositivo de relâmpagos?”

“Um trailer é grande demais”, respondeu Violet.

“Para mover um trailer é preciso atrelá-lo a um automóvel ou a vários cavalos. Já teremos sorte se conseguirmos reconstruir os motores dos carrinhos. Madame Lulu disse que os motores estavam enferrujados.”

“Parece que estamos atrelando as nossas esperanças a um plano arriscado”, disse Klaus, e arrancou alguns ramos de hera com o único braço que podia usar. “Mas não deve ser tão arriscado quanto outras coisas que fizemos, como furtar um veleiro.”

“Ou escalar um poço de elevador”, disse Violet.

“Whaque”, disse Sunny com a boca cheia de plantas, e seus irmãos entenderam que ela queria dizer alguma coisa como: “Ou nos disfarçar de cirurgiões”.

“Na verdade”, disse Violet, “talvez esse plano não seja tão arriscado, afinal. Olhem para os eixos desse carrinho.”

“Eixos?”, perguntou Klaus.

“As barras que seguram as rodas”, explicou ela, apontando para o fundo do carrinho. “Estão em perfeitas condições. Isso é uma boa notícia, pois precisaremos dessas rodas por uma boa distância.” A mais velha dos Baudelaire ergueu os olhos e fitou o horizonte. A leste, o sol começava a nascer, e logo seus raios se refletiriam nos espelhos da Barraca do Destino, e a norte, as Montanhas de Mão-Morta se erguiam em estranhas formas quadradas, mais como uma escadaria que como uma cadeia de montanhas, com manchas de neve nos lugares mais altos e uma bruma espessa e cinzenta nos degraus de cima. “Vamos levar um bom tempo até chegar no alto”, disse Violet, “e acho que não há muitas oficinas na subida.”

“O que será que vamos encontrar lá em cima?”, disse Klaus. “Nunca estive numa base de operações.”

“Nem eu”, disse Violet. “Klaus, vamos nos inclinar para que eu possa dar uma olhada no motor desse carrinho.”

“Se soubéssemos mais a respeito de C.S.C.”, disse Klaus, “saberíamos o que esperar. Como está o motor?”

“Não está de todo mal”, disse Violet. “Alguns dos pistões estão completamente enferrujados, mas acho que posso substituí-los pelas travas laterais do carrinho, e o dispositivo de relâmpagos substituirá uma correia de ventilador. Mas vamos precisar de mais alguma coisa para conectar os dois carrinhos, algo como uma corda ou um arame.”

“Hera?”, sugeriu Sunny.

“Boa idéia”, disse Violet. “Os ramos de hera são bem resistentes. Se você arrancar as folhas de alguns, será de grande ajuda.”

“O que eu posso fazer?”, perguntou Klaus.

“Ajude-me a virar o carrinho de cabeça para baixo”, disse Violet, “mas olhe bem onde põe os pés. Não queremos que você caia no fosso.”

“Eu não quero que ninguém caia no fosso”, disse Klaus. “Você não

acha que os outros atirariam madame Lulu aos leões, acha?”

“Não se conseguirmos terminar isso a tempo”, disse Violet, soturna. “Veja se pode me ajudar a entortar a trava para encaixá-la naquela ranhura, Klaus. Não, não, para o outro lado. Só espero que Esmé não os force a jogar alguma outra pessoa quando nós escaparmos.”

“É o que provavelmente vai acontecer”, disse Klaus, brigando com a trava. “Não consigo entender por que Hugo, Colette e Kevin querem se juntar a pessoas desse tipo.”

“Acho que eles ficaram emocionados porque alguém os tratou como gente normal”, disse Violet, e deu uma olhada para o fosso. Um dos leões bocejou, esticou as patas e abriu um olho sonolento, mas não pareceu interessado nas três crianças. “Talvez seja por isso que o homem de mãos de gancho trabalhe para o conde Olaf, e também o careca de nariz comprido. Talvez todo mundo tenha dado risada deles quando trabalharam em outro lugar.”

“Ou talvez eles gostem de cometer crimes”, disse Klaus.

“Também é uma possibilidade”, disse Violet, e então franziu o cenho. “Gostaria de ter aqui o jogo de ferramentas da mamãe”, disse. “Aquela chave inglesa de que sempre gostei seria perfeita para isso.”

“Ela provavelmente seria de mais ajuda do que eu”, disse Klaus. “Não consigo entender bulhufas do que você está fazendo.”

“Você está indo muito bem”, disse Violet, “especialmente se considerarmos que estamos dentro da mesma camisa. Como vão esses ramos de hera, Sunny?”

“Lesoint”, respondeu Sunny, o que queria dizer: “Está quase pronto”.

“Bom trabalho”, disse Violet, avaliando a posição do sol. “Não sei quanto tempo ainda temos. Provavelmente o conde Olaf já está na Barraca do Destino, questionando a bola de cristal sobre o nosso paradeiro. Espero que madame Lulu cumpra a promessa e não dê a ele o que ele quer. Pode me passar aquele pedaço de metal que está no chão, Klaus? Devia ser parte dos trilhos, mas vou usá-lo para construir um dispositivo de direção.”

“Eu queria que madame Lulu pudesse nos dar o que nós queremos”, disse Klaus, passando o pedaço de metal para a irmã. “Eu queria descobrir se um de nossos pais sobreviveu ao incêndio, sem precisar perambular por uma cadeia de montanhas.”

“Eu também”, disse Violet, “e mesmo assim podemos não encontrá-los. Eles podem estar aqui embaixo, procurando por nós.”

“Lembra-se da estação de trem?”, disse Klaus, e Violet fez que sim com a cabeça.

“Esúúbac”, disse Sunny, entregando os ramos de hera. Com “Esúúbac” ela queria dizer algo como: “Não me lembro”, muito embora não houvesse como ela se lembrar, pois a mais jovem dos Baudelaire ainda não tinha nascido naquela época. A família Baudelaire tinha decidido viajar no fim de semana para um vinhedo, uma palavra que aqui significa “uma espécie de

fazenda onde as pessoas plantam uvas para fazer vinho”. Esse vinhedo era famoso por suas uvas perfumadas, e era muito agradável fazer um piquenique enquanto a fragrância flutuava pelo ar da fazenda e os jumentos que ajudavam a carregar as uvas na colheita dormiam à sombra das árvores. Para chegar lá, os Baudelaire tiveram de tomar não um, mas dois trens, e fazer baldeação numa movimentada estação perto de Paltryville, e no dia a que Violet e Klaus estavam se referindo, eles tinham se separado acidentalmente dos pais em meio à correria da multidão. Violet e Klaus, que eram muito jovens, decidiram procurar seus pais nas várias lojas do lado de fora da estação, e logo o sapateiro, o ferreiro, o limpador de chaminés e o técnico em computação da localidade estavam ajudando as duas crianças assustadas a encontrar seus pais. Em pouco tempo a família Baudelaire estava reunida, mas o pai lhes ensinou uma lição muito séria. “Se vocês se perderem de nós”, disse ele, “fiquem no mesmo lugar.”

“Sim”, concordou a mãe, “não saiam por aí nos procurando. Nós é que encontraremos vocês.”

Na época, Violet e Klaus concordaram, mas os tempos eram outros. Quando os pais dos Baudelaire disseram “se vocês se perderem de nós” estavam se referindo a ocasiões em que as crianças poderiam perdê-los de vista na multidão, como acontecera naquela estação de trem, onde eu almocei outro dia e conversei com o filho do sapateiro sobre o acontecido. Eles não estavam se referindo ao modo como os Baudelaire os perderam agora, num incêndio fatal que reclamara pelo menos uma de suas vidas. Existem momentos em que se deve esperar no mesmo lugar, e aquilo por que você procura vem até você, e existem momentos em que é preciso sair pelo mundo e encontrar alguma coisa. A exemplo do que aconteceu com os órfãos Baudelaire, encontrei a mim mesmo em lugares onde esperar no mesmo lugar teria sido perigosamente inútil e inutilmente perigoso. Estive numa loja de departamentos e li algo numa etiqueta de preço que me fez querer sair dali imediatamente, mas com roupas diferentes. Estive sentado num aeroporto e ouvi algo nos alto-falantes que me mostrou que eu devia embarcar mais tarde naquele mesmo dia, mas num vôo diferente. E estive ao lado da montanha-russa do Parque Caligari e descobri algo que os Baudelaire não tinham como saber naquela tranqüila manhã. Olhei para os carrinhos cobertos de cinza e presos uns aos outros, contemplei o fosso cavado pelo conde Olaf e seus comparsas, vi os ossos queimados que jaziam numa pilha, remexi os cacos de espelho e vidro que estavam onde antes se erguia a Barraca do Destino, e toda essa pesquisa me levou a uma mesma conclusão, e se de algum modo eu pudesse voltar no tempo com a facilidade com que tiro o meu disfarce, eu caminharia até a borda daquele fosso e contaria aos órfãos Baudelaire os resultados das minhas investigações. Mas é claro que não posso. Só posso cumprir o meu sagrado dever e datilografar essa história o melhor que puder, até a última laprava.

“Laprava”, disse Sunny, depois que os Baudelaire contaram a ela

sobre a estação de trem. Com “Laprava” ela queria dizer algo parecido com: “Não acho que devemos ficar no mesmo lugar. Acho que devemos partir agora mesmo”.

“Ainda não podemos”, disse Violet. “O dispositivo de direção está pronto, e os carrinhos estão presos um ao outro, mas sem uma correia de ventilador o motor não funciona. É melhor irmos até a Barraca do Destino e desmontar o dispositivo de relâmpagos.”

“Olaf?”, perguntou Sunny.

“Vamos esperar até que madame Lulu o tenha mandado embora”, disse Violet, “senão botamos o plano a perder. Temos de terminar a nossa invenção antes que o espetáculo comece, senão todo mundo vai nos ver partir.”

Um leve rosnado saiu do fosso, e as crianças puderam ver que alguns leões estavam acordados e olhavam com irritação para todos os lados. Alguns tentavam circular pelas abarrotadas acomodações, mas o máximo que conseguiam era esbarrar uns nos outros, o que os deixava ainda mais tensos.

“Os leões parecem famintos”, disse Klaus. “Será que já está na hora do espetáculo?”

“Aklec”, disse Sunny, o que queria dizer: “Vamos logo”, e os Baudelaire se afastaram da montanha-russa e começaram a caminhar na direção da Barraca do Destino. Uma porção de visitantes já tinha chegado ao parque, e alguns deles davam risadinhas quando passavam pelos órfãos.

“Olhem!”, disse um homem, apontando para os Baudelaire com escárnio. “Aberrações! Não podemos perder o espetáculo dos leões — um deles poderá ser comido.”

“Ah, espero que sim”, disse seu companheiro. “Não vim de tão longe para nada.”

“A mulher da bilheteria me disse que uma jornalista de O Pundonor Diário está aqui para fazer a cobertura do espetáculo”, disse um outro homem, que vestia uma camiseta com os dizeres PARQUE CALIGARI, provavelmente comprada no trailer dos presentes.

“O Pundonor Diário!”, exclamou uma mulher que estava com ele. “Que emocionante! Há semanas acompanho o caso daqueles assassinos Baudelaire. Eu amo violência!”

“Quem não ama?”, retrucou o homem. “Especialmente acompanhada de comilança porca.”



Mal os Baudelaire chegaram à Barraca do Destino, um homem se colocou na frente deles, impedindo a passagem. As crianças viram as espinhas no seu queixo e o reconheceram como o espectador grosseirão da Casa dos Monstros.

“Ora, vejam só quem está aqui”, disse ele. “Chabo, o Bebê-Lobo, e Beverly-Elliot, a aberração de duas cabeças.”

“É um prazer revê-lo”, disse Violet com pressa. Ela tentou contorná-lo, mas o homem agarrou a camisa que ela compartilhava com Klaus, e ela foi obrigada a parar.

“E a outra cabeça?”, disse o homem das espinhas, com sarcasmo. “Não está feliz em me ver?”

“É claro”, disse Klaus, “mas estamos com um pouco de pressa, portanto, se nos desculpar...”

“Não desculpo aberrações”, disse o homem. “Não existe desculpa para vocês. Por que você não usa um saco em cima de uma das suas cabeças para parecer normal?”

“Grr!”, disse Sunny, mostrando os dentes na altura dos joelhos do homem.

“Por favor, deixe-nos em paz”, disse Violet. “Chabo é muito apegada a nós e pode até mordê-lo se o senhor chegar muito perto.”

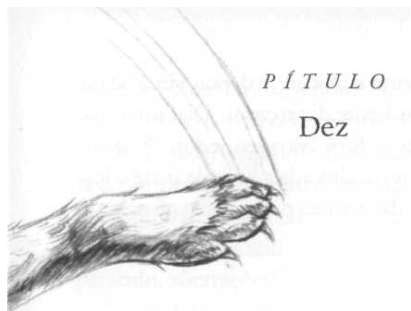
“Aposto que Chabo não é páreo para um bando de leões ferozes”, disse o homem. “Eu e minha mãe estamos ansiosos para ver o espetáculo.”

“É verdade, querido”, disse uma mulher que estava por perto. Ela se inclinou para beijar o homem das espinhas, e os Baudelaire repararam que a acne era um mal de família. “A que horas começa o espetáculo, aberrações?”

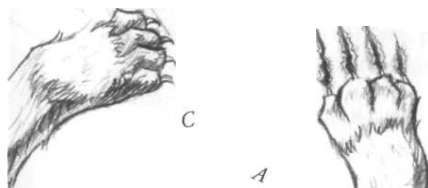
“O espetáculo começa agora mesmo!”

O homem das espinhas e sua mãe viraram-se para ver quem tinha falado, mas os Baudelaire não precisaram olhar para saber que se tratava do conde Olaf. O vilão estava junto à entrada da Barraca do Destino com um chicote na mão e um brilho perverso nos olhos. Os irmãos reconheceram ambas as coisas. O chicote era o mesmo que Olaf usara para deixar os leões ferozes, cena que os Baudelaire tinham visto no dia anterior, e o brilho nos olhos era algo que eles já tinham visto tantas vezes que nem podiam contar. Era o tipo de brilho que alguém poderia exibir ao contar uma piada, mas, quando Olaf olhava para as pessoas daquele jeito, significava que seus planos estavam funcionando brilhantemente.

“O espetáculo começa agora mesmo!”, anunciou de novo. “Minha sorte já foi lida, portanto podemos começar.” O conde Olaf apontou para a Barraça do Destino com o chicote, e depois virou-se para apontar os Baudelaire disfarçados. Olaf sorria para a multidão que se formava a seu redor. “E agora, senhoras e senhores, é chegada a hora de ir até o fosso dos leões para dar a vocês o que vocês querem.”



CAPÍTULO DEZ



“Eu vou para perto do fosso agora mesmo!”, gritou uma mulher na multidão. “Quero ter uma boa visão do espetáculo!”

“Eu também”, disse um homem ao lado dela. “Não tem sentido fazer os leões comerem alguém se você não consegue ver.”

“É melhor andar logo”, disse o homem das espinhas. “Tem uma multidão por aqui.”

Os órfãos Baudelaire olharam em volta e comprovaram o que o homem das espinhas estava dizendo. As notícias da nova atração do Parque Caligari se espalharam para além do sertão, pois havia muito mais visitantes do que na véspera, e a cada instante chegavam mais.

“Vou levá-los até o fosso”, anunciou Olaf. “Afinal, a atração dos leões foi idéia minha, portanto é normal que eu siga na frente.”

“Idéia sua?”, perguntou a mulher de quem as crianças se lembravam do Hospital Heimlich. Ela usava um tailleur cinza e mascava chiclete enquanto falava num pequeno microfone, e os órfãos se lembraram de que ela era a repórter de O Pundonor Diário. “Eu adoraria escrever sobre isso no jornal. Qual é o seu nome?”

“Conde Olaf!”, disse o conde Olaf.

“Já posso ver a manchete: ‘CONDE OLAF IDEALIZA ESPETÁCULO COM LEÕES’”, disse a repórter. “Aguardem só até os leitores de O Pundonor Diário verem isso!”

“Espere um minuto”, disse alguém. “Eu pensei que o conde Olaf tinha sido assassinado por aquelas crianças.”

“Aquele era o conde Omar”, retrucou a repórter. Eu conheço o assunto. Escrevi sobre os Baudelaire para O Pundonor Diário. O conde Omar foi assassinado pelos Baudelaire, aquelas crianças homicidas que ainda estão

à solta.”

“Bem, se as encontrarmos”, disse alguém na multidão, “elas é que vão para o fosso dos leões.”

“Excelente idéia”, concordou o conde Olaf, “mas enquanto isso, os leões vão ganhar uma deliciosa aberração para o almoço. Sigam-me, e darei a vocês uma tarde de violência e comilança porca!”

“Viva!”, celebrou a multidão. Olaf fez uma mesura e começou a encaminhar o público na direção da montanha-russa, onde os leões aguardavam.

“Venham comigo, aberrações”, ordenou, apontando para os Baudelaire. “Meus assistentes vão trazer as outras. Quero todas as aberrações reunidas para a cerimônia da escolha.”

“Eu leva elas, meu Olaf”, disse madame Lulu com seu sotaque disfarçado, ao sair da Barraca do Destino. Quando ela viu os Baudelaire, seus olhos se arregalaram e ela escondeu as mãos atrás das costas. “Você leva multidón para fossa, faz favor, e dá entrevista para jornal na caminho.”

“Ah, sim”, disse a repórter. “Já posso ver a manchete: ‘ENTREVISTA EXCLUSIVA COM CONDE OLAF, QUE NÃO É CONDE OMAR, QUE ESTÁ MORTO’. Aguardem só até os leitores de O Pundonor Diário verem isso!

“Será emocionante para as pessoas ler uma materia sobre mim”, disse Olaf. “Tudo bem, vou com a repórter, Lulu. Mas ande logo com as aberrações.”

“Sim, meu Olaf”, disse Lulu. “Vem comigo vocês, aberrações, faz favor.”

Lulu estendeu as mãos para os Baudelaire como se fosse a mãe deles ajudando-os a atravessar a rua, e não uma falsa vidente levando-os para um fosso de leões. As crianças repararam que uma de suas mãos estava estranhamente suja e a outra estava fechada. Os Baudelaire não queriam segurar aquelas mãos e caminhar para o espetáculo dos leões, mas havia tanta gente reunida em volta, aguardando avidamente pela violência, que não havia outra escolha. Sunny agarrou a mão direita de Lulu e Violet a esquerda, e elas seguiram juntas numa espécie de nó desajeitado em direção à montanha-russa.

“Oliv...”, Klaus começou a dizer, mas se deu conta de que seria perigoso usar o verdadeiro nome dela. “Quero dizer, madame Lulu”, corrigiu, e depois se inclinou na frente de Violet para falar o mais baixo possível com a falsa vidente. “Vamos andar bem devagar. Talvez possamos dar um jeito de voltar sorrateiramente à barraca e desmontar o dispositivo de relâmpagos.”

Madame Lulu não respondeu, apenas sacudiu a cabeça de leve para indicar que aquele não era um bom momento para tratar desses assuntos.

“Correia”, lembrou Sunny o mais baixinho que podia, mas madame Lulu apenas sacudiu a cabeça.

“Você cumpriu a promessa, não cumpriu?”, murmurou Klaus, pouco mais alto que um sussurro, mas Lulu continuou em frente como se não tivesse

ouvido. Ele cutucou a irmã mais velha por dentro da camisa. “Violet”, disse, usando com medo seu nome verdadeiro. “Peça à madame Lulu para andar mais devagar.”

Violet deu uma olhada rápida para Klaus e depois voltou a cabeça para encontrar os olhos de Sunny. A mais jovem dos Baudelaire olhou de volta para a irmã e viu quando ela sacudiu a cabeça de leve, exatamente como madame Lulu tinha feito, e depois olhou para baixo, para indicar sua mão entrelaçada com a da vidente. Entre dois dos dedos de Violet, Klaus e Sunny viram a ponta de uma tira de borracha que eles reconheceram imediatamente. Era a parte do dispositivo de relâmpagos que se parecia com uma correia de ventilador, exatamente o que Violet precisava para transformar os carrinhos da montanha-russa em veículos capazes de viajar sertão afora e levar os Baudelaire até o topo das Montanhas de Mão-Morta. Mas em vez de se sentirem esperançosos ao ver o objeto crucial na mão de Violet, os três Baudelaire sentiram algo bem menos agradável.

Se você já vivenciou alguma experiência que parecesse estranhamente familiar, como se aquela mesma coisa já tivesse acontecido antes, então você teve aquilo que os franceses chamam de “*déjà-vu*”. Como a maioria das expressões francesas — “*ennui*”, por exemplo, que é um termo elegante para designar tédio profundo, ou “*la petite mort*”, expressão que descreve a sensação de que uma parte sua morreu —, “*déjà-vu*” se refere a algo que normalmente não é muito agradável, e não foi agradável para os órfãos Baudelaire chegar ao fosso dos leões e vivenciar a nauseante sensação de *déjà-vu*. Quando estiveram no Hospital Heimlich, as crianças viram-se cercadas por uma grande multidão ávida por ver alguma coisa violenta, tal como alguém sendo submetido a uma operação. Quando moraram na cidade de C.S.C, as crianças viram-se cercadas por uma grande multidão ávida por ver alguma coisa violenta, tal como alguém sendo queimado na fogueira. E agora, quando madame Lulu soltou suas mãos, as crianças olharam para a enorme e estranhamente familiar multidão que assomava junto à montanha-russa. Mais uma vez, as pessoas estavam ávidas por ver alguma coisa violenta. Mais uma vez, os Baudelaire temiam por suas vidas. E mais uma vez, era tudo culpa do conde Olaf. Os órfãos olharam para os dois carrinhos que Violet adaptara. Tudo o que faltava para funcionarem era a correia de ventilador, e então as crianças poderiam continuar sua busca pelos pais; porém, olhando a partir do fosso para os dois diminutos carrinhos de montanha-russa engatados com hera e recondicionados para viajar através do sertão, os Baudelaire experimentaram a nauseante sensação de *déjà-vu* e se perguntaram se não haveria mais um final infeliz à sua espera.

“Bem-vindos, senhoras e senhores, à tarde mais emocionante de suas vidas!”, anunciou Olaf, e estalou o chicote dentro do fosso. O chicote era suficientemente comprido para atingir os leões, que rangeram os dentes. “Os leões estão prontos para comer uma aberração”, disse ele. “Mas qual aberração será essa?”

A multidão se abriu, e o homem de mãos de gancho entrou, conduzindo os colegas dos Baudelaire para a beira do fosso, onde eles já os aguardavam. Como era de esperar, tinham ordenado a Hugo, Colette e Kevin que usassem as roupas aberrantes para o espetáculo, e não os presentes de Esmé, e quando chegaram à beira do fosso, deram um sorrisinho para os Baudelaire e uma olhada nervosa para os leões famintos. Assim que os colegas de trabalho das crianças tomaram seus lugares, os outros camaradas do conde Olaf emergiram do meio da multidão. Esmé Squalor usava um terno risca de giz e segurava uma sombrinha, que é um pequeno guarda-chuva usado para proteger-se do sol; ela sorriu para a multidão e sentou-se numa pequena cadeira trazida pelo capanga careca de Olaf, que trazia na outra mão um pedaço de madeira chato e comprido, que usou para fazer uma espécie de trampolim sobre o fosso dos leões. E por fim, as duas mulheres de cara branca deram um passo à frente e exibiram uma pequena caixa de madeira com um buraco em cima.

“Estou tão contente por hoje ser o último dia que uso estas roupas”, murmurou Hugo para os Baudelaire, apontando para o seu casaco mal ajustado. “Imaginem só, logo serei integrante da trupe do conde Olaf e nunca mais vou parecer uma aberração.”

“A não ser que seja jogado aos leões”, Klaus não pôde deixar de dizer.

“Está brincando?”, sussurrou Hugo. “Se eu for escolhido, atiro madame Lulu no meu lugar, exatamente como Esmé nos pediu.”

“Olhem atentamente para essas aberrações”, disse o conde Olaf sob as risadas do público. “Observem as costas de Hugo. Pensem na esquisitice que é Colette dobrar seu corpo em posições inimagináveis. Caçoem dos absurdos braços e pernas ambidestros de Kevin. Debochem de Beverly-Ellyot, a aberração de duas cabeças. E riem até perder o ar de Chabo, o Bebê-Lobo.”

A multidão irrompeu em gargalhadas, apontando e rindo para as pessoas que achavam mais hilárias.

“Olhem os ridículos dentes de Chabo!”, gritou uma mulher que tingira o cabelo de várias cores ao mesmo tempo. “São decididamente idiotas!”

“Eu acho que Kevin é mais engraçado!”, retrucou seu marido, que tingira o cabelo para combinar com o dela. “Espero que ele seja jogado no fosso. Vai ser divertido vê-lo se defender com as duas mãos e os dois pés!”

“Eu espero que seja a aberração de mãos de gancho!”, disse uma mulher que estava atrás dos Baudelaire. “Assim vai ficar ainda mais violento!”

“Eu não sou uma aberração”, rosou impaciente o homem de mãos de gancho. “Sou um empregado do conde Olaf.”

“Oh, desculpe”, disse a mulher. “Nesse caso, torço para que seja o homem com o queixo cheio de espinhas.”

“Eu sou do público!”, gritou ele. “Não sou uma aberração. Só tenho alguns problemas de pele.”

“Então, que tal a mulher com o terno cretino?”, perguntou ela. “Ou

aquele sujeito com uma sobranceira só?”

“Eu sou a namorada do conde Olaf”, disse Esmé, “e o meu terno é in, e não cretino.”

“Bom, tanto faz quem é aberração ou deixa de ser”, disse outra pessoa. “Eu só quero ver os leões comerem alguém.”

“E você vai ver”, prometeu o conde Olaf. “A cerimônia da escolha vai começar agora mesmo. Os nomes das aberrações foram escritos em pedaços de papel e colocados na caixa que as duas adoráveis damas aqui estão segurando.”

As duas mulheres de cara branca ergueram a caixa de madeira e fizeram uma cortesia para o público. Esmé fechou a cara para elas. “Não acho que sejam adoráveis”, disse, mas poucas pessoas ouviram, por causa dos aplausos.

“Vou enfiar a mão na caixa”, disse o conde Olaf, “e sortear o nome de um dos monstros aberrantes. Então o monstro vai caminhar por aquela prancha e pular para dentro do fosso, e todos nós vamos assistir enquanto os leões o devoram.”

“Ou a devoram”, disse Esmé. Ela deu uma olhada para madame Lulu, e depois para os Baudelaire e seus colegas de trabalho. Pondo a sombrinha de lado por um momento, ela levantou as duas mãos de unhas compridas e fez um pequeno gesto de empurrar, só para lembrá-los do seu plano.

“Ou a devoram”, repetiu o conde Olaf com um olhar curioso para o gesto de Esmé. “Alguém tem alguma pergunta?”

“Por que é você quem escolhe o nome?”, perguntou o homem das espinhas.

“Porque foi tudo idéia minha”, disse Olaf.

“Eu tenho uma pergunta”, disse a mulher do cabelo tingido. “Isso está dentro da lei?”

“Ora, não seja desmancha-prazeres”, disse o marido. “Você queria ver pessoas serem comidas por leões, então nós viemos. Mas se vai começar a fazer um monte de perguntas complicadas, pode esperar no carro.”

“Por favor continue, vossa condescendência!” disse a repórter de O Pundonor Diário.

“Vou continuar”, disse o conde Olaf, e chicoteou os leões mais uma vez antes de enfiar a mão na caixa de madeira. Com um sorriso cruel para os possíveis sorteados, Olaf se demorou bastante remexendo o interior da caixa antes de retirar um pedacinho de papel dobrado várias vezes. A multidão se inclinou para ver melhor, e os Baudelaire se esticaram para enxergar por cima das cabeças dos adultos. Mas o conde Olaf fazia mistério. Em vez de desdobrar o papel de uma vez, o ergueu o mais alto que pôde e abriu um largo sorriso.

“Vou desdobrar este pedaço de papel bem devagarinho”, anunciou, “para aumentar o suspense.”

“Brrrrilhante!”, disse a repórter, vibrando a língua contra o céu da boca

de tanto entusiasmo. “Já posso ver a manchete: ‘CONDE OLAF FAZ SUSPENSE’.”

“Como ator famoso que sou, sei como deixar extasiada uma platéia”, disse ele, sorrindo para a repórter enquanto ainda segurava o papel. “Não deixe de anotar isso.”

“É claro”, disse a ofegante repórter, e segurou o microfone mais perto da boca de Olaf.

“Senhoras e senhores”, bradou ele. “Estou prestes a desfazer a primeira dobra do papel!”

“Oba!”, gritaram. “Viva a primeira dobra!”

“Agora só restam cinco”, disse Olaf. “Só cinco dobras, e saberemos qual aberração será jogada aos leões.”

“É tudo tão emocionante!”, exclamou o homem do cabelo tingido. “Sou capaz até de desmaiar!”

“Só não desmaie para dentro do fosso”, disse a mulher.

“Estou agora desfazendo a segunda dobra!”, anunciou o conde Olaf. “Agora só restam quatro!”

Os leões rugiram impacientes, como se estivessem cansados daquelas baboseiras com o pedaço de papel, mas o público deu vivas ao suspense e nem se incomodou com as bestas-feras, mantendo-se atentos ao conde Olaf, que sorria e jogava beijos para a platéia. Os Baudelaire, contudo, não tentavam mais assistir por cima da multidão ao número de Olaf, uma expressão que aqui significa “tentativa de aumentar o suspense desdobrando lentamente um pedaço de papel onde está escrito o nome de alguém que supostamente vai pular para dentro de um fosso cheio de leões”. Eles se aproveitaram do fato de que ninguém estava olhando e se juntaram para conversar sem despertar suspeitas.

“Você acha que conseguiríamos nos esgueirar até os carrinhos da montanha-russa?”, murmurou Klaus para a irmã.

“Acho que tem gente demais”, respondeu Violet. “Você acha que poderíamos impedir que os leões comessem alguém?”

“Acho que não”, disse Klaus, apertando os olhos para enxergar as feras esfomeadas. “Li num livro que quando os grandes felinos estão com muita fome, são capazes de comer qualquer coisa.”

“Existe mais alguma coisa que você tenha lido que possa nos ajudar?”, perguntou Violet.

“Suponho que não”, respondeu Klaus. “Existe mais alguma coisa que você possa construir com aquela correia de ventilador que possa nos ajudar?”

“Suponho que não”, respondeu Violet com a voz fraca de tanto medo.

“Déjà-vu!”, gritou Sunny para os irmãos. Ela queria dizer alguma coisa no gênero de: “Temos de pensar em alguma coisa que nos ajude. Já escapamos de multidões sanguinárias outras vezes”.

“Sunny está certa”, disse Klaus. “Na época em que estávamos no Hospital Heimlich, aprendemos a controlar uma multidão quando protelamos

a cirurgia a que Olaf pretendia submeter Violet.”

“E na época em que morávamos na cidade de Cultores Solidários de Corvédeos”, disse Violet, “aprendemos um pouco de psicologia de massas quando vimos que todos os cidadãos estavam tão perturbados que não conseguiam pensar com clareza. Mas o que podemos fazer com esta multidão? O que podemos fazer agora?”

“Ambos!”, murmurou Sunny, e depois rosou depressa para o caso de alguém ter suspeitado de sua condição lobal.

“Desdobrei o papel de novo!”, bradou o conde Olaf, e não preciso dizer que ele explicou que só restavam três dobras, nem que a multidão o aplaudiu mais uma vez, como se ele tivesse feito alguma coisa muito nobre ou corajosa. E não preciso contar que ele anunciou as três dobras remanescentes como se fossem eventos emocionantes, e que a multidão continuou a aplaudir, ávida pela violência e a comilança porca que se seguiriam, e também não preciso contar o que estava escrito naquele pedaço de papel porque, se você leu até agora este livro deplorável, então está bem familiarizado com os órfãos Baudelaire e com o tipo de sorte aberrante que eles têm. Uma pessoa com sorte normal chegaria a um parque de diversões em circunstâncias confortáveis, tais como um ônibus de dois andares ou um lombo de elefante, e provavelmente se divertiria muito com todas as coisas que um parque de diversões oferece, e se sentiria feliz e satisfeito quando o passeio chegasse ao fim. Mas os Baudelaire chegaram ao Parque Caligari num porta-malas, e foram forçados a se disfarçar, a participar de um espetáculo humilhante, a arriscar suas vidas e, como se essa série de desventuras ainda fosse pouco, não encontraram as informações que esperavam encontrar. Portanto, não será surpreendente saber que o nome de Hugo não estava escrito no papel, e nem o nome de Colette, e nem o nome de Kevin, que de puro nervoso torcia as duas mãos quando Olaf terminou de desdobrar o papel. Também não será surpreendente saber que, quando o conde Olaf anunciou o que dizia o papel, os olhos da multidão inteira recaíram sobre as três crianças. E muito embora você não se surpreenda com o que o conde Olaf anunciou, ficará surpreso com o que anunciou um dos Baudelaire imediatamente depois.

“Senhoras e senhores”, anunciou o conde Olaf. “Beverly-Elliot, a aberração de duas cabeças, é a sorteada de hoje.”

“Senhoras e senhores”, anunciou Violet Baudelaire, “é um enorme prazer ter sido a escolhida.”



CAPÍTULO ONZE



Existe um escritor que, como eu, é considerado por muitos como falecido. Seu nome é William Shakespeare. Ele escreveu peças teatrais de quatro tipos: cômicas, românticas, históricas e trágicas. As comédias são histórias em que as pessoas contam piadas e tropeçam nas coisas, peças românticas são histórias em que as pessoas se apaixonam e quase sempre se casam. As peças históricas são reproduções de fatos que aconteceram de verdade, como a história dos órfãos Baudelaire, e as tragédias são histórias que normalmente começam bem e depois vão piorando gradualmente, até que todas as personagens estejam mortas, feridas ou, de algum modo, incomodadas. Normalmente, uma tragédia não é uma experiência muito divertida nem para o espectador nem para as personagens e, entre todas as tragédias de Shakespeare, é possível que a menos divertida seja O rei Lear, a história de um rei que enlouquece enquanto suas filhas tramam assassinar várias pessoas, inclusive uma à outra. No final da peça, uma das personagens diz:

“Vão devorar-se os homens uns aos outros como os monstros do abismo”, uma frase que aqui significa “como é triste as pessoas se ferirem umas às outras como monstros ferozes do mar”, e quando a personagem termina de pronunciar essas funestas palavras, as pessoas do público freqüentemente choram, ou suspiram, ou prometem a si mesmas assistir a uma comédia da próxima vez.

Lamento relatar que a história dos órfãos Baudelaire chegou a um ponto em que é adequado emprestar do sr. Shakespeare sua frase e descrever como os órfãos Baudelaire se sentiram quando se dirigiram à multidão à beira do fosso dos leões e tentaram continuar a história dentro da qual se encontravam sem transformá-la numa tragédia. Mas parecia que todos estavam ansiosos por ferir uns aos outros. O conde Olaf e seus comparsas queriam ver Violet e Klaus pularem para suas mortes carnívoras, pois assim o Parque Caligari voltaria a ser mais popular e madame Lulu poderia ler a sorte de Olaf. Esmé Squalor queria ver madame Lulu ser atirada no fosso, pois

assim ela não precisaria mais dividir as atenções de Olaf, e os colegas de trabalho dos Baudelaire queriam ajudá-la no plano, pois como pagamento ingressariam na trupe de Olaf. A repórter de O Pundonor Diário e o público queriam assistir a um espetáculo de violência e comilança porca, pois assim a visita ao parque teria valido a pena. E os leões só queriam saborear uma refeição, pois tinham sido chicoteados e privados de comida por muito tempo. Parecia que todos os seres humanos reunidos junto à montanha-russa naquela tarde queriam ver alguma coisa horrível acontecer, e as crianças se sentiram horivelmente mal quando Violet e Klaus caminharam na direção da prancha e fingiram estar ansiosos por pular.

“Obrigado, conde Olaf, por escolher minha outra cabeça e eu como as primeiras vítimas”, disse Klaus, solenemente.

“Hmm, não há de quê”, replicou o conde Olaf um pouco surpreso. “E agora, pule para que possamos assistir à sua devoração.”

“E depressa!”, gritou o homem das espinhas. “Quero que a minha visita ao parque valha a pena!”

“Em vez de uma aberração pular por si própria no fosso”, disse Violet, pensando depressa, “você não prefeririam que alguém a empurrasse? Seria muito mais violento.”

“Grr!”, rosnou Sunny, concordando.

“Bem colocado”, disse pensativa uma das mulheres de cara branca.

“Ah, sim!”, exclamou a mulher do cabelo tingido. “Quero ver o monstro de duas cabeças ser jogado aos leões!”

“Concordo”, disse Esmé, lançando um olhar feroz para os dois Baudelaire e depois para madame Lulu. “Eu gostaria que alguém fosse atirado no fosso.”

A multidão deu vivas e aplaudiu, e Sunny ficou olhando enquanto seus irmãos caminhavam na direção da prancha suspensa sobre o fosso onde os leões aguardavam com fome. Algumas pessoas maçantes dizem que quando você está numa situação difícil, deve parar e determinar qual a coisa certa a fazer, mas os três irmãos já sabiam que a coisa certa era correr para os carrinhos da montanha-russa, instalar a correia de ventilador e fugir com madame Lulu e a sua biblioteca de arquivos históricos para o sertão, isso depois de explicar para a multidão que o derramamento de sangue não era uma forma respeitável de entretenimento e que o conde Olaf e sua trupe deveriam ser presos. Mas há ocasiões em que determinar a coisa certa a fazer é bastante simples, porém fazer a coisa certa é simplesmente impossível, e então você precisa fazer alguma outra coisa. Os três Baudelaire, no meio da multidão ávida por violência e comilança porca, sabiam que era simplesmente impossível fazer a coisa certa, mas acharam que poderiam tentar deixar a multidão agitada e aproveitar a confusão para escapular. Violet, Klaus e Sunny não sabiam se usar técnicas de controle de multidões e psicologia de massas era a coisa certa a fazer, mas os Baudelaire não conseguiam pensar em mais nada e, fosse ou não a coisa certa, seu plano parecia estar funcionando.

“Isso é absolutamente sensacional!”, exclamou a excitada repórter. “Já posso ver a manchete: ‘ABERRAÇÕES SÃO EMPURRADAS PARA FOSSE DE LEÕES!’”. Aguardem só até os leitores de O Pundonor Diário verem isso!”

Sunny rosou o mais alto que conseguiu e apontou para o conde Olaf.

“O que Chabo está tentando comunicar em sua linguagem semilobal”, disse Klaus, “é que o próprio conde Olaf deveria nos empurrar para dentro do fosso, afinal o espetáculo dos leões foi idéia dele.”

“É verdade!”, disse o homem das espinhas. “Queremos que o conde Olaf atire Beverly-Elliot no fosso!”

Olaf fechou uma carranca para os Baudelaire, depois abriu um sorriso de dentes imundos para a multidão. “Sinto-me profundamente honrado com o convite”, disse, inclinando-se de leve, “mas receio que não seja apropriado.”

“Por que não?”, perguntou a mulher do cabelo tingido.

O conde Olaf pensou por um instante, depois emitiu um som breve e muito agudo, tão falso quanto o rosnar de Sunny. “Sou alérgico a gatos”, explicou. “Estão vendo? Já comecei a espirrar, e ainda nem estou em cima da prancha.”

“A sua alergia não o incomodou quando chicoteou os leões”, disse Violet.

“É verdade”, disse o homem de mãos de gancho. “Eu nem sabia que você era alérgico.”

O conde Olaf fulminou o capanga com os olhos. “Senhoras e senhores”, começou ele, mas a multidão estava cansada dos discursos do vilão.

“Olaf, empurre logo o monstro!”, gritou alguém, e todos aplaudiram. Olaf fechou a cara, mas agarrou a mão de Klaus e levou os dois Baudelaire para cima da prancha. Porém, sob os urros da multidão e os rugidos dos leões, os Baudelaire perceberam que o conde Olaf tinha tanto medo de se aproximar dos leões quanto eles próprios.

“Atirar pessoas em fossos não é exatamente o meu serviço”, disse nervoso à multidão. “Eu sou ator.”

“Tenho uma idéia”, disse Esmé de repente, com uma falsa voz doce. “Madame Lulu, por que não anda por aquela prancha e empurra a sua aberração para a morte?”

“Esta também não é serviço meu, faz favor”, protestou Lulu, olhando nervosa para as crianças. “Eu é vidente, não é lança-aberração.”

“Não seja modesta, madame Lulu”, disse Olaf com um sorriso perverso. “Apesar de o espetáculo dos leões ter sido idéia minha, você é a pessoa mais importante do parque. Tome o meu lugar, e nos propicie o prazer de ver alguém ser empurrado para a morte.”

“Que oferta delicada!”, exclamou a repórter. “É uma pessoa muito generosa, conde Olaf!”

“Vamos ver madame Lulu jogar Beverly-Elliot no fosso!”, gritou o

homem das espinhas, e todos aplaudiram. À medida que a psicologia de massas começava a funcionar, a multidão ficava mais manipulável e agitada, e bateu palmas calorosamente quando Lulu subiu na prancha. O pedaço de madeira deu uma balançada com o peso de tanta gente, e os Baudelaire precisaram se esforçar para manter o equilíbrio. A multidão engasgou de emoção, e depois soltou um “ah...” de decepção quando as duas crianças disfarçadas conseguiram evitar a queda.

“Isso é tão emocionante!”, guinchou a repórter. “Talvez madame Lulu também caia lá dentro!”

“Sim”, rosnou Esmé. “Talvez ela caia”.

“Tanto faz quem vai cair!”, anunciou o homem das espinhas. Frustrado com a demora da violência e da comilança porca, ele atirou seu refresco no fosso, respingando suco nos leões irritados, que rugiram. “Para mim, uma mulher de turbante é tão aberrante quanto uma pessoa de duas cabeças. Não tenho preconceito!”

“Nem eu!”, concordou alguém com PARQUE CALIGARI impresso no chapéu. “Só não agüento mais esperar! Espero que madame Lulu tenha coragem de empurrar aquela aberração para dentro do fosso!”

“Tanto faz se ela tem coragem ou não”, replicou o careca com uma risadinha. “Cada um faz o que tem de fazer. Não tem outra escolha, tem?”

Violet e Klaus tinham chegado ao fim da prancha, e tentaram com todo o afinho achar uma resposta para a pergunta do careca. Abaixo dos Baudelaire estava a ensurdecadora massa de leões famintos que mais parecia uma massa de garras e bocas abertas, tamanha era a falta de espaço, e em volta, a ensurdecadora multidão que os observava com sorrisos de expectativa. Tinha conseguido deixar a multidão cada vez mais agitada, mas não tinham encontrado uma oportunidade para escapar, e agora parecia que essa oportunidade nunca chegaria. Com dificuldade, Violet virou a cabeça de frente para o irmão, ao que Klaus respondeu apertando os olhos, e Sunny pôde notar que seus irmãos estavam prestes a chorar.

“Nossa sorte pode ter se acabado”, disse ela.

“Parem de cochichar nos seus quatro ouvidos!”, ordenou o conde Olaf com uma voz terrível. “Madame Lulu, empurre-os já!”

“Estamos aumentando o suspense!”, gritou Klaus, desesperado.

“O suspense já aumentou o suficiente”, retrucou o impaciente homem das espinhas. “Estou cansado dessa enrolação.”

“Eu também!”, gritou a mulher do cabelo tingido.

“Eu também!”, gritou outra pessoa. “Olaf, dê uma chicotada na Lulu! Isso vai acabar com a enrolação!”

“Só um momenta, faz favor”, pediu madame Lulu, e deu mais um passo na direção de Violet e Klaus. A prancha balançou de novo, e os leões rugiram na esperança de que seu almoço estivesse chegando. Madame Lulu olhou em pânico para os Baudelaire mais velhos, e as crianças viram seus ombros se encolherem sob a túnica reluzente.

“Ora, já basta!”, disse o homem de mãos de gancho, e deu um passo à frente. “Vou empurrá-los eu mesmo. Acho que sou a única pessoa aqui com coragem suficiente para fazer isso!”

“Ah, não”, disse Hugo. “Eu também sou corajoso, assim como Colette e Kevin.”

“Aberrações corajosas?”, disse com desdém o homem das mãos de gancho. “Não seja ridículo!”

“Nós somos corajosos”, insistiu Hugo. “Conde Olaf, deixe-nos provar isso, e então poderá nos empregar!”

“Empregar vocês?”, perguntou o conde Olaf com uma carranca.

“Que idéia maravilhosa!”, exclamou Esmé, como se a idéia não fosse dela.

“Sim”, disse Colette. “Gostaríamos de encontrar alguma outra coisa para fazer, e essa me parece ser uma oportunidade maravilhosa.”

Kevin deu um passo à frente e estendeu as duas mãos. “Sei que sou uma aberração”, disse ele, “mas acho que posso ser tão útil quanto o homem de mãos de gancho, ou o seu capanga careca.”

“O quê?”, bradou o careca. “Uma aberração como você, tão útil quanto eu? Não seja ridículo!”

“Eu posso ser útil”, insistiu Kevin. “Observe.”

“Parem com essas briguinhas!”, disse o homem das espinhas, mal-humorado. “Não vim aqui para ouvir as pessoas discutirem seus problemas de trabalho.”

“Vocês estão perturbando a mim e à minha outra cabeça”, disse Violet com sua voz grave. “Vamos sair dessa prancha e discutir o assunto com calma.”

“Eu não quero discutir o assunto com calma!”, gritou a mulher do cabelo tingido. “Isso eu posso fazer em casa!”

“Sim!”, concordou a repórter de O Pundonor Diário. “‘PESSOAS DISCUTEM COISAS COM CALMA’ é uma manchete chata! Joguem logo algo no fosso dos leões, e nós vamos ter o que queremos!”

“Madame Lulu vai fazer isso, faz favor!”, anunciou madame Lulu com uma voz estrondosa, e agarrou Violet e Klaus pela camisa. Os Baudelaire ergueram os olhos para ela e viram uma lágrima aparecer, então ela se inclinou. “Sinto muito, jovens Baudelaire”, murmurou baixinho, sem sinal de sotaque, e abaixando-se até alcançar a mão de Violet, tirou dela a correia de ventilador.

Sunny ficou tão perturbada que se esqueceu de rosnar. “Trenceth!”, gritou ela, o que queria dizer alguma coisa do tipo: “Você devia ter vergonha de sua existência!”, mas se a falsa vidente estava com vergonha de sua existência, ela não se comportava de acordo. “Madame Lulu sempre diz, você precisa sempre dar para pessoas o que pessoas quer”, disse, solenemente, com a voz disfarçada. “Ela faz lançamento na fossa, faz favor, e ela faz isso agora!”

“Não seja ridícula”, disse Hugo, avançando impaciente. “Eu farei isso!”

“Você é que está sendo ridículo!”, disse Colette, contorcendo o corpo na direção de Lulu. “Eu farei isso!”

“Não, eu farei isso!”, gritou Kevin. “Com as duas mãos!”

“Eu farei isso!”, gritou o careca, impedindo a passagem de Kevin. “Não quero uma aberração do seu tipo como colega de trabalho!”

“Eu farei!”, gritou o homem de mãos de gancho.

“Eu farei!”, gritou uma das mulheres de cara branca.

“Eu farei!”, gritou a outra.

“Vou mandar outra pessoa fazer!”, gritou Esmé Squalor.

O conde Olaf desenrolou o seu chicote e o fez estalar por cima das cabeças da multidão com um violento pléc! que fez todo mundo se retraindo, uma palavra que aqui significa “se encolher, se esquivar e rezar para não levar uma chicotada”. “Silêncio!”, ordenou com um bramido terrível. “Vocês deviam se envergonhar. Parecem um bando de crianças! Quero ver aqueles leões devorando alguém neste exato momento, e quem tiver coragem para cumprir as minhas ordens vai ganhar uma recompensa especial!”

Esse discurso, é claro, foi apenas o último exemplo da tediosa filosofia do conde Olaf envolvendo uma mula teimosa que anda na direção certa se houver uma cenoura pendurada na frente dela, mas a oferta de uma recompensa especial deixou a multidão ainda mais agitada. Num instante, a multidão se transformou numa horda de voluntários que, como um enxame, avançaram ávidos por finalmente atirar alguém aos leões. Hugo jogou-se para a frente na intenção de empurrar madame Lulu, mas colidiu com a caixa que as mulheres de cara branca estavam segurando, e os três caíram amontoados à beira do fosso. O homem de mãos de gancho tentou agarrar Violet e Klaus, mas o cabo do microfone da repórter enroscou-se num dos ganchos, e ele acabou detido. Colette contorceu os braços para agarrar os tornozelos de Lulu, mas agarrou o tornozelo de Esmé Squalor por acidente, e acabou com as mãos retorcidas em volta de sapatos na última moda. A mulher do cabelo tingido decidiu fazer uma tentativa e inclinou-se para os Baudelaire na intenção de empurrá-los, mas eles deram um passo para o lado, e a mulher caiu em cima do marido, que acidentalmente estapeou o homem das espinhas, e os três visitantes do parque começaram a discutir a altos brados. Várias pessoas que estavam por perto entraram também na discussão e começaram a berrar insultos umas para as outras. Não muito tempo depois do último discurso do conde Olaf, os Baudelaire estavam no meio de uma massa furiosa que se avultava sobre eles, gritando, empurrando e devorando uns aos outros como monstros do abismo, enquanto os leões rugiam no fosso. Mas um outro som emergiu do fosso, um som horrível, muito pior que o rugido das bestas-feras; o som de alguma coisa sendo triturada e picotada. A multidão parou de discutir para ver o que estava acontecendo, mas os Baudelaire não estavam interessados em assistir a mais nada, e se afastaram do terrível som,

agarrando-se uns aos outros com os olhos fechados. E mesmo sob os risos e vivas da multidão à beira do fosso, os Baudelaire ainda ouviam os terríveis sons quando viraram as costas para a turba e, ainda de olhos fechados, foram tropeçando por entre as pessoas até se verem desimpedidos, uma frase que aqui significa “longe o bastante para não ver nem ouvir mais nada”.

Mas os órfãos Baudelaire podiam imaginar o que estava acontecendo no fosso, assim como eu posso imaginar, muito embora não estivesse lá e só tenha lido descrições a respeito. A matéria em O Pundonor Diário diz que foi madame Lulu quem caiu primeiro, mas matérias de jornais muitas vezes são pouco acuradas, portanto é impossível afirmar se isso é mesmo verdade. Talvez ela tenha caído primeiro, e o careca foi atrás dela, ou talvez Lulu tenha conseguido empurrar o careca ao tentar escapar, mas tenha logo depois escorregado e caído também. Ou quem sabe eles estivessem se engalfinhando quando a prancha balançou mais uma vez e os leões pegaram os dois ao mesmo tempo. É provável que eu jamais venha a saber, assim como talvez nunca descubra onde foi parar a correia de ventilador, por mais que volte inúmeras vezes ao Parque Caligari para procurá-la. De início, pensei que madame Lulu tivesse deixado cair a tira de borracha perto do fosso, mas já vasculhei a área munido de pá e lanterna e não encontrei nem sinal dela, nem nenhum dos visitantes do parque cujas residências investiguei parece tê-la levado embora como souvenir. Então pensei que talvez a correia de ventilador tivesse sido jogada para o ar durante toda a confusão e, quem sabe, aterrissado nos trilhos da montanha-russa, mas já a escalei centímetro por centímetro e nada. E existe, é claro, a possibilidade de que ela tenha sido queimada, mas os dispositivos de relâmpagos em geral são fabricados com um certo tipo de borracha bastante resistente a fogo, portanto essa possibilidade parece ser remota. E assim devo admitir que não sei com certeza onde está a correia de ventilador e, como no caso de saber quem caiu primeiro no fosso, essa pode ser uma informação que jamais chegará ao meu conhecimento. Mas imagino que a pequena tira de borracha tenha acabado no mesmo lugar onde a mulher que a removeu do dispositivo de relâmpagos e a entregou aos órfãos Baudelaire acabou caindo, no mesmo lugar onde também foi parar o capanga de Olaf que estava ansioso por uma recompensa. Se eu fechar os olhos, como os órfãos Baudelaire fecharam quando escapavam aos tropeções dessa desventura, posso imaginar que a correia de ventilador, como o careca e a minha ex-associada Olívia, caiu no fosso que Olaf e seus comparsas tinham cavado, e acabou na barriga de uma besta-fera.



CAPÍTULO DOZE

Quando os órfãos Baudelaire abriram os olhos, estavam na entrada da Barraca do Destino de madame Lulu, bem em frente às iniciais C.S.C. A maior parte dos visitantes do parque estava perto do fosso dos leões, portanto os irmãos estavam sozinhos ao anoitecer, e mais uma vez não havia ninguém os observando quando pararam na frente da barraca, tremendo e chorando. Na última vez que ficaram parados ali por tanto tempo, a pintura pareceu modificar-se diante de seus olhos, até que, por trás da pintura do que imaginavam ser um olho, surgiu a insígnia de uma organização que poderia ajudá-los. Agora estavam ali outra vez, e esperavam que alguma coisa surgisse diante de seus olhos e lhes mostrasse o que fazer. Mas nada aparecia, não importa o quão intensamente olhassem. O parque estava em silêncio, a tarde continuava a se arrastar a caminho da noite, e a insígnia na barraca simplesmente olhava de volta para os Baudelaire.

“Gostaria de saber onde foi parar a correia de ventilador”, disse Violet por fim. Sua voz era débil e quase rouca, mas suas lágrimas tinham cessado. “Gostaria de saber se ela caiu no chão, ou se foi jogada sobre os trilhos da montanha-russa, ou se acabou...”

“Como você pode pensar em correia de ventilador num momento como este?”, perguntou Klaus, embora não estivesse zangado. Como Violet, ele ainda tremia dentro da camisa do disfarce, e sentia-se cansado, como é comum depois de chorar muito.

“Não quero pensar em mais nada”, disse Violet. “Não quero pensar na madame Lulu e nos leões, e não quero pensar no conde Olaf e na multidão, e não quero pensar se fizemos ou não a coisa certa.”

“Certa”, disse Sunny, gentilmente.

“Concordo”, disse Klaus. “Fizemos o possível.”

“Não tenho certeza”, retrucou Violet. “Eu estava com a correia de ventilador na mão. Era só o que precisávamos para terminar a invenção e

escapar deste lugar horroroso.”

“Você não poderia ter concluído a invenção”, disse Klaus. “Estávamos cercados por uma multidão sedenta por ver alguém cair na boca dos leões. Não é nossa culpa se Lulu caiu em nosso lugar.”

“Mais careca”, acrescentou Sunny.

“Mas deixamos a multidão agitada”, disse Violet. “Primeiro atrasamos o espetáculo, e depois usamos a psicologia das massas para agitar e instigar as pessoas a jogar alguém no fosso.”

“Foi o conde Olaf que tramou esse plano assustador”, disse Klaus. “O que aconteceu com madame Lulu é culpa dele, e não nossa.”

“Prometemos levá-la conosco”, insistiu Violet. “Ela cumpriu sua promessa de não contar a Olaf quem éramos nós, mas nós não cumprimos a nossa parte.”

“Nós tentamos”, disse Klaus. “Tentamos cumprir a nossa parte.”

“Tentar não é o suficiente”, disse Violet. “Será que nós vamos tentar encontrar um de nossos pais? Será que nós vamos tentar derrotar o conde Olaf?”

“Conseguir”, disse Sunny com firmeza, e agarrou-se à perna da irmã, que a mirou com os olhos cheios de lágrimas.

“Por que estamos aqui?”, perguntou Violet. “Pensamos que escaparíamos dos problemas com esses disfarces, mas estamos pior do que quando começamos. Não sabemos o que significa C.S.C., não sabemos onde está o dossiê Snicket e não sabemos se um de nossos pais está vivo.”

“Podemos não saber algumas coisas”, disse Klaus, “mas isso não significa que devemos desistir. Ainda podemos descobrir o que precisamos, podemos descobrir qualquer coisa.”

Violet sorriu em meio às lágrimas. “Você fala como um pesquisador”, disse.

O Baudelaire do meio enfiou a mão no bolso e pegou seus óculos. “Eu sou um pesquisador”, disse, e avançou até a entrada da barraca. “Mãos à obra.”

“Ghede!”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “Quase me esqueci da biblioteca de arquivos históricos!”, e seguiu os irmãos barraca adentro.

Assim que os Baudelaire entraram, depararam com os preparativos para a fuga que madame Lulu arrumara, e ficaram muito tristes ao pensar que ela nunca mais retornaria à barraca para apanhar aquelas coisas. Seu kit de disfarces estava todo empacotado, aguardando junto à porta para ser levado na viagem. Havia uma caixa de papelão perto do armário, cheia de comida para a jornada. E sobre a mesa, ao lado da bola de cristal sobressalente e algumas peças do dispositivo de relâmpagos, havia um grande pedaço de papel rasgado e muito velho, mas que parecia poder ajudar os Baudelaire.

“É um mapa”, disse Violet. “É um mapa das Montanhas de Mão-Morta. Devia estar no meio dos papéis dela.”

Klaus colocou os óculos para examinar de perto o papel. “Deve fazer muito frio por lá nessa época do ano”, disse. “Não tinha me dado conta de que a altitude era tanta.”

“Não ligue para a altitude”, disse Violet. “Você consegue encontrar a base de operações que Lulu mencionou?”

“Vamos ver”, disse Klaus. “Há uma estrela junto ao desfiladeiro de Plath, mas a legenda diz que uma estrela indica um camping.”

“Legenda?”, perguntou Sunny.

“Essa tabela no canto do mapa é chamada de legenda”, explicou Klaus. “Está vendo? Quem fez o mapa explicou o que quer dizer cada símbolo, para evitar que o mapa fique abarrotado de observações.”

“Há um retângulo preto aqui na Cordilheira Richter”, disse ela. “Aqui para o leste, está vendo?”

“Um retângulo preto indica uma área de hibernação”, disse Klaus. “Deve haver um bocado de ursos nas Montanhas de Mão-Morta. Veja, há cinco áreas de hibernação perto das Nascentes Silenciosas e um agrupamento delas no topo do Pico da Penuna.

“E também aqui”, disse Violet, “no Vale das Correntezas que Sopram Constantes, onde parece que a madame Lulu derramou café.”

“Correntezas que Sopram Constantes!”, disse Klaus.

“C.S.C.!” , gritou Sunny.

Os Baudelaire examinaram juntos aquele ponto do mapa. O Vale das Correntezas que Sopram Constantes ficava no alto das Montanhas de Mão-Morta, onde devia fazer muito frio. O Arroio Enamorado começava nesse ponto e seguia sinuoso pelo sertão afora, até alcançar o mar. Durante esse percurso, o mapa mostrava muitas e muitas áreas de hibernação. Havia uma pequena mancha marrom no centro do vale, onde quatro gargantas da montanha se juntavam e onde madame Lulu devia ter derramado café, mas não havia nenhum sinal claro no mapa que indicasse uma base de operações ou qualquer coisa do gênero.

“Você acha que estamos na pista certa?”, perguntou Violet. “Ou será que esse novo C.S.C., é mais uma coincidência?”

“Eu achava que C.S.C, era algum tipo de organização de voluntários”, disse Klaus. “É o que estava escrito no caderno dos Quagmire, e o que disse Jacques Snicket.”

“Joiotriço?”, perguntou Sunny, o que queria dizer: “Mas onde mais poderia ficar a base de operações? Não existem outras marcas no mapa”.

“Bem, se C.S.C, é uma organização secreta”, disse Violet, “eles podem não indicar a localização de sua base de operações no mapa.”

“Ou pode haver marcas secretas”, disse Klaus, e inclinou-se para dar uma boa olhada na mancha. “Talvez isso não seja uma rele mancha de café”, disse ele. “Talvez seja uma marca secreta. Madame Lulu pode ter deixado cair um pouco de café aqui de propósito, para poder encontrar a base de operações sem que mais ninguém possa.”

“Acho que temos de viajar para lá”, disse Violet com um suspiro, “e descobrir.”

“Como vamos para lá?”, disse Klaus. “Não sabemos onde está a correia de ventilador.”

“Podemos não ter algumas peças”, respondeu Violet, “mas isso não quer dizer que devemos desistir. Posso construir alguma outra coisa.”

“Você fala como uma inventora”, disse Klaus.

Violet sorriu e tirou a fita de cabelo do bolso. “Eu sou uma inventora”, disse. “Vou dar uma olhada e ver se encontro algo que possa ser útil. Klaus, você procura na biblioteca de arquivos históricos.”

“Mas antes é melhor a gente tirar esse disfarce”, disse Klaus, “ou não poderemos ir para lados diferentes ao mesmo tempo.”

“Ingredi”, disse Sunny, o que queria dizer: “Enquanto isso vou checar se essa comida é suficiente para toda a viagem”.

“Boa idéia”, disse Violet. “É melhor andar depressa, antes que alguém nos pegue aqui.”

“Aí estão vocês!”, gritou alguém na entrada da barraca, e os Baudelaire deram um pulo. Com medo de ser reconhecidos, Violet enfiou rapidamente sua fita de volta no bolso e Klaus tirou os óculos. Conde Olaf e Esmé Squalor estavam diante da entrada de braços entrelaçados, como se fossem um casal de pais cansados mas felizes que chegasse em casa depois de um longo dia de trabalho, e não um cruel vilão e a sua ardilosa namorada que entravam numa Barraca do Destino depois de uma tarde de violência. Esmé Squalor tinha nas mãos um ramalhete de hera, provavelmente um presente de seu namorado, e o conde Olaf segurava uma tocha flamejante, que brilhava tão forte quanto os seus olhos perversos.

“Procurei vocês dois por toda parte”, disse ele. “O que estão fazendo aqui?”

“Decidimos que todas as aberrações podem se juntar a nós”, disse Esmé, “apesar de vocês não terem sido muito corajosos no fosso dos leões.”

“É uma oferta muito gentil”, disse Violet depressa, “mas vocês não gostariam de ter covardes como nós na sua trupe.”

“É claro que gostaríamos”, disse Olaf com um sorriso perverso. “Perdemos assistentes o tempo todo, é sempre bom ter alguns de reserva. Convidei até a mulher que cuida do trailer dos presentes para juntar-se a nós, mas ela estava preocupada demais com suas estatuetas para perceber que a oportunidade batia à sua porta.”

“Além disso”, disse Esmé, fazendo um cafuné na cabeça de Olaf, “vocês não têm escolha. Vamos tocar fogo neste parque de diversões e eliminar todas as provas de que estivemos aqui. A maioria das barracas já está em chamas, e os visitantes e trabalhadores do parque estão correndo para salvar suas vidas. Se vocês não se juntarem a nós, para onde vão?”

Os Baudelaire se entreolharam, desalentados. “Acho que vocês estão certos”, disse Klaus.

“É claro que estamos certos”, disse Esmé. “Agora dêem o fora daqui e ajudem-nos a arrumar o porta-malas.”

“Espere um minuto”, disse Olaf, e foi até a mesa. “O que é isso?”, perguntou. “Parece um mapa.”

“É um mapa”, admitiu Klaus com pesar, desejando tê-lo escondido no bolso. “Um mapa das Montanhas de Mão-Morta.”

“Das Montanhas de Mão-Morta?”, disse o conde Olaf, ansioso por examinar o mapa. “Ora, é para lá que estamos indo! Lulu disse que, se um dos pais dos Baudelaire estiver vivo, está escondido lá! O mapa mostra alguma base de operações?”

“Acho que os retângulos pretos indicam bases de operações”, disse Esmé, por cima do ombro de Olaf. “Sou muito boa em interpretar mapas.”

“Não, eles representam campings”, disse Olaf, checando a legenda, e então abriu um sorriso. “Espere um minuto”, disse, e apontou para a suposta mancha de café. “Não vejo uma dessas há muito tempo”, declarou, alisando o queixo descarnado.

“Uma mancha marrom?”, perguntou Esmé. “Você viu hoje mesmo, no café-da-manhã.”

“Esta é uma mancha codificada”, explicou Olaf. “Ainda menino me ensinaram a usar isso em mapas. Serve para marcar um local secreto sem que ninguém perceba.”

“Exceto um gênio”, disse Esmé. “Aposto que estamos indo para o Vale das Correntezas que Sopram Constantes.”

“C.S.C.”, disse o conde Olaf, e deu uma risadinha. “Esse mapa veio mesmo a calhar. Bem, vamos embora. Existe mais alguma coisa útil por aqui?”

Os Baudelaire olharam para a mesa, onde estava escondida a biblioteca de arquivos históricos. Embaixo da toalha preta decorada com estrelas prateadas estavam todas as informações que madame Lulu reunira para dar aos seus visitantes o que eles queriam. As crianças sabiam que todos os segredos importantes podiam ser encontrados no meio daquela papelada, mas estremeceram só de pensar no que o conde Olaf faria se tivesse acesso àquelas informações.

“Não”, disse Klaus. “Não há mais nada útil.”

O conde Olaf se ajoelhou na altura de Klaus e o encarou bem de perto com uma carranca horrível. Mesmo sem óculos, o Baudelaire do meio constatou que o conde Olaf não lavava a sua única sobranceira há um bom tempo, e pôde sentir bem de perto o seu hálito quando ele falou: “Acho que você está mentindo”, e agitou a tocha acesa na cara de Klaus.

“O que a minha outra cabeça falou é verdade”, disse Violet.

“Então o que é essa comida aqui?”, perguntou o conde Olaf, apontando para a caixa de papelão. “Você não acha que ela seria útil numa viagem longa?”

Os Baudelaire suspiraram de alívio. “Grr!”, rosou Sunny.

“Chabo lhe dá os parabéns pela sua inteligência, senhor”, disse Klaus, “e nós também. Não tínhamos reparado na caixa.”

“É por isso que eu sou o chefe”, disse Olaf, “porque sou esperto e tenho ampla visão das coisas.” Então deu uma risada perversa e pôs a tocha na mão de Klaus. “E agora”, disse, “quero que você toque fogo nesta barraca e depois traga a caixa de comida para o carro. Chabo, venha comigo. Tenho certeza de que vou encontrar alguma coisa em que você possa cravar os dentes.”

“Grr”, disse Sunny, duvidando.

“Chabo prefere ficar conosco”, disse Violet.

“Tanto faz o que Chabo prefere”, rosnou Olaf, e agarrou a mais jovem dos Baudelaire como se ela fosse uma melancia. “E agora, mãos à obra.”

O conde Olaf e Esmé Squalor saíram da barraca com Chabo, deixando os Baudelaire mais velhos com a tocha flamejante.

“É melhor pegar a caixa primeiro”, disse Klaus, “e atear fogo na barraca pelo lado de fora. Caso contrário, vamos acabar cercados pelas chamas.”

“Vamos mesmo seguir as ordens de Olaf?”, perguntou Violet, olhando para a mesa. “Podemos ficar e conseguir todas as respostas que procuramos na biblioteca de arquivos históricos.”

“Acho que não temos escolha”, disse Klaus. “Olaf ateou fogo em quase todo o parque, e viajar com ele é a única possibilidade de chegar às Montanhas de Mão-Morta. Nem você tem tempo para inventar alguma coisa nem eu tenho tempo para pesquisar na biblioteca.”

“Podíamos encontrar um empregado do parque”, disse Violet, “e pedir ajuda.”

“Todo mundo pensa que somos aberrações, ou então assassinos”, disse Klaus. “Às vezes, até eu penso.”

“Se nos juntarmos ao conde Olaf”, disse Violet, “talvez fiquemos ainda mais aberrantes e sanguinários.”

“Mas e se não nos juntarmos a ele”, perguntou Klaus, “para onde podemos ir?”

“Não sei”, disse Violet, tristemente, “mas isso não pode ser a coisa certa a fazer, pode?”

“Talvez esse seja o tipo da atitude doida varrida”, disse Klaus, “como disse Olívia.”

“Talvez”, disse Violet, e foi desajeitadamente com o irmão até a caixa de comida. Enquanto Klaus segurava a tocha acesa, Violet pegou a caixa, e os dois Baudelaire deixaram a Barraca do Destino pela última vez.

Quando pisaram do lado de fora, parecia que a noite já tinha caído, mas em vez do famoso crepúsculo azul, o céu do sertão estava preto de fumaça. Olhando em volta, Violet e Klaus viram que muitas barracas e trailers já estavam em chamas, como dissera o conde Olaf, e as labaredas golfavam espirais de fumo negro para cima. Rente aos Baudelaire, os últimos visitantes

corriam para escapar da traição de Olaf, enquanto os leões, ainda presos no fosso, soltavam rugidos de desespero.

“Esse não é o tipo de violência de que eu gosto!”, gritou o homem das espinhas, tossindo no meio da fumaça. “Gosto quando os outros estão em perigo!”

“Eu também!”, disse a repórter de O Pundonor Diário, correndo ao lado dele. “Olaf me contou que os Baudelaire são os responsáveis! Já posso ver a manchete: ‘ÓRFÃOS BAUDELAIRE PROSSEGUEM EM VIDA DE CRIMES!’”

“Que tipo de criança faria algo tão horrível?”, perguntou o homem das espinhas, mas antes que Violet e Klaus pudessem ouvir a resposta, a voz do conde Olaf se impôs.

“Depressa, aberração de duas cabeças!”, gritou ele da esquina. “Se não vier aqui neste minuto, vamos embora sem você!”

“Grr!”, Sunny rosnou, e sob o reverberar da voz espúria da irmãzinha, os Baudelaire mais velhos atiraram a tocha acesa na Barraca do Destino e correram na direção de Olaf sem olhar para trás, embora não fosse fazer diferença se tivessem olhado. Havia tanto fogo e tanta fumaça que uma barraca em chamas a mais não teria alterado nem um pouco a aparência do parque. A única diferença seria ter a consciência de que uma parte do incêndio lhes concernia, uma frase que aqui significa “saber que ajudaram Olaf a botar fogo no parque”, e embora nem Violet nem Klaus tivessem visto com seus próprios olhos o que fizeram, no fundo sabiam, e duvido que jamais tenham se esquecido.

Quando os Baudelaire mais velhos dobraram a esquina, os outros comparsas de Olaf aguardavam-nos junto ao automóvel preto. Hugo, Colette e Kevin estavam no banco de trás com as duas mulheres de cara branca, e Esmé Squalor estava na frente, com Sunny no colo. Enquanto o homem de mãos de gancho colocava a caixa de comida no porta-malas, o conde Olaf apontou para o trailer das aberrações com o chicote, agora muito mais curto e desgastado nas pontas.

“Você vai viajar ali”, disse. “Vamos amarrar o trailer no carro e rebocá-lo.”

“Será que não tem lugar no carro?”, perguntou Violet, nervosa.

“Não seja ridícula”, disse o homem de mãos de gancho com desdém. “Já tem gente demais. Ainda bem que Colette é contorcionista, assim ela pode viajar como uma bola nos nossos pés”.

“Chabo já roeu o meu chicote para transformá-lo em corda”, disse o conde Olaf. “Vou amarrar o trailer com um nó qualquer no carro, e então podemos partir na direção do poente.”

“Desculpe”, disse Violet, “mas conheço um nó chamado Língua do Diabo que talvez possa segurar melhor.”

“E, se estou lembrado do mapa”, disse Klaus, “devemos seguir na direção do nascente, até o Arroio Enamorado; portanto devemos ir na outra

direção, afastando-nos do poente.”

“Sim, sim, sim”, disse depressa o conde Olaf. “Foi o que eu quis dizer. Trate de amarrar sozinho, se quiser. Vou dar partida no motor.”

Olaf jogou a corda para Klaus, e o homem de mãos de gancho procurava no porta-malas um par de walkie-talkies, o mesmo que as crianças viram na época em que moraram na casa de Olaf.

“Pegue um, aberração de duas cabeças”, disse ele, pondo um dos aparelhos na mão de Violet, “assim poderemos manter contato.”

“Depressa!”, latiu Olaf, pegando o outro walkie-talkie. “O ar está se enchendo de fumaça.”

O vilão e seus comparsas entraram no automóvel, e Violet e Klaus se ajoelharam para amarrar o trailer. “Não acredito que estou usando este nó para ajudar o conde Olaf”, disse ela. “Tenho a sensação de estar usando meus talentos de inventora para uma coisa maligna.”

“Todos nós”, disse Klaus, taciturno. “Sunny usou os dentes para fazer uma corda daquele chicote, e eu usei meus conhecimentos cartográficos para guiar Olaf.”

“Pelo menos, vamos chegar lá”, disse Violet, “e talvez um de nossos pais esteja aguardando por nós. Pronto. Está amarrado. Vamos para o trailer.”

“Eu gostaria que Sunny viajasse conosco”, disse Klaus.

“Ela vai”, respondeu Violet. “Não estamos indo para as Montanhas de Mão-Morta do jeito que queríamos, mas estamos indo, e é isso o que importa.”

“Espero”, disse Klaus, e ele e sua irmã entraram no trailer das aberrações. Olaf deu partida no motor e o trailer começou a oscilar levemente enquanto o automóvel o rebocava para longe do parque de diversões. As redes balançavam e a arara de roupas rangia, mas o nó que Violet amarrara agüentou firme, e os veículos começaram a viajar na direção indicada por Klaus.

“Acho que podemos nos acomodar”, disse Violet. “Vamos viajar durante um bom tempo.”

“Por toda a noite, pelo menos”, disse Klaus, “e provavelmente pela maior parte do dia de amanhã. Espero que eles dividam a comida conosco.”

“Talvez possamos fazer chocolate quente mais tarde”, disse Violet.

“Com canela”, disse Klaus, sorrindo ao se lembrar da receita de Sunny. “Mas o que vamos fazer enquanto isso?”

Violet suspirou e sentou-se com Klaus numa mesma cadeira. Embalada pelo leve sacolejar do trailer, repousou a cabeça na mesa e largou o walkie-talkie ao lado do jogo de dominó. “Vamos nos sentar”, disse, “e pensar um pouco.”

Klaus concordou e os dois Baudelaire ficaram pensando durante o resto da tarde, enquanto o automóvel os arrastava para cada vez mais longe do parque de diversões em chamas. Violet tentou imaginar como seria a base de operações de C.S.C., esperando que um de seus pais estivesse lá. Klaus tentou

imaginar sobre o que Olaf e sua trupe conversavam, esperando que Sunny estivesse bem. E ambos pensaram sobre o que lhes acontecera no Parque Caligari, e se perguntaram se estariam ou não fazendo as coisas certas. Tinham se disfarçado para responder às suas perguntas, e agora essas respostas ardiam junto com a mesa de madame Lulu e toda a sua biblioteca de arquivos históricos. Eles tinham encorajado seus colegas de trabalho a trabalhar onde não fossem considerados aberrações, e agora faziam parte da trupe maligna do conde Olaf. Tinham prometido à madame Lulu que a levariam C.S.C, para que ela voltasse a ser nobre, mas ela caíra no fosso dos leões e agora não passava de um petisco. Violet e Klaus pensaram em todas as dificuldades que enfrentavam, e se perguntaram se tudo aquilo era um simples infortúnio, ou se eles eram culpados de alguma coisa. Pensar naquilo tudo não era agradável, mas ainda assim era preferível a se esconder e mentir e elaborar planos frenéticos. Era tranquilo ficar sentados no trailer das aberrações, pensando no que aconteceu, mesmo quando o trailer se inclinou um pouco para começar a subir as Montanhas de Mão-Morta. Ficar sentado pensando era tão tranquilo que tanto Violet quanto Klaus tiveram a sensação de estar despertando quando a voz do conde Olaf ressoou no walkie-talkie.

“Vocês estão aí?”, perguntou. “Apertem o botão vermelho e falem!”

Violet esfregou os olhos, pegou o walkie-talkie e segurou-o numa posição em que tanto ela quanto o irmão pudessem ouvir. “Estamos aqui”, disse.

“Acho bom”, retrucou Olaf, “porque eu queria dizer a vocês que aprendi mais uma coisa com madame Lulu.”

“O quê?”, quis saber Klaus.

Houve uma pausa, e as crianças ouviram as gargalhadas cruéis que vinham do pequeno dispositivo. “Fiquei sabendo que vocês são os Baudelaire!”, gritou o conde Olaf, triunfante. “Fiquei sabendo que vocês três fedelhos me seguiram até aqui e me enganaram com disfarces vis. Mas eu sou esperto demais para vocês!”

Olaf começou a rir de novo, mas por trás de suas gargalhadas os dois irmãos ouviram outro som que os deixou tão cambaleantes quanto o trailer em que estavam. Era Sunny, que chorava de medo.

“Não a machuque!”, gritou Violet. “Não se atreva a machucá-la!”

“Machucá-la?”, rosnou Olaf. “Ora, eu nem sonharia em machucá-la! Afinal, preciso de um órfão para me apoderar da fortuna. Primeiro quero ter certeza de que seus pais estão mortos, e depois vou usar Sunny para ficar muito, muito rico! Não, eu não me preocuparia com essa coisinha insignificante de dentes afiados, não ainda. Se eu fosse vocês, me preocuparia com vocês mesmos! Digam adeus à irmãzinha, Baudepirralhos!”

“Mas estamos presos um ao outro”, disse Klaus. “Atrelamos o trailer ao seu carro.”

“Olhem pela janela”, disse o conde Olaf, e desligou o walkie-talkie. Violet e Klaus se entreolharam, depois se puseram em pé, cambaleantes, e

afastaram a cortina da janela. A cortina se abriu como num palco de teatro, e se eu fosse você, faria de conta que isso é uma peça de teatro — talvez uma tragédia de William Shakespeare — e que você está saindo antes do final para se esconder debaixo do sofá, porque vai se lembrar de que existe uma expressão que, lamento dizer, deve ser usada três vezes antes que esta história termine, e é no décimo terceiro capítulo que ela será usada pela terceira vez. O capítulo é curto, porque o fim desta história aconteceu tão depressa que não é preciso muitas palavras para descrevê-lo, mas de fato o capítulo descreve a terceira situação que pede a expressão “barriga da fera”, e seria sensato que você fosse embora antes de o capítulo começar, porque o tempo aqui pouco importa.



CAPÍTULO TREZE

Violet e Klaus abriram a cortina e perderam o fôlego com o que viram. Na frente deles estava o automóvel preto e comprido, seguindo seu caminho tortuoso estrada acima, rumo aos picos das Montanhas de Mão-Morta. Eles não podiam ver sua irmãzinha bebê, que estava aprisionada no banco da frente com Olaf e sua infame namorada, mas podiam imaginar como ela estava assustada e desesperada. E eles também ficaram assustados e desesperados com o que viram, algo que eles nunca imaginaram ser possível.

Hugo estava debruçado para fora da janela traseira do automóvel, com a corcunda escondida no casaco que Esmé Squalor lhe dera, segurando firme os tornozelos de Colette, que por sua vez retorcera o corpo em volta da traseira do carro, de tal modo que sua cabeça tinha ido parar no meio do portamalas, entre dois buracos de bala, e segurava firme os tornozelos ambidestros de Kevin, formando com eles uma espécie de cadeia humana que terminava na faca comprida e afiada que o corcunda segurava nas mãos. Kevin encarou Violet e Klaus, sorriu triunfante para os ex-colegas de trabalho, e desceu a faca com toda a força sobre o nó que Violet amarrara.

O nó Língua do Diabo é muito forte, e normalmente uma faca demoraria para cortá-lo, mesmo uma muito afiada, mas a força idêntica dos dois braços de Kevin fez com que a faca descesse com uma força aberrante, em vez de normal, e num instante o nó se partiu em dois.

“Não!”, berrou Violet.

“Sunny!”, gritou Klaus.

Desatrelados, os dois veículos começaram a se movimentar em direções opostas. O carro do conde Olaf continuou montanha acima, mas o trailer, sem nada para puxá-lo ou brecá-lo, começou a deslizar para trás, como uma laranja deslizaria por uma escada. Os veículos se distanciavam cada vez mais, e os três Baudelaire gritavam — mas Klaus e Violet no trailer desgovernado, e Sunny no automóvel dos vilões. E apesar de o conde Olaf estar cada vez mais perto do que ele queria e os Baudelaire mais velhos cada vez mais longe, parecia que os três irmãos acabariam chegando no mesmo lugar. Enquanto o automóvel do conde Olaf se movia para a frente, e o trailer se movia para trás, os órfãos Baudelaire sentiram que estavam todos se movendo para dentro da barriga da fera, e que o tempo, lamento dizer, importava muito, muito mesmo.



Ao meu amável e ator,

Espero que o senhor leia esse cart. Aqui
está fazendo tanto frio que a dita da
máquina de escrever se trava.

Aqui no Vale das
Correntezas que , a gélida tem
e os resultados são um tanto

Como os meus inimigos chegaram mais
perto, simplesmente não é seguro pôr o
manuscrito inteiro Baudelaire

, intitulado ou, em inglês, THE
SLIPPERY SLOPE, no seu
Em vez disso, estou levando cada um dos
treze capítulos
em lugares diferentes.

"O mundo

Ela lhe entregará uma chave que
o primeiro capítulo, assim
como uma fotografia rara de um enxame de
, para ajudar o sr. Helquist a
ilustrar. SOB NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA O
SENHOR DEVE O

três vezes.

Lembre-se, o se última esperança de
que a história de
ao grande púb

e pe i am nte,

Lemony Nick t